Ana Isabel de Figueiredo Ferreira

AVALIAÇÃO MOTORA PARA A PESSOA DEFICIENTE MENTAL NAS APAEs DA REGIÃO DE CAMPINAS - SP : UM ESTUDO DE CASO

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

Campinas
1997

Ana Isabel de Figueiredo Ferreira

AVALIAÇÃO MOTORA PARA A PESSOA DEFICIENTE MENTAL NAS APAEs DA REGIÃO DE CAMPINAS - SP : UM ESTUDO DE CASO

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

Orientador: Prof. Dr. Edison Duarte

Campinas
1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA :
T/Unicamp
F413a
V. Ex.
TOMBO BC/ 32205
PROC. 281/97
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 25/11/97
N.º CPD

CM-00103137-4

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Ferreira, Ana Isabel de Figueiredo

F413a Avaliação motora para a pessoa deficiente mental nas APAEs da região de Campinas - SP: um estudo de caso / Ana Isabel de Figueiredo Ferreira. -- Campinas, SP : [s. n.], 1997.

Orientador: Edison Duarte

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Deficiência mental. 2. Deficientes mentais. 3. Educação especial. 4. Educação Física para deficientes. I. Duarte, Edison. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Ana Isabel de Figueiredo Ferreira, e aprovada pela Comissão Julgadora em 20 de outubro de 1997.

Data: 27-10-1997

Assinatura:

Dedico este trabalho

a minha mãe, Elza, pela incansável colaboração e afeto em cuidar de meus filhos, o que possibilitou dedicar-me à realização desta pesquisa;

a meus filhos, Thomás e Paula, motivos de orgulho e alegria, pelo estímulo e carinho que me dispensaram durante todos os momentos desta jornada;

ao Sérgio, maior incentivador, expresso meu amor e gratidão pelo apoio de vital importância em cada página escrita e em cada hora de trabalho.

Meus sinceros agradecimentos

ao Prof. Dr. Edison Duarte, orientador e grande amigo que, com suas preciosas contribuições, soube conduzir este trabalho de forma dinâmica e competente;

aos Prof.^{s} Dr.^{s} Antonia Dalla Pria Bankoff, Júlio Romero Ferreira, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares e Reginaldo Zaccara de Campos, responsáveis diretos pelo meu crescimento profissional e acadêmico;

em especial, à Prof^{a}. Dr^{a}. Maria Tereza Eglér Mantoan pela disponibilidade, apoio e valiosas sugestões, de fundamental importância para que este trabalho se concretizasse;

à Direção da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela oportunidade oferecida;

à Federação das APAEs do Estado de São Paulo, na figura de seu presidente, Sra. Lair Moura Sala Malavilla, por permitir e facilitar a realização deste estudo;

às APAEs do Estado de São Paulo, pela expressiva participação nesta pesquisa;

aos profissionais das APAEs da região de Campinas, pela atenção e colaboração;

ao Prof. Dr. Roberto Vilarta, pela consideração e pronta acolhida no início desta caminhada;

ao Prof. Dr. David Antônio Rodrigues, pela amizade e importantes contribuições acadêmicas a este estudo;

aos amigos e colegas José Luiz Rodrigues, Paulo Ferreira de Araújo e José Júlio Gavião de Almeida, pelo prazer de compartilhar esta jornada, pela fraternidade sempre presente e tão difícil de encontrar, nos dias de hoje, e pela conversa que, muitas vezes, conforta mais que um abraço;

aos Professores e amigos, Maria Lúcia e Antonio Carlos Francischetti, incentivadores constantes em minha carreira acadêmica;

aos colegas e funcionários do Departamento de Atividade Física Adaptada;

aos funcionários da Biblioteca FEF/Unicamp, em especial à Dulce, pela revisão bibliográfica;

aos monitores Graciele, Nelma, Joslei, Luzia, Andréa, Maria Isabel, Marília, Suzana, Sueli, Sílvia, Jaqueline e Edson, responsáveis pelo trabalho desenvolvido com o grupo de alunos deficientes mentais;

à Sra. Ana Lídia Albejante, pelo carinho e atenção prestados;

ao Sr. Paulo Eduardo K. Leitão, pelo inestimável auxílio;

aos colegas, funcionários, alunos da Faculdade de Educação Física da Unicamp e a todos que, direta ou indiretamente, me incentivaram durante a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO 1

ABSTRACT 2

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO 1

1.1 - Terminologia e Evolução Conceitual da Deficiência Mental 6

1.2 - Educação Física Adaptada ou Especial 17

1.3 - Avaliação 22

1.4 - APAE: Breve Histórico 29

CAPÍTULO 2

Procedimentos Metodológicos 32

Análise dos Dados Obtidos na Pesquisa Exploratória 34

2.1 - Transcrição Literal das Entrevistas realizadas nas APAEs da Região de Campinas - SP 38

2.2 - Resultados 80

CAPÍTULO 3

3.1 - Discussão 84

3.2 - Avaliação do Comportamento Adaptativo: Um Caminho para o trabalho motor com o deficiente mental 88

3.2.1 - Sugestão de Estrutura de Trabalho Motor para a Pessoa Deficiente Mental 94

3.2.2 - Sugestão de Ficha de Avaliação em Atividade Motora Adaptada, baseada no Comportamento Adaptativo 95

3.2.3 - Sugestão de Ficha para Orientação do Professor 96

CONCLUSÃO 97

BIBLIOGRAFIA 99

ANEXO 103

RESUMO

Este estudo investigou os modelos de avaliação utilizados pelos profissionais da área de Educação Física Adaptada para pessoa portadora de deficiência mental, nas Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) da região de Campinas, Estado de São Paulo, bem como verificou se, nos programas de atenção aos deficientes mentais, a avaliação em Educação Física foi devidamente considerada.

As informações obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas proporcionaram subsídios para uma reflexão a respeito do tema e revelaram que as avaliações realizadas nas APAEs da região de Campinas, pelos profissionais da área de Educação Física Adaptada, salvo exceção, são efetuadas através de observação informal, não criteriosa e não sistemática. Os dados fornecidos por essas observações não são utilizados pelos profissionais para elaborar um programa educacional adequado a essa clientela.

Observou-se que os profissionais de Educação Física dessas instituições carecem de embasamento teórico mais consistente na área, que lhes forneça respaldo e segurança para atuar junto ao deficiente. Torna-se necessária também a realização de uma auto-avaliação que indique com precisão as dificuldades profissionais que enfrentam, bem como as limitações dos procedimentos utilizados.

Ficou comprovada, também, a necessidade cada vez maior de as Faculdades de Educação Física contemplarem, em seus *curricula*, disciplinas que abordem questões relacionadas às pessoas portadoras de deficiências. A maioria dos indivíduos entrevistados sugere sejam oferecidos mais cursos na área da Educação Física Adaptada, para todos os profissionais interessados numa reciclagem ou aperfeiçoamento.

Apontamos neste trabalho uma proposta de avaliação baseada no comportamento adaptativo, que poderá servir como caminho para futuras investigações dos profissionais da área de Educação Física Adaptada, de acordo com o conceito de deficiência mental adotado pela *American Association on Mental Retardation* (A.A.M.R.) *in* Luckasson *et allii* (1992).

ABSTRACT

The present study examined the models used by Adaptated Physical Education professionals for the evaluation of mentally handicapped people at the Associations of Parents and Friends of Exceptionals (APAEs) located in the region of Campinas - SP and also verified whether Physical Education was taken into consideration in mentally handicapped care programs.

The information obtained through semi-structured interviews brought subsidies for a reflection concerning the issue and pointed out that the evaluations carried out by Adaptated Physical Education professionals at the APAEs located in the region of Campinas, with some exceptions, are made through informal, non-judicious and non-systematic observation, and the data obtained by means of those observations are not used by the professionals to elaborate an educational program suitable to that clientele.

It was observed that the Physical Education professionals of those institutions lack a more consistent theoretical background in this area, which would give them support and confidence to work with the handicapped, as well as undergo a self-evaluation which would point out their professional weak spots and limitations regarding the procedures used.

We were also able to confirm the need for the Physical Education colleges to contemplate in their *curricula* disciplines that deal with issues related to the handicapped. The majority of the subjects interviewed suggested that more courses in the area of Adaptated Physical Education should be available for all of the professionals interested in improvement.

In this work, according to the concept of mental handicap adopted by the American Association on Mental Retardation (A.A.M.R.) in Luckasson *et allii* (1992), on adaptive behavior, we propose a form of evaluation, based in that behavior, which may serve as a pathway for future investigations carried out by Adaptated Physical Education professionals.

INTRODUÇÃO

A complexidade do tema — Avaliação — forneceu a motivação para a escolha desse assunto nesta pesquisa, dando continuidade aos trabalhos que vêm sendo realizados, há dez anos, na área de Educação Física Adaptada na FEF-Unicamp, com pessoas deficientes mentais. Durante esse período, pudemos observar que o processo de avaliação tem sido muito questionado e utilizado inadequadamente por alguns profissionais da área. Essas dificuldades são atribuídas a uma defasagem de conteúdos nas informações acadêmicas recebidas e também à pouca importância atribuída ao processo.

Dentro do sistema educacional, a Educação Física vem se firmando como um dos seus elementos básicos e fundamentais, com ênfase, a partir da década de 50, para a área da Atividade Física Adaptada ou Especial, como revelam, por exemplo, a *"Carta Internacional da Educação Física da Unesco"* e a *"Carta Européia para Todos"* (Rosadas,1989).

Verifica-se atualmente, em nossa área, um interesse e uma atuação mais efetivos junto à pessoa portadora de deficiência. Essa atuação certamente aprofundará os estudos e pesquisas, em diversos tipos de trabalhos motores direcionados a essa população.

A compreensão do corpo e da ludicidade alteraram efetivamente os caminhos das pesquisas. Isso representou, sem dúvida, um avanço para a humanidade pois, no passado, as deficiências muitas vezes eram confundidas com doenças e os deficientes, principalmente os mentais, eram negligenciados, segregados, estigmatizados e exterminados, vítimas da ignorância.

As terminologias e conceitos inadequados utilizados, principalmente em relação à deficiência mental, foram sendo revistos e alterados, em decorrência dos estudos de diferentes pesquisadores que revelaram condições de educabilidade para esses indivíduos.

Essa tendência é animadora, ao refletirmos sobre o conceito atual da deficiência mental da *American Association on Mental Retardation (A.A.M.R.)*, segundo Luckasson *et allii* (1992), que menciona, além do déficit intelectual ocorrido no período de desenvolvimento, as dificuldades apresentadas nas áreas de funcionamento do comportamento adaptativo. O conceito enfatiza maior atenção às atividades com significado funcional e os programas de atenção à pessoa portadora de deficiência devem contemplar as atividades que desenvolvam as condições globais do indivíduo, para sua melhor adaptação ao meio. Dessa forma, a elaboração de programas de atividades motoras deverá abordar as peculiaridades e necessidades de cada educando.

Considerando, entretanto, as características individuais da pessoa deficiente mental e para que um trabalho nessa área possa os atingir resultados esperados, há necessidade de avaliar os vários aspectos do comportamento adaptativo.

Apesar das controvérsias em relação à utilização da avaliação no processo educacional, ela é importante na medida que nos permite conhecer o perfil do indivíduo avaliado, propiciando a elaboração de um programa de atividades adequado, com intervenções seguras. Cabe frisar que não apenas os dados da avaliação determinam os tipos de intervenções a ser utilizados, mas também a postura do aluno, ao longo da intervenção, determina o tipo de avaliação a ser desenvolvida.

De maneira geral, a avaliação deve ser feita de forma dinâmica e contínua. Devem ser inseridas observações sistemáticas dos profissionais que atuam, diária e diretamente, com o indivíduo avaliado, bem como testes padronizados e entrevistas com pessoas que interagem no processo, entre outros procedimentos. Quanto mais detalhada a avaliação, maiores serão as possibilidades de se perceber com clareza as etapas de desenvolvimento em que os indivíduos se encontram.

Considerando a importância do tema, foi selecionada, como objeto de estudo, uma análise da avaliação em Educação Física Adaptada que vem sendo realizada com a pessoa deficiente mental nas APAEs da região de Campinas - SP. Escolhemos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, por ser considerada uma das mais significativas instituições filantrópicas do Brasil no atendimento ao deficiente mental.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar os modelos de avaliação utilizados pelos profissionais da área de Educação Física Adaptada, nas APAEs da região de Campinas, e propor a avaliação em atividade motora adaptada baseada no comportamento adaptativo. O objetivo específico foi o de verificar se, nos programas de atenção aos deficientes mentais, a avaliação em Educação Física Adaptada está sendo considerada. As reflexões deste estudo foram centradas no relato desses profissionais e na discussão dos conteúdos e dos processos de avaliação utilizados por essas instituições.

Para isso, foi elaborado um estudo de caso nessas instituições. Procedemos a uma coleta sistemática de informações, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com o profissional de Educação Física e equipe multidisciplinar. Verificamos também a existência de protocolos de avaliação que levassem à descoberta de fatos significativos acoplados aos pressupostos da pesquisa.

O embasamento teórico foi obtido a partir de um levantamento bibliográfico sobre "Terminologia e Evolução Conceitual da Deficiência Mental", contido no primeiro capítulo juntamente com reflexões sobre a "Educação Física Adaptada", bem como uma abordagem

sobre "Avaliação", a fim de constatar de que forma esse tema está sendo conceituado, considerado e utilizado nos programas de ensino.

O segundo capítulo deste trabalho contém a análise e interpretação das respostas obtidas nas entrevistas, destacando os elementos que caracterizam as formas de avaliação elaboradas nessas instituições e seus resultados.

O último capítulo apresenta uma síntese das principais discussões levantadas no decorrer do texto. Consideramos ainda a importância da avaliação do comportamento adaptativo para o deficiente mental e, nesse sentido, sugerimos uma proposta de avaliação em Educação Física Adaptada baseada no comportamento adaptativo.

CAPÍTULO 1

1.1 - TERMINOLOGIA E EVOLUÇÃO CONCEITUAL DA DEFICIÊNCIA MENTAL

> *"É sempre importante sublinhar que o desconhecimento é a matéria-prima para a perpetuação das atitudes preconceituosas e das leituras estereotipadas da deficiência — seja esse desconhecimento relativo ao fato em si, às emoções geradas ou às reações subseqüentes". (Amaral,1994)*

Termos e conceitos inadequados relativos ao portador de deficiência, utilizados em épocas remotas de forma pejorativa, suscitaram muitos estudos. As pessoas deficientes mentais foram tratadas com desrespeito até meados do século XVIII, porém, segundo Ferreira (1990), *"com a Revolução Industrial, ocorrida em meados do século XVIII, os deficientes foram encaixados como 'peça relativamente útil' na máquina da produção, sendo vistos com um pouco mais de atenção pelos pesquisadores e pela sociedade".* Até hoje, percebe-se o empenho diário de suas famílias e de profissionais ligados a diferentes áreas do conhecimento, no sentido de ampliar as oportunidades dos deficientes mentais aos mais variados tipos de atividade humana, fazendo-os reagir por seus próprios meios aos desafios da vida, *"apoiando-os na resolução de conflitos sem contudo barrar suas iniciativas, pela imposição de soluções prontas, extremas, protecionistas"* (Mantoan, 1989).

A sociedade valoriza conceitos culturais e estabelece padrões de comportamentos que direcionam para o que é correto ou não, feio ou bonito, bom ou mau, normal ou anormal. No senso comum, os conceitos de normalidade e anormalidade são freqüentes e raramente conseguem definir quais os limites entre o que é ou não normal. A concepção de normalidade é uma forma sutil e velada de discriminação.

Os termos descritivos da deficiência mental, como enfatiza Fonseca (1987), *"procuram compreender a natureza do problema, tendo sido considerados por autores como Esquirol, Ireland, Pinel, Zazzo, Inhelder, Luria, Doll, entre outros, em diferentes momentos históricos e em diferentes áreas do conhecimento."* Muitos termos inadequados, tais como: cretino, imbecil, idiota, estúpido, subnormal intelectual, subnormal mental, anormal, amente, oligofrênico, louco, retardado mental, excepcional, débil mental, entre outros, podem ser observados na literatura, ao longo do tempo.

Especificamente, o termo "deficiente mental" surgiu no Congresso de Genebra, em 1939, numa tentativa de padronizar mundialmente a referência, como substituto ao termo

"anormal", que é por demais genérico. Foi incorporado à literatura educacional brasileira a partir de 1970 (Brasil, 1974).

Ainda nessa década, a Organização das Nações Unidas - ONU manifestou-se a favor de lançar mundialmente o termo *"pessoa deficiente"*, reconhecido e adotado também por entidades como: *American Disability Act*; *Vocational Rehabilitation Commitee*; *World Rehabilitation Association*; *National Institute on Desability and Rehabilitation Research*; *Unesco; Liga Internacional de Associação em Favor de Pessoas com Deficiência Mental,* entre outras.

Na "Declaração dos Direitos do Deficiente", aprovada pela Assembléia Geral da ONU em 9 de dezembro de 1975 e publicada no Correio da UNESCO em 1981, está especificado, em seu Artigo 1º, que o termo **deficiente** *"designa toda pessoa em estado de incapacidade de prover por si mesma, no todo ou em parte, as necessidades de uma vida pessoal ou social normal, em conseqüência de uma deficiência congênita ou não de suas faculdades físicas ou mentais"* (ONU, 1981).

Na década de 80, movimentos nacionais das pessoas deficientes propuseram a utilização dos termos *"pessoas portadoras de deficiência"*. **Pessoa** é sinônimo de ser humano, passível, portanto, de desenvolvimento. **Portador** significa que traz consigo ou em si algum tipo de limitação. Ser portadora de deficiência, portanto, é ser uma pessoa que, embora possua uma imperfeição, por causa congênita ou não, apresenta capacidades e necessidades e, como qualquer outra, é passível de desenvolvimento (Pellegrini e Junghanel, no prelo).

Para Fonseca (1987), o termo *"deficiente mental"* tem uma conotação forte, pois refere-se *"a qualquer pessoa que seja incapaz de assegurar por si própria, total ou parcialmente, as necessidades que uma vida independente requer, ocasionada por um problema congênito ou adquirido"*. Este autor ressalta que *"a deficiência mental, sendo um termo de origem médica, é definido por critérios não médicos, isto é, por critérios éticos, morais, legais, psicossociais, etc."* Adotamos neste estudo o termo **pessoa deficiente mental**.

Outro aspecto considerado em nosso estudo é relativo à evolução conceitual da deficiência mental. Alguns autores, entre eles Fonseca (1987), não concordam com conceitos e definições, *"pois normalmente são inúteis em termos de direitos humanos. A maioria das definições são desnecessárias e potencialmente negativistas face às expectativas que criam"*, porém os autores acreditam que elas facilitam a comunicação, a investigação e a intervenção. Para Mendes (1995), *"uma definição deve marcar limites, ou delinear as fronteiras que permitam delimitar algo particular num universo ilimitado"*.

Pesquisadores como Pessotti (1984) apontam a não existência de estudos científicos sobre a deficiência mental antes do século XIX. Até o século XVIII essa deficiência era abordada como um conjunto de aspectos deficitários, ainda não diferenciados.

O primeiro autor a discorrer (ainda que equivocadamente) sobre o tema foi Fodéré (1791), apontado em Pessotti (1984), que se referia ao bócio como uma moléstia herdada, levando quem a adquirisse ao cretinismo e, conseqüentemente, à degenerescência, colocando em risco a raça humana (Tratado do Bócio). Essa idéia perdeu a validade quando descobriu-se a causa patológica do bócio, por disfunção da glândula tireóide.

Esses estudiosos não levavam em conta o fato de que doença mental e deficiência mental não significavam a mesma coisa, tratando esses problemas da mesma maneira. Esquirol foi o primeiro médico a diferenciá-las em 1818, afirmando que *"o homem louco é privado dos bens de que outrora gozava, é um rico tornado pobre. O idiota sempre esteve no infortúnio e na miséria. O estado do homem louco pode variar, o do idiota é sempre o mesmo."* (Regen, Ardore e Hoffmann, 1993). Cita ainda que, *"através de suas carências e seus defeitos, o idiota se distingue do 'normal' como a imperfeição da perfeição."* (Esquirol, 1818 *in* Mendes, 1995).

Para Esquirol, a questão da falta de inteligência, a noção de irrecuperabilidade e a etiologia orgânica atribuída à condição foram os principais aspectos que influenciaram nas definições posteriores da deficiência mental.

Em 1846, Édouard Sèguin provocou uma revolução na teoria da deficiência mental. Ele considerou que o sistema nervoso era a parte orgânica afetada, o que poderia ocorrer na forma de uma afecção crônica do todo ou parte das massas nervosas (dando origem à idiotia profunda) ou de uma afecção parcial ou total dos aparatos nervosos que se manifestaria nos tecidos (provocando a idiotia superficial) (Mendes,1995). Sèguin foi capaz de reconhecer o benefício que o treino sensório-motor poderia proporcionar ao desenvolvimento dos deficientes mentais (Regen, Ardore e Hoffmann,1993).

Em 1857 surge outra teoria, a de Morel, a respeito do referido assunto, supondo a ocorrência de *"uma degeneração psíquica, moral e intelectual progressiva de geração em geração"* (Mendes,1995).

Os estudos médico-literários desse período foram analisados e sintetizados por Pessotti (1984) da seguinte forma:

- no início do século XIX, predominava a idéia da hereditariedade, tendo como conseqüência a degenerescência da raça humana;

- em meados do século XIX, a idiotia era reconcebida como entidade fisiológica e psíquica e, na última década desse século, passou a receber graus que serviriam de parâmetros para classificação.

Os pontos comuns percebidos nas várias definições limitavam-se à inadequação social e incompetência intelectual da pessoa deficiente.

Ainda no século XIX, alguns homens tais como: Phillippe Pinel, Jean Gaspar Itard e Édouard Sèguin começaram a contestar as noções predominantes que vigoravam até então, vislumbrando a possibilidade da educação do deficiente mental. Os primeiros estudos científicos com ênfase nesta deficiência tiveram a colaboração de pesquisadores como: Wundt, Ireland, Ducan e Millard, Lombroso, Down, Galton, Tuke, Rush, Dix (Fonseca,1987).

Em 1905, surge em Paris a primeira escala individual de inteligência, idealizada por Alfred Binet e Theodore Simon (Ferreira, 1994). Binet acreditava que a inteligência, sendo medida, poderia ser melhorada através da educação (Kirk/Gallagher, 1991).

"Em 1908, essas escalas introduzem o conceito de idade mental, correspondente ao nível mais alto que a criança possa atingir no teste em comparação com as crianças junto às quais se padronizou o instrumento" (Ferreira,1994). *"O quociente de inteligência (QI) aparece em 1916, como a razão entre as idades mental e cronológica. Em sua fórmula de cálculo, o QI é igual a cem (100), se houver correspondência entre a idade mental e a idade cronológica, acima e abaixo desse valor, concentram-se em torno da média as variações intelectuais consideradas normais"* (Rodrigues,1995).

Partindo de Binet, por um lado, e Freud, por outro, surgem duas definições para a deficiência mental, fornecendo uma nova visão do caminho para a problemática em foco: uma biológica, com a criação do conceito de idade mental, e outra, psicológica, com o nascimento da psicanálise como técnica terapêutica (Fonseca, 1987).

As contribuições de Binet e Freud permitiram ampliar a compreensão e possibilitar a educação da criança deficiente mental, o que ia ao encontro das idéias descritas anteriormente.

De 1910 a 1920, verifica-se ampla utilização dos testes padronizados de inteligência, principalmente nos Estados Unidos. Encontravam-se ainda em fase experimental quando começaram a ser usados, tendo surgido, durante sua aplicação, vários questionamentos em diferentes áreas, o que denotava a fragilidade deles.

Nas três últimas décadas, ficaram evidenciadas as limitações desses testes, *"em termos de sua validade e da ideologia subjacente à sua formulação e uso"* (Ferreira,1994).

A *"queda de mitos como o de imutabilidade do QI e do determinismo hereditário"* representou um grande avanço, segundo o autor acima. Levou-se em conta, também, a influência das variáveis ambientais nos resultados dos testes, sua validade e fidedignidade.

Apesar dos problemas apresentados, esses instrumentos de medidas são utilizados em larga escala, não detectando muitas vezes o que pretendem, avalizando decisões possivelmente equivocadas e irreversíveis e, de forma ainda mais grave, não considerando aspectos relativos às diferenças culturais, ambientais e pessoais e não indicando a intervenção adequada. Como ressaltam Salvia e Ysseldyke (1991), os testes de inteligência são administrados com a finalidade de identificar alunos que possam necessitar de atenção especial, seja devido a uma capacidade intelectual limitada ou a uma habilidade intelectual muito superior.

A partir das décadas de 30 e 40 deste século, novas modificações conceituais surgiram. De maneira geral, esse período marcou o início de profundas mudanças no estudo científico da deficiência mental, que se concretizaram no período pós-guerra com o conhecimento mais amplo das patologias cerebrais e neurológicas (Fonseca, 1987).

Outros conceitos foram incorporados aos já existentes e Tredgold, que em 1908 enfatizava o critério de organicidade, em 1937 *"reconhecia que os critérios educacionais e sociais eram fundamentais, ao mesmo tempo em que mantinha a realidade biológica da deficiência mental"* (Mendes,1995). Ele definia a deficiência mental como *"um estado de desenvolvimento mental incompleto de tal tipo e grau que torna o indivíduo incapaz de se adaptar ao ambiente normal de forma a manter uma existência independente de supervisão, controle ou suporte externo"*.

Doll (1941) caracteriza a deficiência mental como *"uma maturação mental incompleta que aparece desde o nascimento, ou em uma idade relativamente precoce, como conseqüência de possibilidades inatas limitadas, ou de influências variadas que detêm o crescimento mental normal."* Observa, ainda, *"critérios estabelecidos como essenciais para uma definição adequada, como vemos a seguir: incompetência social; devido à subnormalidade mental; surgindo no período de desenvolvimento; que se apresenta até a maturidade; sendo de origem constitucional; essencialmente incurável." in* Mendes (1995).

Através desses conceitos ainda não se percebe uma preocupação com a questão da adaptabilidade do deficiente mental, o que só será ressaltado a partir de novos enfoques.

As definições acima prevaleceram até o final da década de 50, quando a deficiência mental passou a ser estudada por meio de considerações dos aspectos sócioeducacionais, conforme publicações contidas nos manuais da *Associação Americana de Retardo Mental*, num total de quatro manuais até 1957. O quinto manual da referida Associação apresentou uma definição de Heber incluindo, além dos aspectos

sócioeducacionais, a classificação comportamental dos deficientes mentais como: *"um funcionamento subnormal que se origina durante o período de desenvolvimento (estabelecido por ele do nascimento até os 16 anos) e está associado com o déficit no comportamento adaptativo"*. Essa definição *"pressupõe que a inteligência possa ser representada ao longo de um continuum de desempenho mensurável, que pode ser dividida em várias subcategorias, exprimindo confiança nos testes de QI."* (Mendes,1995). Neste contexto, o significado do diagnóstico da deficiência mental que prevalecia até então foi mudado, ao abandonar o conceito da deficiência instalada, imutável e permanente, e colocando em evidência a condição e o comportamento atual do indivíduo. Na prática, a utilização quase que exclusiva do critério psicométrico, que classifica pessoas como deficientes mentais, deturpou o conceito acima, deixando de cumprir o duplo requisito do diagnóstico e rotulando inadequadamente essas pessoas.

Nos anos 60, especificamente em 1968, Rosenthal e Jacobson, *in* Mendes (1995), apontam que a classificação dos deficientes mentais passou a ter uma conotação estigmatizante, causando resultados educacionais indesejáveis.

Existem classificações de deficiência mental, de acordo com Fonseca (1987), baseadas em parâmetros médicos e educacionais. A primeira enfatiza a intensidade da lesão (*leve, moderada, severa e profunda*), a segunda analisa a capacidade de produção do indivíduo (*educável, treinável e dependente*).

Segundo Kirk/Gallagher (1991), *"o deficiente mental educável ou leve apresenta, em suas características físicas, peso e altura próximos à criança normal; há incidência de prejuízos visuais e auditivos. Quanto às características intelectuais, apresenta dificuldades na elaboração de conceitos, criatividade, percepção e imaginação; a linguagem é muito limitada. Quanto às características de aprendizagem, ao ingressar na escola, não está preparado para aprender a ler, escrever e contar; apresenta reações muito lentas, e pouca atenção; precisa de um tempo maior para aprender; educabilidade em nível primário. Quanto às características pessoais e sociais, não apresenta nos primeiros anos de vida um retardo evidente; possui baixa tolerância a frustrações (enaltecer as experiências com oportunidades de sucesso); grande incidência de problemas de conduta e casos de delinqüência; valores e atitudes sociais, correspondem aos do lar e vizinhança; às vezes progride na adaptação social, tornando-se independente na comunidade; pode sustentar-se parcial ou totalmente quando adulto, executando trabalhos semiqualificados e qualificados; muitos deles não apresentam condições patológicas óbvias que expliquem o retardo."*

Ainda para os mesmos autores, *"quanto ao deficiente mental treinável ou moderado as características físicas são notadas devido a problemas envolvendo a*

coordenação motora e equilíbrio, como também, maior demora na aprendizagem do andar e falar. Quanto às cacterísticas intelectuais e de aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem quase sempre é prejudicado; pode lentamente se integrar e às vezes adquirir noções acadêmicas em escolas especiais; necessita de maiores adaptações nos programas educacionais.

O deficiente mental grave/severo requer educação bastante especial. Apresenta baixo desempenho nas áreas cognitiva e social; tem possibilidade de aprender a andar. Muitos permanecem no leito e em cadeira de rodas; às vezes conseguem se alimentar sozinhos. Muitos se restringem a uma vida de dependência parcial ou total. São utilizados também os termos dependente e profundo."

É importante frisar que, ao se observar as características da pessoa deficiente mental, os aspectos acima descritos não devem ser encarados como regra, mas como situações e atitudes "próximas" ao que está descrito, pois cada pessoa deficiente mental é única, mesmo dentro das características a ela atribuídas. É fundamental conhecê-la e avaliá-la corretamente, com a finalidade de se elaborar atividades compatíveis ao desenvolvimento dessa pessoa.

Maestrello (1983) ressalta que, em anos mais recentes, a grande ênfase permanece sobre o papel social do deficiente mental e sobre as condições que propiciam seu ajustamento à comunidade. O deficiente mental *"deixa de ser visto como alguém a exigir cuidados separados e especiais, e passa a ser visto como integrante da comunidade como um todo".*

Ferreira (1994) refere-se à pesquisa de Maestrello (1983), sobre o conceito de deficiência mental que analisou em dois biênios — 1957/58 e 1980/81—, em artigo publicado num periódico especializado norte-americano, que mostra *"como as idéias de irrecuperabilidade e de ênfase patológica vão cedendo espaço para conceituações mais favorecedoras da visão integracionista, ou dela decorrentes ou concomitantes".*

Apesar dos conceitos de deficiência mental apresentados por diversos autores mencionados neste trabalho, em períodos anteriores, não ocorreram mudanças significativas neles, nos últimos 20 anos (de 1973 a 1992). É importante ressaltar que as dificuldades na aplicação da definição continuam a existir, bem como erros na classificação, ênfase nos testes psicométricos e problemas na avaliação do comportamento adaptativo.

Faz-se necessária, portanto, uma breve consideração a respeito dos conceitos utilizados no período de 1973 a 1992.

Segundo Kirk/Gallagher (1991), em 1973 Grossman preparou um novo manual, também publicado pela *A.A.M.R.*, que elucidou melhor as distorções ocorridas com os conceitos vigentes na época. Ele definiu a Deficiência Mental como *"um funcionamento*

intelectual significativamente abaixo da média, (equivalente a um QI em torno de 70 pontos quando o anterior era de 84) originado no período de desenvolvimento (estendeu a idade de 16 anos proposta por Heber, para aproximadamente 18 anos) e é concorrente com déficits no comportamento adaptativo". Essa definição resultou na desclassificação de algumas pessoas consideradas como limítrofes e deficientes mentais leves. Revendo seu conceito de 1973, Grossman (1977) *in* Kirk/Gallagher (1991), enfatiza que nem o QI nem o comportamento adaptativo são suficientes para o diagnóstico e, conseqüentemente, para a classificação. Acrescenta uma avaliação clínica e informação biomédica, tornando-o mais completo e de maior utilidade.

De acordo com Mendes (1995), a *American Association on Mental Retadartion* (*A.A.M.R.*), em 1983, efetua uma nova revisão na teoria de Grossman, publicando uma definição que estabelece um QI igual a 70, podendo chegar a 75, dependendo da avaliação clínica (critério psicométrico mais permissivo). Há dificuldades em se diagnosticar a Deficiência Mental Leve, em função da baixa relação entre QI e medidas de comportamento adaptativo.

Rodrigues (1995) analisa a definição de Grossman, de 1983, sobre atraso mental, tendo por base *"o significativo funcionamento intelectual abaixo da média, resultante ou associado a outras dificuldades no comportamento adaptativo, manifestado durante o período de desenvolvimento".* Ressalta a importância do comportamento adaptativo, definido por Grossman e divulgado pela *A.A.M.R.*, com sendo *"a eficiência ou grau com o qual o indivíduo preenche as normas de independência pessoal e responsabilidade social que são esperadas por idade e por grupo cultural".* A referida Associação qualifica essa definição, afirmando que *"a qualidade de adaptação geral é mediada pelo nível de inteligência".* Assim, o comportamento adaptativo e a inteligência têm uma relação funcional. Conseqüentemente, o comportamento adaptativo refere-se aos cuidados pessoais e à vida de relação (família e comunidade, entre outros), mais do que o potencial abstrato, que implica na inteligência.

Salvia e Ysseldyke (1991) descrevem duas razões principais para que se avalie o comportamento adaptativo. A primeira é que a deficiência mental é geralmente definida, em parte, como uma falha no comportamento adaptativo. Teoricamente, para se classificar um aluno como deficiente mental, é necessário avaliar o comportamento adaptativo. A segunda razão para se avaliar o comportamento adaptativo liga-se ao planejamento de programas. Freqüentemente, desenvolvem-se objetivos educacionais no domínio do comportamento adaptativo para indivíduos com deficiências mentais moderadas e graves. As escalas de comportamento adaptativo são, quase sempre, a fonte dos objetivos educacionais.

Para os mesmos autores, a *Escala de Maturidade Social de Vineland* (E.M.S.V.), elaborada por Doll em 1965, seja talvez o dispositivo mais conhecido e utilizado para avaliar

a competência social. Essa escala avalia oito áreas da competência social, classificando 117 comportamentos. Avalia o indivíduo desde o nascimento até os 30 anos de idade.

Segundo Kirk/Gallagher (1991), outros instrumentos de avaliação do comportamento adaptativo utilizados são a *Escala de Comportamento Adaptativo* (Lambert *et allii*, 1985) e o *Inventário de Comportamento Adaptativo para Crianças* (ABIC), desenvolvido por Mercer e Lewis (1978), que contém mais de duzentos itens, organizados em seis áreas de competência, a saber: família, comunidade, relacionamento com companheiros, papéis não acadêmicos, assalariado/consumidor e sustento próprio. Ressaltam a diferença entre as escalas acima: na elaborada por Lambert *et allii*, o comportamento do indivíduo é focalizado dentro do ambiente escolar e, na de Mercer e Lewis, fora dele.

Autores como Sloan e Birch (1955), citados em Fonseca (1987), e Grossman (1983), descrito em Rodrigues (1995), consideram quatro os níveis de comportamento adaptativo: *ligeiro, moderado, severo* e *profundo.*

Apesar dos instrumentos de avaliações considerados, há autores como Mac Millan, Gresham e Siperstein, *in* Ferreira (1995), que destacam as limitações dos instrumentos avaliativos do comportamento adaptativo. Na prática, ainda são o professor e outros profissionais, responsáveis pela educação, os que elaboram a avaliação do comportamento adaptativo, pois mantêm contatos freqüentes com os alunos e possuem condições de desenvolver uma observação mais acurada, visando obter para esses alunos um melhor aproveitamento acadêmico.

Finalizando, a *American Association on Mental Retardation*, em sua nona edição, refere-se ao retardo mental como *"um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, existindo concorrentemente com limitações relacionadas a duas ou mais das seguintes áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidado, vida no lar, habilidades sociais, uso da comunidade, autodireção, saúde e segurança, desempenho acadêmico funcional, lazer e trabalho.O retardo mental manifesta-se antes dos dezoitos anos."* (Luckasson, *et allii,* 1992).

Baseando-se nesta definição, Almeida (1994) interpreta que o retardo mental *"é definido como uma dificuldade fundamental em aprender e desempenhar certas habilidades da vida diária".* Entende que *"o funcionamento intelectual significativamente abaixo da média é definido como score padronizado de QI de aproximadamente 70 a 75 ou abaixo, baseado em avaliação que inclui aplicação de um ou mais testes de inteligência aplicados individualmente com o objetivo de avaliar o funcionamento intelectual". "As limitações em habilidades adaptativas estão relacionadas mais de perto com a limitação intelectual". "O impacto do funcionamento dessas limitações deve ser suficientemente compreensivo para incluir pelo menos duas áreas de conduta adaptativa." "...o décimo oitavo aniversário*

aproxima a idade quando o indivíduo nesta sociedade assume tipicamente as responsabilidades de adulto. Em outras sociedades, um critério diferente de idade pode ser determinado".

Rodrigues (1995) adota a mesma definição da *A.A.M.R.* (Luckasson, *et allii,* 1992) e ressalta alguns aspectos ligados ao diagnóstico que *"baseiam-se na avaliação do comportamento adaptativo do indivíduo na sua comunidade".* Quanto à classificação, *"considera dois tipos de atraso mental ligados ao comportamento adaptativo: ligeiro e severo. Esta classificação em dois níveis baseia-se exclusivamente em dificuldades e em aptidões adaptativas e não está relacionada com serviço ou colocações educacionais".* Por último, refere-se à medida do comportamento adaptativo que *"indica quais as áreas de funcionamento do comportamento adaptativo e o número de áreas em que a criança pode demonstrar dificuldades (duas ou mais)."*

No Brasil, Nunes e Ferreira, em 1994, no capítulo intitulado *"Deficiência Mental: O Que As Pesquisas Brasileiras Têm Revelado",* e Ferreira (1995), no artigo *"(Por) Uma Nova Visão Sobre A Deficiência Mental",* referem-se à recente proposta do M.E.C. sobre a política brasileira de Educação Especial, que incorporou o conceito da *A.A.M.R.* ao seu discurso oficial.

Os mesmos autores observam que *"a nova definição assume um patamar mais alto para o ponto de corte, no QI, entre a chamada variação normal da inteligência e a deficiência (que tem sido de 70 e não de 75 nos últimos anos)",* identificando áreas específicas consideradas importantes no aspecto adaptativo. Há propostas para modificar o sistema de classificação, abandonando os níveis utilizados atualmente — *leve, moderado, severo e profundo ou educável, treinável, dependente* —, sendo essa população, considerada deficiente mental, caracterizada por graus de necessidade de apoio com os termos: *intermitente, limitado, amplo e permanente.*

Essas alterações requerem, porém, reflexões e análises mais profundas. Nos Estados Unidos essa proposta tem sustentado uma polêmica sobre seus aspectos positivos e negativos.

Conceitos e definições sobre a deficiência mental são importantes, pois suscitam reflexões e debates sobre sua validade, influindo de maneira significativa nas atitudes das pessoas que atuam com essa clientela. Espera-se que, com essas mudanças conceituais, a pessoa deficiente mental seja contemplada e beneficiada nas áreas das habilidades adaptativas de que realmente necessite, com intervenções seguras e adequadas, que certamente virão contribuir para um efetivo crescimento e desenvolvimento pessoal. Para Fonseca (1987), *"no futuro, o desafio está em garantir a todos esses indivíduos igualdade de oportunidades educacionais e sociais",* como sugerem as pesquisas que estão sendo

realizadas referentes à dimensão prática do comportamento adaptativo dos deficientes mentais, segundo Mantoan (1997).

Conforme Oliveira (1992), é necessário compreender que *"diante de sua experiência de vida, boa ou má, o indivíduo estabelece critérios para julgar-se, começando a formação de uma opinião favorável ou desfavorável acerca de si mesmo. Utiliza, portanto, uma série de valores como marco de referência para sua auto-realização e conseqüentemente sua auto-estima"*.

A partir da terminologia e do conceito atual da deficiência mental, é importante destacar o conhecimento de algumas das características físicas, intelectuais e sociais do deficiente mental, como já citamos, para estabelecer uma intervenção conveniente e adequada a essas pessoas, nos aspectos educacional, afetivo-social e psicomotor, apesar da individualidade de cada um dos envolvidos. Dessa forma, trabalhamos com a pessoa deficiente mental enquanto indivíduo, não correndo o risco de superestimá-la ou subestimá-la, dando-lhe o suporte adequado e intervindo com segurança em todas as áreas de seu desenvolvimento.

1.2 - EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA OU ESPECIAL

A Educação Física é um elemento básico, fundamental da Educação. Na área da Educação Especial ela se torna elemento primordial, pois a Educação Especial ou Educação dos excepcionais, segundo Mazzotta (1982), *"é um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais, organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens".* De acordo com Bagatini (1984), o objetivo geral da Educação Especial *"é dar assistência às crianças excepcionais, preparando-as para a vida, integrando-as tanto quanto possível na comunidade, a fim de que se tornem úteis e felizes."*

Assim, a Educação Física, como parte integrante do sistema educacional, tem como premissa básica atender o indivíduo de maneira global em suas capacidades, potencialidades, dificuldades e limitações de ordem física, social e mental. Na maioria das vezes, porém, ela não contempla de maneira adequada as características peculiares e únicas de cada indivíduo. Para tanto, são necessárias algumas modificações e adaptações nas propostas de ensino que envolvam a atividade física e esportes, propiciando um atendimento que considere as diferenças individuais.

A prática da Educação Física Adaptada teve seu incremento após a Segunda Grande Guerra, quando muitos soldados regressaram a seus países incapacitados fisicamente, sem possibilidades de retomar suas atividades normais. Neste sentido, houve a preocupação de se reintegrar socialmente os indivíduos deficientes e um dos métodos adequados para essa integração foi a atividade física. Segundo Araújo (1996), *"vários governos implementaram serviços de reabilitação para o tratamento de soldados lesados. O Desporto Adaptado nasce dentro desse contexto tanto na Europa quanto nos Estados Unidos."* Segundo o mesmo autor, *"o trabalho de reabilitação buscou no esporte não só o valor terapêutico, mas o poder de restabelecer ou estabelecer novos caminhos, o que resultou em maior possibilidade de interação dessas pessoas".* Para Adams (1985) *"a história começa por aí, com o crescente interesse pelos programas adaptados aos deficientes físicos. É a história de como a terapia, mas também a alegria e a recreação começaram a se tornar parte integrante do tratamento dos deficientes físicos".* Muitas vezes, essas adaptações foram sugeridas pelos próprios deficientes participantes dos programas, ao perceber, de acordo com as dificuldades encontradas na prática das atividades, que estas deveriam ser mudadas e adaptadas às suas necessidades. Vale ressaltar que o termo **Desporto Adaptado** é definido por Winnick (1990) como sendo *"experiências esportivas*

modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos ".

A princípio, quando se fala em Educação Física Adaptada, pode-se deixar transparecer uma visão dualista entre Educação Física e Educação Física Adaptada ou Especial. É fundamental perceber que essas conotações decorrem dos tipos de recursos utilizados para uma mesma e única Educação Física.

A Educação Física Adaptada foi definida na década de 50 pela *American Association for Health, Physical Education, Recreation and Dance (A.A.H.P.E.R.D.)* como sendo um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos adequados aos interesses, capacidades e limitações para estudantes com deficiências que não podem se engajar na participação irrestrita, com segurança e sucesso, em atividades vigorosas de um programa de Educação Física Geral (Seaman, De Pauw, 1982).

O termo Educação Física Especial ou Adaptada talvez não seja o ideal, mas suscita reflexões quanto ao seu significado. Para Seaman & De Pauw (1982), os termos *"Educação Física Especial e Educação Física Adaptada são considerados de uso comum e, dada a tendência de participação mais integrada das pessoas portadoras de necessidades especiais, a denominação Educação Física Adaptada é a mais empregada quando se aborda o tema Educação Física para pessoas portadoras de necessidades especiais."* Esses termos e definições procuraram, ao longo do tempo, caracterizar a participação de pessoas com necessidades específicas em atividades físicas e no desporto. Nesse grupo encontram-se alocadas as pessoas deficientes.

Sobre o termo **Adaptada**, merece consideração a reflexão de Rodrigues (1996) quando salienta que *"este termo parece sugerir que a atividade é estandardizada e para ser praticada por pessoas com deficiência necessita de ser adaptada"*. Considera ainda o mesmo autor que *"... o termo adaptação tem também uma conotação que se identifica com a manipulação de variáveis ecológicas. A actividade — os materiais, os estilos de ensino, os enquadramentos, etc.— tem que ser adaptada porque a pessoa tem menos possibilidades de adaptação. Adaptar uma actividade em sentido lato pode ser pois construir uma actividade para um objectivo bem definido — por exemplo desenvolver a consciência corporal. Adaptação — ou usando o termo mais genérico — a adaptabilidade pode-se referir a modificações numa actividade padronizada (ref: um desporto), pode criar um envolvimento específico de actividade não padronizada e pode ainda criar um contexto com objectivos claramente terapeuticos ou reeducativos."*

Procuramos discorrer como alguns autores entendem e definem a Educação Física Adaptada ou Especial, bem como sua utilidade no contexto da Educação Física.

Para Mazzotta (1982), *"às vezes a Educação Física comum não supre as necessidades educacionais de alunos deficientes, aí entrando a Educação Física Adaptada, que proporciona igualdade de oportunidades, diversificando e adaptando suas metodologias de ensino, de modo a atender as diferenças individuais por mais acentuadas que sejam."*

Krebs (1983) e Rosadas (1986) fazem considerações semelhantes sobre as denominações Educação Física Especial e Educação Física Adaptada e apontam que *"basicamente as diferenças recaem sobre a composição dos grupos (só pessoas portadoras de deficiências ou grupos incluindo pessoas não portadoras de deficiências e pessoas portadoras de deficiências), e sobre o planejamento de atividades elaboradas em função da possibilidade de participação do aluno em grupos específicos ou não."* (Pedrinelli, 1991).

Ainda para Rosadas (1986), *"a Educação Física Especial é uma Educação Física aplicada em condições especiais, visando uma população especial que necessita de estímulos especiais de desenvolvimento motor e funcional."* Para esse autor, os principais objetivos da Educação Física Especial estão divididos em:

a) **geral** - visa à reintegração completa do indivíduo à sociedade;

b) **específico** - visa à melhoria da condição motora, o domínio do corpo para o desempenho das atividades biopsicossociais, a reintegração familiar e social e o desenvolvimento sociocultural.

Por Educação Física Adaptada, Seaman & De Pauw (1982) entendem como sendo *"a Educação Física para pessoas portadoras de necessidades especiais"*, onde toda a programação é adequada aos interesses, capacidades e limitações dos indivíduos. Esses programas beneficiam pessoas deficientes que não podem se encaixar em atividades de um programa de educação física comum. Nabeiro (1993) acrescenta que a *"Educação Física Adaptada é um programa para pessoas com necessidades especiais, que incorpora o desenvolvimento motor e físico do aluno, correspondendo às suas capacidades e limitações. Compreender as características do comportamento motor dessa clientela, é de fundamental importância para que se possa identificar e compreender suas reais necessidades e expectativas, e então, estruturar um programa de atividades físicas que atenda a estas solicitações."* Deve-se estar consciente de que a Educação Física Adaptada é necessária para estudantes deficientes em idade escolar e o ideal é que ocorra no meio ambiente o menos restritivo possível, como nos aconselha Broadhead (1989). O mesmo autor gostaria que a Educação Física regular atendesse às necessidades únicas dos alunos, como ocorre com a Educação Física Adaptada, que se adequa a esse fim.

De acordo com Nabeiro (1989), nos anos 80 a Educação Física Adaptada sofreu mudanças, emergindo como uma subdisciplina da Educação Física. Esta subdisciplina apresenta estratégias e objetivos diferenciados que atendem às possibilidades da pessoa deficiente. Nos programas elaborados pela Educação Física Adaptada, a indicação de atividades motoras gerais e específicas pode trazer benefícios a essas pessoas nos aspectos cognitivo, motor e social, respeitando suas capacidades, necessidades e interesses.

A nossa experiência demonstra que a Educação Física Adaptada proporciona igualdade de oportunidades aos que a ela recorrem, diversificando e adaptando formas de ensino, de modo a atender às diferenças individuais por mais acentuadas que sejam. Supre as necessidades educacionais dos alunos deficientes que não são beneficiados com os recursos da Educação Física.

Em países desenvolvidos, como a Alemanha, a Educação Física Adaptada, além da prática dos esportes adaptados para os deficientes, está sendo utilizada como terapia esportiva. Técnicas adotadas em esportes adaptados são aplicadas em vários outros grupos de pacientes, incluindo os dependentes químicos e pacientes psiquiátricos adultos (Kiphard, 1989).

Estudo feito por Sherrill (1989) demonstra que os programas de Educação Física Adaptada podem ser planejados e conduzidos experimentalmente por pessoal que desempenha atividades profissionais ligadas a hospitais, escolas e comunidades. O enfoque é dado ao desenvolvimento de atitudes em atividades físicas, habilidades e hábitos que poderão facilitar a integração social da pessoa deficiente com os membros da família, proporcionando facilidades na convivência comunitária.

Rodrigues (1991) acredita no *"desenvolvimento da Educação Física como um todo, de tal forma que num futuro não muito distante, quando da sua relação com a pessoa portadora de deficiência não necessite ser tratada como Educação Física Especial ou Adaptada e simplesmente Educação Física. Nessa perspectiva de uma Educação Física ao alcance de todos, que abre espaço a todos os homens e onde o respeito à pessoa norteie todas as decisões, a Educação Física na escola ou fora dela poderá ter sua credibilidade recuperada a partir de sua contribuição específica e de seu compromisso social."*

Apesar de este trabalho utilizar a denominação **Educação Física Adaptada**, definida por diversos autores como uma Educação Física que atenda à pessoa com necessidades especiais em programas adequados ao seu interesse e necessidade, concordamos com Rodrigues (1991) que, futuramente, não deva ser acrescentado o termo "Especial" ou "Adaptada" à Educação Física. Provavelmente, ela será desenvolvida de modo a contemplar as necessidades de todos os indivíduos, sem discriminação, fornecendo novos

rumos a um trabalho cognitivo, social e motor, não encontrando barreiras edificadas pelo preconceito e ignorância da sociedade em relação às pessoas que possuam algum limite dentre suas possibilidades. Para que isso se concretize, será necessário elaborar ou modificar os programas de atividades físicas, baseados em avaliações que permitam identificar o perfil dos indivíduos, atendendo e enfocando todos os aspectos que possam estar deficitários. É preciso desmistificar a idéia de que Educação Física e Desporto são atividades exclusivas dos física e mentalmente "bem dotados".

Outro aspecto a ser ressaltado é a necessidade de se formar profissionais capacitados para atuar na área da Educação Especial, incluindo-se nesse campo a Educação Física Adaptada. Essa preocupação é compartilhada por Omote (1996), ao mencionar que *"a formação do professor especializado no ensino de deficientes tem merecido especial atenção dos estudiosos da área de Educação Especial nos últimos tempos".* Entende o autor que esses profissionais especializados têm de saber discernir e compreender quando determinados problemas educacionais demonstrados pelos deficientes são decorrentes da deficiência específica de cada um e quando resultam de condições inadequadas a que são submetidos, independentemente da causa da deficiência.

Conforme Adams (1985), *"a equipe selecionada para um programa global de atividades esportivas e lúdicas e de exercícios físicos precisa possuir capacidade e formação profissional para poder levar adiante um programa que atenda às necessidades dos participantes".* O mesmo autor informa que *"certas características da personalidade são indispensáveis para que o professor consiga bons resultados, garantindo o sucesso do programa."*

Pelo exposto, podemos observar a trajetória e as várias considerações a respeito da Educação Física Adaptada, elaboradas por autores de referência nessa área, que focam a necessidade dos profissionais de Educação Física repensarem a importância de uma Educação Física que beneficie a pessoa deficiente de maneira global.

1.3 - AVALIAÇÃO

> *"É fundamental para a avaliação da aprendizagem, em todos os níveis, o entendimento da atividade humana, da ação prática dos homens, o que pressupõe a análise do motivo e da finalidade dessa ação. As ações humanas não são atos isolados. São atos engendrados no conjunto das relações sociais, impulsionados por motivos específicos e orientados para uma finalidade consciente." Franco* in *Sousa* (1995). [1]

A avaliação é uma atividade importante que traz conseqüências significativas para o indivíduo avaliado e que perduram por toda a vida. É uma tarefa humana das mais complexas.

Como prática educacional, a avaliação tem suscitado polêmica, pois um dos seus objetivos é fornecer dados para o planejamento educacional, verificando o progresso dos alunos e, conseqüentemente, se os objetivos pré-estabelecidos foram alcançados. Hoffmann (1993) entende que a avaliação *"deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento."*

Nesse contexto a avaliação foi aqui abordada, permitindo perceber como está sendo conceituada, considerada e utilizada no sistema de ensino e no processo de aprendizagem escolar, pois ela deveria assumir um papel decisivo no aspecto educacional. Numa composição mais ampla, a sua prática só será possível quando o aluno for o alvo da aprendizagem, aprendendo realmente aquilo que está sendo ensinado. Depresbiteris (1989) cita Bloom que *"defendia a idéia que o domínio da aprendizagem é teoricamente disponível para todos, se houver possibilidade de encontrar os meios de ajudar cada estudante."* O fundamento da idéia encontrava-se nas normas de avaliação de muitos testes padronizados de rendimento. Ele afirmava ainda: *"as aplicações sucessivas demonstravam que critérios selecionados, atingidos pelos melhores estudantes em um ano, eram atingidos pela maioria dos estudantes em período posterior"*. Apesar de essa afirmação parecer desnecessária, pois os que trabalham no ensino visam sempre ao aprendizado e desenvolvimento do educando, percebe-se, na prática e no contexto social vigente, que o sistema de ensino não é beneficiado, pelo pouco investimento financeiro em profissionais da área.

A questão da avaliação escolar, segundo Freitas (1990), *"ainda não foi considerada adequadamente, nem pelos professores, nem pelos pesquisadores. No caso*

---

[1] SOUSA, C. P. de. (Org.) *Avaliação do Rendimento Escolar.* 4ª ed., Campinas: Papirus, 1995.

dos professores, a avaliação continua sendo mais uma arma de manutenção da disciplina e do poder do que um processo destinado a contribuir para o desenvolvimento do aluno. No campo da pesquisa, seu estudo é precário." Concordando com esse autor, Depresbiteris (1989) relata que *"um dos principais desvios no uso da avaliação da aprendizagem é o de usá-la como forma de punição contra os alunos. Incapazes de manter a disciplina, alguns professores aplicam provas-surpresa a seus alunos, com a finalidade exclusiva de puni-los por seu comportamento".* Villas Boas (1993) pecebeu em sua pesquisa que, dentre as práticas de avaliação utilizadas informalmente, encontram-se ameaças, castigos, repreensões e rótulos pejorativos que influenciam negativamente no desempenho dos alunos.

No entanto, para se compreender o caráter do sistema educacional, a avaliação pode se tornar uma área de estudo extremamente importante para professores e pesquisadores educacionais.

A avaliação da aprendizagem escolar, segundo Luckesi (1984), *"adquire seu sentido, na medida que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido."*

O mesmo autor salienta que o termo **avaliar** tem sua origem no latim, provindo da composição *a - valere*, que significa dar valor a... *"porém, o conceito 'avaliação' é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação..., que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isto quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação."*

É conhecida a relevância da avaliação no processo ensino-aprendizagem. Essa relevância manifesta-se em Laterza (1980), citado em Silva (1993), que considera a avaliação como um elemento de intervenção no referido processo. Nesse sentido, Silva (1993) destaca a importância da avaliação *"por ser um processo que possibilita a busca da compreensão da realidade estudada, com a finalidade de subsidiar a tomada de decisão quanto ao direcionamento das intervenções".* Também Ysseldyke (1978) *in* Ysseldyke e Sinn (1991), diz que a razão principal, talvez a razão exclusiva da avaliação, seja a de encontrar uma utilidade, no âmbito da intervenção, apesar de o debate existente sobre o quê avaliar e como intervir ser muito delicado.

Mesmo considerando a magnitude da avaliação e, conseqüentemente, da intervenção no contexto educacional, a avaliação ainda é uma questão polêmica que suscita controvérsias, sendo objeto do estudo por parte de vários autores. Profissionais ligados a diferentes áreas do conhecimento relatam a dificuldade na escolha do processo de avaliação, pelo fato de os procedimentos existentes possuírem um conjunto de limitações.

Um dos cuidados a ser tomado, como enfoca Domingues (1986), encontra-se na *"noção simplista de avaliação como sinônimo de medida, devido a limitações e inflexibilidade, levando ao risco de avaliar-se o supérfluo, relegando-se a segundo plano aqueles aspectos importantes mais complexos."* Sousa (1995) [2] escreve que Ragan e Gronlund *"indicam que a avaliação pode considerar dados qualitativos (descrições não quantificadas) assim como dados quantitativos (representação quantificada do fenômeno), enquanto a medida refere-se apenas a dados quantitativos. Assim, segundo esses autores, a avaliação pode ocorrer independentemente da medida".* Em contrapartida, Taba, Mc Donald e Ebel consideram-nas *"procedimentos interdependentes, afirmando que a avaliação depende da medida."* Ebel foi taxativo ao afirmar que *"uma característica que não pode ser medida, não pode ser avaliada"*, transcrito em Sousa (1995) [3]

Ressaltamos o entendimento de alguns autores quanto à definição de avaliação:

Para Salvia e Ysseldyke (1978) *in* Ysseldyke e Sinn (1991) é *"o processo de recolher dados com o objetivo de informar as decisões psico-educacionais."* Thorndike e Hagen (1960), citados em Di Dio (1980), afirmam que *"avaliar em educação significa descrever algo em termos de atributos selecionados e julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito."*

"A avaliação procede a uma coleta sistemática de dados, por meio dos quais se determina em que medida ocorreram mudanças no comportamento dos alunos em função dos objetivos educacionais." Di Dio (1980).

Mathews (1980) ressalta que *"a avaliação implica julgamento, estimativa, classificação e interpretação, tão fundamentais no processo educacional total."*

Brum e Reginato (1983) consideram que *"a avaliação é um processo que permite julgar o aproveitamento do aluno nas diferentes etapas da aprendizagem e tem por finalidade constatar se os objetivos propostos pelo professor estão sendo alcançados pelo aluno."* (Silva,1993).

Giannichi (1984) diz que a avaliação *"determina a importância ou valor da informação coletada; Decisão: classifica os alunos, reflete o progresso, indica se os objetivos*

---

[2] SOUSA, S. Z. L. A Prática Avaliativa na Escola de 1º Grau. in: SOUSA, C. P. de. (Org.) *Avaliação do Rendimento Escolar.* 4ª ed., Campinas: Papirus, 1995.
[3] SOUSA, S. Z. L. op. cit.

estão ou não sendo atingidos, indica se o sistema de ensino está ou não sendo satisfatório e outros; Deve refletir a filosofia, metas e objetivos do professor; Faz uma comparação contra algum padrão."

Kiss (1987) aponta que *"avaliação é a interpretação dos resultados obtidos pelas medidas clássicas, ou comparação de qualidade do aluno ou atleta com critérios também pré-estabelecidos".*

Silva (1993) *"...a avaliação emite normalmente um juízo de valor ou julgamento, isto é, avaliação interpreta o significado de uma medida, sendo normalmente de caráter qualitativo."*

Após a análise das definições de avaliação dos autores que refletem diferentes visões de educação, concordamos com Valletutti (1990) ao salientar que *"a natureza continuada da avaliação educacional não pode ser esquecida ou mesmo minimizada, dado que o aluno está constantemente num processo de mudança à medida que interage dinamicamente com pessoas ou objetos, e vive a sua vida com todo o conjunto de implicações. Felizmente que os alunos estão sempre a evoluir do ponto de vista motor, social e emocional."*

Estudiosos como Di Dio (1980) e Giannichi (1984) concordam que, para melhor compreender a avaliação, devem-se considerar, dependendo do objetivo desejado, três tipos de avaliação que podem ser utilizados pelo avaliador:

a) **avaliação diagnóstica** - avalia as condições de um sistema, de uma escola, de uma classe, de um aluno; elabora análise dos pontos fortes e fracos do aluno ou de toda a classe em relação a determinada característica; geralmente é aplicada no início do curso para ajudar o professor a perceber as necessidades dos alunos na elaboração de um programa mais adequado, mediante as necessidades apresentadas, facilitando o processo ensino-aprendizagem;

b) **avaliação formativa** - indica como os alunos estão se modificando em relação aos objetivos desejados; informa sobre o progresso dos alunos. Essa avaliação é realizada quase diariamente, corrigindo os pontos fracos até atingir o objetivo;

c) **avaliação somativa** - é realizada no fim do curso, semestre ou ano letivo. Sua finalidade é obter uma verificação geral do grau em que os resultados mais amplos foram obtidos, além de decidir se os objetivos foram alcançados, através da comparação dos resultados.

Sintetizando, as avaliações diagnóstica, formativa e somativa estão intimamente ligadas e só se distinguem por uma questão de ênfase.

É importante frisar que a avaliação, normalmente inserida no processo educacional total, tornou-se, hoje, uma das grandes preocupações de profissionais ligados às diferentes áreas, gerando polêmica e suscitando pesquisas científicas e estudos sobre o tema. Independentemente das controvérsias, é necessário que o processo de avaliação exista, devendo fornecer aos professores informações qualitativas e quantitativas a respeito da clientela estudada e permitindo que, por meio dos resultados obtidos, sejam elaboradas intervenções adequadas para cada caso. Este processo permite ampliar e aperfeiçoar a aprendizagem entre professores e alunos.

Os princípios que permeiam a avaliação, segundo Giannichi (1984), devem:

a) esclarecer o quê será avaliado inicialmente;

b) selecionar as técnicas de avaliação em função dos objetivos;

c) considerar os pontos positivos e limitados das técnicas de avaliação empregadas;

d) considerar uma variedade de técnicas para assegurar uma avaliação compreensiva;

e) considerar a avaliação como meio e não como fim.

Um dos mais significativos princípios, talvez, diz respeito à importância do julgamento profissional. O mesmo autor afirma que, para uma avaliação se tornar coerente, é preciso que haja dados fornecidos por medidas e testes que permitam ao profissional elaborar melhor julgamento ou tomar a melhor decisão. Ao selecionar os testes, os examinadores devem levar em consideração os tipos de comportamentos que serão testados, os tipos de dados interpretativos a serem obtidos e em que medida podem ser utilizados testes preparados comercialmente. Para sua validade, os testes devem ser adequados aos propósitos a que se destinam. Salvia e Ysseldyke (1991) interpretam que diferenças significantes na aculturação e nas experiências anteriores devem ser consideradas, pois essas diferenças podem produzir variações entre os escores de alunos, em um teste padronizado. Quando os alunos são testados, presume-se que a pessoa que está aplicando o teste tenha treinamento adequado ao objetivo do teste e, como enfoca Jacquard (1988), tanto a atitude como a personalidade do observador são fundamentais sobre o resultado dos testes. O profissional deve criar condições de confiança e descontração num ambiente adequado, para que as respostas sejam fidedignas. Sendo assim, a avaliação inclui medidas e testes que devem ser conduzidos e supervisionados por pessoas especialmente treinadas para esse fim.

Ragan, Fleming e Taba *in* Sousa (1995) [4] indicam que *"a tarefa de avaliar não é exclusiva do professor, mas estende-se a outros elementos participantes do processo educacional, como alunos, pais e administradores".* Tyler (1974) ressalta que *"os resultados da avaliação devem ser traduzidos em termos que sejam compreensíveis para os pais e para o público em geral."* Destaca também ser essa compreensão importante para que se possa contar com o apoio da comunidade escolar no desenvolvimento curricular. Conclui: *"só quando pudermos descrever com mais exatidão os resultados que estamos alcançando através do currículo, nos encontramos em condições de receber o apoio mais inteligente para o programa educacional de escola ".*

O assunto **avaliação** é relevante também na Educação Especial. Nessa área são contempladas pessoas com necessidades especiais, entre elas os deficientes mentais que, na maioria das vezes, são atendidos em instituições ou classes especiais e necessitam sempre de programas de ensino adequados para atender a suas peculiaridades. Nas instituições e escolas especiais, uma avaliação fiel, principalmente direcionada à pessoa deficiente mental, *"aumenta as chances de sucesso na elaboração de uma proposta de intervenção; a avaliação inadequada pode fortalecer ou gerar preconceitos ou rotulações, que em geral são causas da segregação social do indivíduo."* (Assis,1991).

Para Gould (1991), essa preocupação já se apresentava em trabalhos de pesquisa em avaliação como os de Binet, *"cujo enfoque era identificar a criança com problema e ajudá-la a melhorar: nunca atribuir-lhe um rótulo e impor-lhe limites. Ainda que algumas crianças tivessem uma incapacidade nata para obter resultados normais, todas podiam melhorar se recebessem a assistência adequada".*

As instituições e escolas especiais deveriam apresentar em seus *curricula*, após a triagem dos alunos, avaliações e programas específicos para as diferentes áreas a serem trabalhadas. Dentro dessas áreas deve estar a Educação Física Adaptada, cuja avaliação tem se constituído num problema para o professor. Mesmo antes de ser adaptada, a Educação Física, como área de conhecimento interdisciplinar, não poderia ficar à margem na busca pela melhoria da qualidade no processo de avaliação. Após 1920, segundo Mathews (1980), métodos em Educação Física foram enriquecidos pelo uso difundido de testes, medições e instrumentos de avaliação. Contudo, estes instrumentos têm que ser escolhidos de forma criteriosa, de maneira a atender os objetivos almejados. Para Vianna (1978), *"a validade e fidedignidade são consideradas requisitos básicos do teste; somente quando essas características estão presentes é possível considerar o teste um instrumento hábil para fins de verificação e avaliação."*

---

[4] SOUSA, S. Z. L. A Prática Avaliativa na Escola de 1º Grau. in: SOUSA, C. P. de. (Org.) *Avaliação do Rendimento Escolar.* 4ª ed., Campinas: Papirus, 1995.

Apesar disso, a Educação Física gera insatisfação na sua prática, incitando alguns pesquisadores e professores a questionar o processo de formação desses profissionais que, na sua maioria, segundo Silva (1993), não atendem com propriedade às questões da avaliação. Em Coletivo de Autores (1992) verifica-se que *"a avaliação em Educação Física tem sido entendida e tratada, predominantemente, por professores e alunos para: a) atender exigências burocráticas expressas em normas da escola; b) atender a legislação vigente; c) selecionar alunos para competições e apresentações tanto dentro da escola, quanto com outras escolas. Geralmente é feita pela consideração da "presença" em aula, sendo este o único critério de aprovação e reprovação, ou, então, reduzindo-se a medidas de ordem biométrica: peso, altura, etc., bem como de técnicas: execução de gestos técnicos, destrezas motoras, qualidades físicas, ou, simplesmente não é realizada. Essa perspectiva limitada do sentido e da finalidade da avaliação é percebida nas conseqüências pedagógicas quando a referência para a avaliação é a aptidão física, e os critérios decorrem do sistema esportivo de alto rendimento".* A solução para essa problemática da Educação Física, na visão de Freitas (1995), seria proporcionar ao profissional os conhecimentos científicos necessários, dotando-os de conceitos e instrumentos críticos para poder analisar o conteúdo da avaliação e sua utilização.

A Educação Física comum está carente desses embasamentos científicos. Na Educação Física Adaptada, definida por Seaman e De Pauw (1982) como sendo *"um programa para pessoas com necessidades especiais que incorpora o desenvolvimento motor e físico do indivíduo, considerando suas capacidades e limitações",* acredita-se que essas atenções devam ser redobradas quanto ao tempo pedagogicamente necessário para que a aprendizagem aconteça. Esse tempo deve ser adequado ao ritmo de aprendizagem dos alunos, pois são muitos os benefícios que a atividade motora, por meio da Educação Física Adaptada, traz aos deficientes em geral, quando desenvolvida de forma adequada.

É importante que a Educação Física Adaptada seja oferecida nas instituições e escolas especiais. Necessário que venha acompanhada de um instrumento de avaliação adequado, que possibilite a elaboração de programas competentes e assegure uma intervenção benéfica à clientela especial nos aspectos cognitivo, afetivo-social e motor, suprindo seus interesses e necessidades, para melhor qualidade de vida.

A Educação Física Adaptada deve adaptar também seus instrumentos de avaliação, visto que muitas vezes os utilizados comumente não traduzem o potencial do deficiente mental. Essa adaptação poderá gerar novos instrumentos de avaliação ou adequar os já existentes. Ao se considerar a avaliação para essas pessoas, consideramos as mudanças de conceitos e atitudes que dizem respeito ao comportamento adaptativo e não às classificações clínicas utilizadas.

1.4 - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) : BREVE HISTÓRICO

No Brasil, segundo Silva (1995), existem aproximadamente 1.200 APAEs, das quais 1.059 encontram-se filiadas à Federação Nacional. É uma das maiores e mais significativas instituições privadas da América Latina, atualmente.

Em 11 de dezembro de 1954, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro - RJ a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, por iniciativa da norte-americana Beatrice Bemis, mãe de uma criança com Síndrome de Down, além de um grupo de pais, técnicos e profissionais, envolvidos com a problemática da educação da criança excepcional (Silva,1995). Compreende-se a origem da APAE como um movimento em prol da mobilização das instituições representadas, na maioria das vezes, por iniciativa de pessoas isoladas, surgindo daí o termo "Pais e Amigos dos Excepcionais".

A Ata da primeira Reunião Geral da APAE foi elaborada no dia 9 de outubro de 1954. Três itens resumem as principais finalidades da Associação:

1. Interpretar, junto à comunidade, os interesses, aptidões e problemas dos excepcionais;

2. Promover medidas atinentes à solução dos problemas apresentados por pessoas excepcionais;

3. Colaborar com os serviços especializados já existentes (Silva,1995).

A ausência de um serviço especializado ampliado que pudesse atender aos Deficientes Mentais determinou o surgimento do *movimento apaeano*, seguindo o modelo norte-americano da *NARC - National Association for Retarded Children*. A senhora Beatrice Bemis foi eleita sócia-fundadora e a primeira Presidente dessa Associação, nos Estados Unidos da América. Trouxe suas experiências para o Brasil, acreditando na importância de uma instituição desse porte em nosso país.

Na fase posterior à sua formação, a APAE visou à constituição de uma organização nacional, relacionando-se com outras instituições de educação especial, privadas e públicas (Silva,1995). A escolarização das crianças deficientes mentais era um dos pontos fundamentais da proposta da APAE.

Para manter a unidade nacional dos princípios políticos nas diversas APAEs do Brasil, foi criada a Federação Nacional de Pais e Amigos dos Excepcionais ou, abreviando, Federação Nacional das APAEs, fundada em Assembléia realizada em 10 de novembro de 1962, na cidade de São Paulo - SP.

De acordo com o Estatuto da Federação das APAEs (Brasil, 1994) é importante ressaltar que os itens abaixo mencionados, destacados no Artigo 3º, são relevantes para a causa do excepcional:

b) servir de órgão de coordenação direta ou indireta das entidades filiadas e, quando possível, de outras entidades que defendam a causa do excepcional em qualquer de seus aspectos;

c) encarregar-se, no âmbito nacional, da reunião e divulgação de informações sobre assuntos referentes ao excepcional, cabendo-lhe, especialmente, o planejamento de programas, da publicação de trabalhos e de obras especializadas;

f) promover ou estimular a realização de programas de prevenção das formas de deficiências;

Parágrafo Único - Considera-se "Excepcional" a pessoa que se diferencia do nível médio dos indivíduos em relação a uma ou várias características físicas, mentais ou sensoriais, de forma a exigir atendimento especial com referência à sua educação, desenvolvimento e integração social.

Em seu Artigo 4º, o Estatuto relata de que forma a Federação atua para atingir os seus objetivos, dentre os quais destacamos:

b) cooperar com as instituições empenhadas na educação, desenvolvimento e integração social do excepcional;

c) motivar a comunidade a melhor conhecer a causa do excepcional e a cooperar com as entidades interessadas na sua defesa;

d) promover entendimentos com todos os setores de atividades, contribuindo para a criação de adequadas oportunidades de trabalho para o excepcional;

e) estimular e auxiliar a criação de escolas especializadas, oficinas pedagógicas, classes especiais, oficinas protegidas e seções especializadas em entidades públicas e privadas.

Nesse contexto, os itens do artigo 4º acima refletem a preocupação em relação à participação, adaptação e integração da pessoa deficiente mental nos vários setores da sociedade.

As APAEs tiveram crescimento considerável pela natureza de sua organização e atendem à pessoa deficiente mental nas várias áreas como as de educação, saúde, trabalho, entre outras.

Dessa forma a instituição escolhida nessa pesquisa reflete, em grande parte, o atual sistema de atenção à pessoa deficiente mental. Consideramos que pela tradição existente nesse tipo de atendimento e pelas equipes profissionais, os procedimentos de avaliação sejam utilizados de acordo com os objetivos propostos em seus estatutos, e também de acordo com as características de seus "educandos".

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho contemplou questões de ordem teórica e metodológica, bem como questões de ordem técnica. As primeiras decorrem da constatação de que estudos sobre avaliação são abrangentes e complexos, principalmente quando se referem à pessoa deficiente. Profissionais que desconhecem as características das deficiências muitas vezes se confundem e utilizam os mesmos critérios e procedimentos metodológicos com que avaliam pessoas consideradas "normais" para avaliar a pessoa deficiente.

Para embasar teoricamente os assuntos em questão, foi feita uma revisão de literatura sobre "Terminologia e Evolução Conceitual da Deficiência Mental", "Educação Física Adaptada" e "Avaliação".

Essa pesquisa se constituiu num estudo de caso, onde o instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, realizada com profissionais de Educação Física das APAEs da região de Campinas; foram selecionadas nove instituições, num universo de 31 pertencentes à região.

A instituição APAE foi escolhida por possuir uma abrangência de atendimentos na área da deficiência mental e múltipla deficiência, estar consolidada em todo o país e por representar um ponto de referência na área.

A fase exploratória deste estudo foi realizada no primeiro semestre de 1996 com a elaboração de um estudo piloto para a coleta de dados, contendo perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, enviado a 240 APAEs do Estado de São Paulo, com a devida autorização e acompanhamento da Federação Nacional das APAEs (Anexo).

Através dessa pesquisa exploratória, pudemos perceber que os indivíduos são encaminhados às APAEs quando apresentam um comportamento fora dos padrões "normais", tanto na família quanto na escola, após passar, em sua maioria, por avaliações psicológicas e educacionais.

Ficou claro que, nas decisões de admissão dos alunos nas APAEs, o critério estabelecido é o de que os indivíduos sejam portadores de deficiência mental e/ou múltipla deficiência, coerente com os objetivos da instituição.

Pelos dados obtidos, percebemos também que nem todas as instituições pesquisadas possuem, em seus quadros, profissionais que englobem todas as áreas do

conhecimento. Mesmo assim, preocupam-se em avaliar o aluno de maneira geral, principalmente nas áreas clínica e pedagógica para, em seguida, encaminhá-lo e alocá-lo num programa que atenda às suas necessidades.

Esta investigação fez o levantamento de algumas questões que auxiliaram na discussão deste estudo, tais como:

- quais os critérios adotados para admissão do aluno utilizados pelas APAEs do Estado de São Paulo;
- como a Educação Física Adaptada é considerada nessas instituições;
- se a pessoa deficiente mental está sendo beneficiada pelos programas de ensino oferecidos pela instituição.

Na análise das questões foram observados a atuação do profissional de Educação Física e, especialmente, os procedimentos utilizados para avaliar as pessoas deficientes mentais, bem como seu entrosamento com os outros profissionais que trabalham na mesma instituição. Também foi considerado o modo como o profissional de Educação Física atua nas avaliações e como analisa os itens ligados ao progresso do aluno.

A compreensão das prioridades dadas às aulas de Educação Física permitiu caracterizar a maneira como avaliam seus alunos, suas dificuldades e os meios de que necessitam para melhorar os trabalhos dirigidos aos deficientes mentais.

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Dos 240 questionários enviados às APAEs do Estado de São Paulo foram obtidas respostas de 54 dessas instituições.

Dentro do universo analisado de 54 APAEs, verificou-se que o profissional de Educação Física atua em 35 delas, ou seja, em 64,81% das instituições, além de profissionais de outras áreas, tais como: psicólogo, assistente social, médico, dentista, entre outros (Questão I).

O critério de admissão utilizado por essas instituições para o ingresso do aluno é de que o indivíduo seja portador de deficiência mental e/ou apresente múltipla deficiência (Questão II).

Na avaliação por áreas, foi observado que, das 54 instituições pesquisadas, 53 (98,15%) requerem uma avaliação inicial desses indivíduos, que tanto pode ser na área pedagógica (92,45%) quanto na área clínica (83,01%). Somente uma (1,85%), que inclusive possui em sua equipe multidisciplinar o profissional de Educação Física, não realiza nenhum tipo de avaliação (Questão III).

A avaliação em Educação Física (Questão IVa.), num universo compreendido por 54 instituições, mostrou que 34 delas (62,96%) apresentam um programa de avaliação em Educação Física. Com respeito à freqüência com que essa avaliação ocorre, foram observados os seguintes dados: semanalmente = 37,50%; bimestralmente = 21,88%; trimestralmente = 6,25%; semestralmente = 31,25%; anualmente = 3,12% (Questão IVb).

Considerando o que é feito em avaliação na Educação Física, verificou-se que na maioria das instituições (34) predominam, concomitantemente, avaliações por atividades motoras — 55,88% dos casos —, por observação — 52,94% — e, em menor escala, exame biométrico — 23,53% — e testes de aptidão física — 20,58% (Questão IVd).

Das instituições (34) que praticam avaliação em Educação Física, o item considerado de maior relevância foi o da análise da capacidade individual do deficiente em 88,23% dos casos (Questão IVe).

O profissional de Educação Física é o responsável pela aplicação da avaliação na área motora em 100% das 34 instituições (Questão V), sendo que em 56,25% dos casos ela é feita individualmente; em 43,75% segue um modelo padronizado pelo profissional de Educação Física (Questão VI).

A Educação Física interage, segundo o profissional de Educação Física, com outras áreas em 33 (61,11%) das 54 instituições pesquisadas. A interação ocorre com a seguinte freqüência: diariamente, em 42,42% dos casos; semanalmente, em 3,03%; mensalmente, em 9,10%; e variável, em 45,45% dos casos (Questão VII).

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Finalmente, foi verificado que nas 35 instituições do universo analisado (54) em que existe a figura do profissional de Educação Física, o objetivo principal da Educação Física é a busca de uma melhora no desenvolvimento bio-psico-social do portador de deficiência.

Essa pesquisa exploratória mostrou que em 34 APAEs há avaliações em Educação Física. Elas são realizadas pelos profissionais de Educação Física que se utilizam de atividades físicas, como foi mencionado:"elaboramos *atividades motoras* onde detectamos as dificuldades dos alunos"; outros, *observam* seus alunos em atividade, apesar de as respostas indicarem que essas observações não são muito detalhadas. Também aplicam *testes motores* que sugerem ter sido escolhidos aleatoriamente como critério de avaliação, além de realizar *exame biométrico*. Nas respostas, os profissionais enfocam a necessidade de um aprofundamento em seu conhecimento nas questões sobre avaliação. Existe, portanto, interesse desses profissionais em propiciar aos deficientes um programa de atividades físicas adaptadas, mediante prévia avaliação, que irá apontar os problemas e necessidades dos alunos. O que lhes falta, segundo constatamos, é um suporte teórico que lhes proporcione segurança na escolha do processo de avaliação e na elaboração de atividades mais específicas.

Não há uma razão determinada na escolha do momento e freqüência da avaliação. Cada profissional decide de acordo com a realidade da instituição e suas possibilidades.

Os profissionais das diferentes áreas que trabalham nessas APAEs reunem-se com a finalidade de trocar informações a respeito dos alunos. Nessas reuniões foi registrada a presença do profissional de Educação Física.

Nesta pesquisa exploratória, ficou evidente, para os professores de Educação Física, que, por intermédio de suas aulas, o deficiente desenvolve os aspectos motor, cognitivo e afetivo-social, atingindo os objetivos propostos pela Educação Física.

Após a coleta e análise dos dados da pesquisa exploratória, foi constatado que, para manter a continuidade do trabalho, seria aconselhável a redução do universo pesquisado. Essa redução possibilitaria a realização de entrevistas cujas informações seriam mais completas e significativas. Esta etapa do trabalho foi realizada nas APAEs da região de Campinas, por ser uma das regiões mais desenvolvidas do país, com uma população de, aproximadamente, 2,2 milhões de habitantes, inúmeros centros de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, bem como centros de excelência em ensino superior. Nela encontram-se instaladas 31 das 500 maiores empresas do mundo, com um parque agroindustrial cuja produção representa 9% do produto interno bruto (PIB) do Brasil (Giffoni,1995).

Nesta região estão estabelecidas 31 APAEs, divididas administrativamente em duas delegacias: a delegacia de Jundiaí, que abrange 18 cidades, e a delegacia de Santa Bárbara D'Oeste, composta de 13 cidades.

Estabelecidos os contatos com todas as APAEs dessas duas delegacias, selecionamos nove APAEs que contemplavam algumas características consideradas importantes para o referido estudo, tais como:

1. possuir em seu quadro de funcionários o profissional de Educação Física;

2. possuir uma equipe composta por profissionais de outras áreas do conhecimento humano;

3. atender a uma população significativa de alunos.

Como estudo de caso, esta pesquisa buscou retratar a realidade de como a avaliação em Educação Física Adaptada vem sendo considerada nas APAEs da região de Campinas. Optamos pela entrevista como instrumento de coleta de dados pois, segundo Lüdke e André (1986), *"é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais"*. O entrevistado relata de maneira autêntica e fluente as informações que possui sobre o tema proposto, criando uma relação de interação entre ele e o entrevistador. Ainda de acordo com os mesmos autores, outro aspecto positivo da entrevista é que ocorre a *"captação imediata e corrente da informação desejada"*.

Os esquemas de entrevistas mais livres e menos estruturadas parecem ser mais adequados ao trabalho de pesquisa em educação. Entende-se por entrevista semi-estruturada o instrumento mais flexível, tanto para as informações que se quer obter, como para os informantes contatados. Por esses motivos, elegemos a entrevista semi-estruturada, organizada a partir de um esquema básico, não aplicado rigidamente, dando liberdade ao entrevistador de incluir as adaptações necessárias, se preciso fosse.

O contato inicial foi realizado com os diretores, coordenadores ou responsáveis por essas instituições. Nesse contato inicial foram explicados os objetivos desta pesquisa e solicitados autorização e agendamento para realização de entrevistas com os profissionais das equipes multidisciplinares.

Em datas e horários determinados foram feitas as entrevistas com os profissionais de Educação Física e demais profissionais das instituições, num clima amistoso e dinâmico. Foram informados dos objetivos das entrevistas e do assunto a ser abordado e tomaram ciência do tratamento sigiloso dispensado às informações obtidas. Para isso, as instituições foram identificadas apenas por ordem numérica, de um a nove.

Com o consentimento dos profissionais de Educação Física, quase todas (sete) as entrevistas foram gravadas diretamente, mediante um roteiro de perguntas, possibilitanto o registro de todas as expressões orais, o que permitiu ao entrevistador maior atenção a todas as informações. Percebemos que nem todos os profissionais de Educação Física entrevistados sentiram-se plenamente à vontade diante do gravador; dois deles preferiram que apenas anotássemos as suas falas. Para os demais profissionais das instituições, as entrevistas foram anotadas.

De maneira geral, essas entrevistas revelaram aspectos importantes da avaliação em Educação Física Adaptada, sugerindo possíveis caminhos a serem seguidos.

A seguir, transcrevemos na íntegra as entrevistas realizadas nas APAEs da região de Campinas e suas respectivas análises.

2.1 - TRANSCRIÇÃO LITERAL DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

2.1.1 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 1

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Eu não tenho aqui. O que se faz aqui é que se avalia em outras áreas e quando o aluno já está avaliado eu coloco todas as crianças, como já conheço elas, trabalho aqui há cinco anos, coloco ele em um grupo. Se o aluno é novo, eu tento colocar ele num grupo e vejo se consegue fazer tantas coisas. Se esse grupo está além, se está abaixo do que ela consegue. Acho muito importante ter uma avaliação. Com um modelo de avaliação, acho muito importante..."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"A Terapia Ocupacional é lá na oficina, os pequeninos eu avalio pela idade. Nunca vou colocar um grandão da oficina com um pequenininho de três anos... naturalmente isso eu não vou fazer. Se entra um aluno novo na oficina, eu vejo qual o grupo que ele se encaixa, vejo o horário dele no primeiro dia e vejo se ele se adapta ao grupo ... isso uns quinze dias. Se ele está se desenvolvendo com o grupo ... tudo bem, senão vejo onde ele tem mais incentivo para ficar. Às vezes, eu não acho o grupo ideal, porque ele estuda de tarde e o grupo ideal é de manhã. Daí a gente tem que se virar...

O que você avalia? Olha, tudo, viu. Todos os aspectos. Sociabilização é importante. Motor não, influencia pouco, um pouco... Eu tenho alunos em cadeira de rodas que tem mobilidade nos braços... que tem paralisia cerebral. Ele conduz a cadeira... eu ponho ele num grupo para fazer junto voleibol, por exemplo. Posso trabalhar coisas assim. Basicamente é isso. Tenho que ver as atividades que vou dar, para encaixar o grupo."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Às vezes, por exemplo, tem uma piscina aqui...Coloco ele na piscina e avalio individualmente. Sempre observo... sempre estou observando mesmo. Se a resposta de uma, na terra, quando coloca na piscina, muda...às vezes. Até o social da criança já muda."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"Vou te dizer em aulas, tá?! Tenho aulas de 45 minutos. Umas três, quatro aulas, dentro de um grupo."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Olha, é um pouco a falta de uma especialização mesmo. Falta de dados...quer dizer, eu só tenho o que está aqui. O que eu trabalhei. Eu gostaria de ter uma teoria a mais que desse para eu estudar... ampliar o conhecimento mesmo. Acho que é por aí. Por enquanto, só me baseio na minha experiência mesmo."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Geralmente tem. Os profissionais opinam. Esse aluno pode fazer nesse grupo. Mas isso eu já sei. Eles vão mais pelo social. Sempre a gente conversa. Eu até tento pôr o aluno no grupo que outro profissional opinou."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Não, a cada semestre eu procuro olhar. A base sempre é a mesma. Nunca muda completamente os grupos. Esse ano que eu estou com todo meu tempo ligado aqui na APAE está muito melhor. Tem grupos que eu atendia só uma vez, e estou atendendo duas. Cada seis meses, eu observo e se precisar eu mudo. Se uma criança não está se dando bem, eu mudo."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Não. A Educação Física até o ano passado, era a Educação Física lá...e o resto, aqui. Fica aí, se vira... Agora eu estou "brigando" mais pelas coisas. E aí eu estou me envolvendo mais com os outros profissionais. A partir desse ano acho que vai mudar. Já estou conversando mais com as outras áreas. Tô tentando mudar o perfil que é."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Não. Olha eu acho... eu tenho procurado, talvez eu não tenha procurado direito, mas não consigo achar muita literatura a respeito da Educação Física Especial. Então, se tivesse mais, talvez até tenha. Tinha que estar mais ao alcance.Talvez na Unicamp tenha dentro da biblioteca. O deficiente já é meio né, até a literatura é discriminalizada. Deveria ser mais abrangente, de mais fácil acesso."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Olha, eu entendo a Educação Física em si. É o meio da criança se desenvolver em vários aspectos. Eu vou trabalhar com os indivíduos que não são iguais. Aí já começa a adaptação. Você não tem um modelo. Você vai ter que mudar também. A proposta vai ser outra, o tempo vai ser outro. A única coisa que diferencia é a metodologia que você vai trabalhar...a paciência. Mas nada assim tão diferenciada com relação aos outros. Olha, eu quando entrei aqui não sabia nada a respeito. Vim por vontade própria. Vim com medo. Mas eu não acho que é muito diferente. Daí eu vou tranqüila. Trabalho como eu trabalhava com as outras crianças. Somente a proposta de ensino é outra, o objetivo é outro, a expectativa é outra."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física, no ensino especial e no ensino regular?*

"Tem uma diferença. O que você trabalha nas emeizinhas, você trabalha aqui. Às vezes as crianças não foram trabalhadas na APAE, por isso eu sinto que a proposta é diferente. Com o adulto é mais diferente, não vejo basicamente diferença nos programas."

Informações adicionais

1. o profissional de Educação Física não freqüentou disciplinas que abordassem a Educação Especial ou Educação Física Adaptada, no curso de graduação em Educação Física;

2. dependendo do grupo, esse profissional visa ao esporte e, neste caso, a opção é pela prática do futebol. Para outros grupos, o planejamento enfoca as necessidades básicas por meio de atividades motoras generalizadas.

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Não uso a Educação Física para montar a minha avaliação. Não busco elementos da Educação Física para elaborar meu programa de ensino. Não recorro à Educação Física para colher dados que sirvam para minha intervenção".*

- Pedagogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Tento sempre trabalhar com a Educação Física. Peço para que trabalhe os alunos na parte de equilíbrio e de noções de espaço temporal. Na minha avaliação inicial não há contribuição da Educação Física. Na avaliação contínua, sim. A Educação Física*

dá subsídios, me orienta quanto à postura do aluno em classe, etc. Agora eu estou percebendo o valor da Educação Física".

- Fisioteraupa: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Atendo casos mais específicos. Aí se faz mais terapias. Com a Educação Física temos que ter certo cuidado. Eu oriento o profissional de Educação Física em coisas que ele não sabe. Eu e o pedagogo damos as pistas do que deve ou não ser feito. Com os menos comprometidos, o profissional de Educação Física trabalha tranqüilo. Com as menores, eu e o pedagogo trabalhamos. Infelizmente não temos muito tempo para conversar, pelo horário. Eu colaboro mais com a Educação Física do que ela comigo".*

- Psicólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Aqui a criança só passa pela psicologia para triagem, o que eu acho uma pena. Aqui, o profissional de Educação Física foi conquistando seu espaço aos poucos, pois no início a Educação Física tinha muito pouco tempo para atuar. Não recorro à Educação Física para avaliação inicial ou para minha intervenção."*

Análise da entrevista

Esta instituição existe há mais de 20 anos, atendendo em média 100 alunos deficientes mentais e/ou com múltiplas deficiências. Seu programa engloba desde a estimulação essencial até a "Oficina".

Entre os profissionais da equipe, encontra-se o profissional de Educação Física que atua nessa instituição há aproximadamente seis anos. Em seu curso de graduação em Educação Física, não freqüentou disciplinas que tratassem do assunto Educação Física Adaptada, o que deixou lacunas na sua formação profissional, acarretando falta de embasamento teórico/prático específico, cujo reflexo percebe-se na sua atuação com a pessoa deficiente. Mesmo assim, o profissional acredita ser a avaliação um instrumento muito importante na área da Educação Física. Nessa instituição ele não realiza uma avaliação inicial para que o aluno participe das aulas de Educação Física, pois eles são avaliados inicialmente por profissionais de outras áreas da instituição para, posteriormente, ser alocados nos programas de ensino pertinentes às suas necessidades, sendo a Educação Física apenas parte desses programas.

Quando os alunos são encaminhados para o profissional de Educação Física, ele os distribui por grupos de faixa etária semelhantes e procura perceber se estão alocados

corretamente, mediante a aplicação de atividades físicas previamente elaboradas por ele. Aí então verifica se estas atendem às necessidades específicas da clientela. Baseando-se apenas em sua experiência profissional, utiliza a observação individual e em grupo como método de avaliação, dando ênfase à socialização. Acredita ser a socialização até mais importante do que o aspecto motor. Dispende em média, para essa avaliação, de três a quatro aulas com duração de 45 minutos cada. Em alguns casos, há a participação de profissionais de outras áreas que sugerem a colocação de certos alunos em determinados grupos. Sente dificuldade em elaborar a avaliação por não possuir um embasamento teórico a respeito do tema e, conseqüentemente, para obter um perfil fidedigno do aluno.

Não realiza reavaliações nos alunos pelo fato de que os grupos se mantêm mais ou menos iguais, só havendo mudança no caso de algum aluno não se adaptar.

Por longo tempo, este profissional não se sentiu totalmente integrado à equipe da instituição. Provavelmente isto ocorra pela sua insegurança em relação ao trabalho com a pessoa deficiente. Após seis anos de atuação junto a essa clientela, o referido profissional adquiriu maior experiência na área de Educação Física Adaptada e, com isso, aproximou-se e envolveu-se um pouco mais com a equipe multidisciplinar. O profissional de Educação Física interessa-se por uma reciclagem na sua área de atuação, mas não sabe exatamente como proceder para ter acesso a material e cursos existentes relativos ao assunto.

Basicamente, este profissional não consegue ver diferenças entre a Educação Física tradicional e a Adaptada. Para ele, na Educação Física Adaptada a clientela é diferente e, talvez, as propostas de atividades de ensino sejam outras. Ele tem a mesma compreensão em relação aos programas de Educação Física, no ensino especial e regular.

É importante salientar que não se percebeu uma efetiva integração da equipe com a Educação Física, principalmente com as áreas da Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Psicologia. Os profissionais dessas áreas não buscam, de maneira alguma, elementos na Educação Física que possam enriquecer sua avaliação, programa e intervenção, mas existe uma preocupação do fisioterapeuta com a atuação do profissional de Educação Física. Em várias ocasiões, o profissional de Educação Física é orientado pelo fisioterapeuta em suas intervenções nos casos mais específicos. Há uma colaboração mais efetiva da Fisioterapia com a Educação Física, não ocorrendo o inverso. O fisioterapeuta alega que gostaria de maior contato com o profissional de Educação Física, mas ambos são impedidos de fazê-lo pela escassez de tempo na dinâmica da instituição.

Com o pedagogo esse intercâmbio é mais freqüente. Ele solicita orientação ao profissional de Educação Física no tocante a noções de espaço temporal, equilíbrio e também sobre problemas posturais do aluno em classe. Neste caso, o profissional de Educação Física auxilia o trabalho do pedagogo, reforçando em suas aulas as solicitações

específicas. Os resultados dessa integração estão sendo considerados satisfatórios pelos profissionais das duas áreas. O pedagogo comentou estar agora descobrindo o valor da Educação Física.

O psicólogo dessa instituição percebeu a mudança que está ocorrendo na área de Educação Física, apesar de não utilizá-la em seu trabalho. Discorreu com convicção sobre a maneira de como a Educação Física está conquistando o seu espaço, aos poucos. Ele acredita ser uma pena que a criança não passe pela Educação Física no momento da triagem.

De maneira geral, observamos nessa instituição que a figura do profissional de Educação Física encontra-se em processo de valorização, haja vista a menção do psicólogo de que a Educação Física deveria estar presente no momento da triagem para o ingresso dos alunos nessa APAE. Outro ponto constatado é que o profissional de Educação Física atribui certo valor à avaliação em Educação Física Adaptada, mesmo não possuindo referencial teórico sobre o assunto.

2.1.2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 2

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Muito importante.Tem que haver uma avaliação mesmo, mas eu não tenho uma formada ainda para mim. Não tenho nada que eu possa basear. Tô fazendo do meu jeito aquilo que eu acho... o que eu devo tirar ou devo colocar. A avaliação que eu estou fazendo é mais ou menos assim."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Realizo. Tá sendo meio difícil. Tô fazendo Educação Física por sala. Tem sala muito mista. Com muita dificuldade o aluno às vezes não dá para participar daquela atividade que eu programei, pois há dificuldade para ele executar. Estou pensando em começar a dividir as salas. Falta tempo, horário. Pegar aqueles 30 minutos e não dá para tirar o aluno...depois pegar em outra aula.

O que você avalia? As dificuldades que ele apresenta, a coordenação motora, equilíbrio de cada aluno, orientação espacial, que apresentam muita dificuldade, o que eles gostam da fazer. Na hora de começar a aula eu pergunto o que eles gostariam de fazer, o que

eles conhecem, os esportes, pra gente poder ter uma idéia do que eles pensam lá, pra gente poder trabalhar aqui. É assim que eu faço."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Não, não. É só na base da conversa e no decorrer do ano vou trabalhando aquilo que nós conversamos ou o que eu vejo. Se tem uma dificuldade então começo a fazer uma atividade mais em cima daquela dificuldade dele. Agora, escrito, assim um teste, eu não tenho nada."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"No primeiro bimestre a gente fica vendo, observando, sempre o primeiro mês. Vendo as características dos alunos, vendo o que eles podem fazer, o nível de cada um deles. Tanto é que eu trabalho aqui e na oficina. Na oficina já deu para eu fazer mais essa divisão. O horário lá é um pouquinho maior. Tem uma hora de aula. Lá já deu para eu separar. Já deu pra pegar a oficina, a encadernação, a horta e a culinária. Lá como eu uso o espaço do centro esportivo, os alunos que têm mais habilidade ou maior dificuldade vão em outro. Dá pra fazer essa divisão. Então eu avalio durante o primeiro bimestre."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Olha, eu acho que é a falta de informação mesmo, de conhecimento que eu ainda não tenho suficiente para avaliar. O que falta mesmo é o conhecimento nessa parte da Educação Física que eu não tenho. Eu converso muito com o Orientador Pedagógico e esses papos está sendo uma troca de idéias que eu vou pegando do Fisio, do Fono, recolhendo de cada uma. Uma coisa específica eu não tenho onde confiar não."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"É muito importante, há de todos os professores, até mesmo do Pedagogo que fica na quadra, eu peço uma ajuda quando estou dando uma atividade. Ele ajuda, fica comigo, depois continua... me falando, é muito jóia."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Não."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Colabora no comportamento; na detectação de problemas. O Psicólogo tá sempre conversando comigo prá saber como está o comportamento de algum aluno que ele quer saber durante a minha aula. Quando acontece os jogos, colabora na interação. Conversando direto... vê se quer ajuda."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Não tenho nenhum. Faço alguns cursos. Não sei se tem específico na área de Educação Física Adaptada. Ainda não fiz. Gostaria que tivesse. Livros didáticos para estudar, dar uma olhada. Eu gostaria de saber se tem algo diferente. Será que para a Educação Física Adaptada tem alguma coisa diferente ? Eu tô adaptando as minhas aulas do Estado aqui. Eu não sei se essa maneira é correta. Peço ajuda ao Fisio."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Eu não acho assim Adaptada. Seria, eu acho, uma maneira melhor para ensinar os alunos daqui a fazerem uma determinada prática esportiva. Então o que eu faço na Educação Física Adaptada é adaptar material, tempo de jogo, espaço adequado, é assim que eu vejo. Por exemplo, eu explico o *handball,* que eles vêem na outra escola, é como o futebol, só que com a mão. Uso esse termo, futebol com a mão. O local é adaptado. E tudo que tem lá... que a gente tenta adaptar e ver qual o melhor pra eles."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Assim, diferença, eu vejo assim... eu entro na adaptação mesmo. Tudo o que eu dou lá, eu dou aqui. Não vejo muita diferença. Ah! Uma Educação Física de uma maneira mais fácil pra eles entenderem aqui."

Informações adicionais

1. em seu planejamento, o professor de Educação Física não enfoca só a competição. Usa seu trabalho para desenvolver os segmentos físicos a partir da Educação Física;

2. o profissional de Educação Física não freqüentou, durante a graduação, nenhuma disciplina que abordasse a Educação Física Adaptada.

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Fisioterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Antes eu trabalhava individualmente. Não tinha muito contato com a Educação Física. De um tempo para cá, estamos trabalhando em grupo.Tenho um elo maior com a Educação Física. Elaboramos atividades que venham complementar as necessidades dos alunos. Eu não uso a Educação Física para minha avaliação inicial. Busco na Educação Física elementos para a elaboração do meu programa. Na terapia individual não tenho o contato com a Educação Física."*

- Pedagogo I: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Não há a presença do profissional de Educação Física quando faço a triagem, e sim do Assistente Social, Psicóloga e Neuro. Quando tenho necessidade de uma avaliação específica, daí encaminho para a Educação Física, T.O. e eles me dão um retorno. E vejo onde o aluno pode ser encaixado. Faço uma reunião semestral e a Educação Física dá a sua colaboração apontando aspectos que precisam ser trabalhados."*

- Pedagogo II: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Acho o momento da Educação Física riquíssimo para meus alunos, apesar de não usar a Educação Física para minha avalição inicial. Busco elementos na Educação Física para montar o meu programa de ensino. Por exemplo, no jogo, uso elementos do jogo para ensinar Matemática. E também busco elementos na Educação Física para minha intervenção. Exemplo: com relação à postura, sociabilização, energia, etc."*

- Assistente Social: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Meu trabalho é mais no sentido de atender a família, mas há uma reunião semanal onde está presente tambem o professor de Educação Física onde se discute os assuntos mais prementes. Não trabalho com avaliação de alunos especificamente."*

Análise da entrevista

Fundada há mais de 20 anos e atendendo em média 130 alunos deficientes mentais e/ou com múltiplas deficiências, esta APAE engloba em seus programas de ensino desde a estimulação essencial até a "Oficina".

Durante o processo de admissão na instituição, os alunos passam por uma triagem com a participação do assistente social, do neurologista, do pedagogo e do psicólogo. No caso de uma avaliação mais específica, são encaminhados para o terapeuta ocupacional e, às vezes, para o professor de Educação Física.

Desde o seu início, esta instituição contou com os serviços do profissional de Educação Física. O atual profissional está formado há 13 anos, trabalhando há 12 no ensino regular e há aproximadamente três anos atuando nesta APAE. No seu curso de graduação em Educação Física não freqüentou disciplinas que abordassem o assunto Educação Física Adaptada. Mesmo já possuindo uma boa experiência prática, adquirida no ensino regular, acredita estar evoluindo em termos de Educação Física Adaptada há pouco tempo, conhecendo as características dos alunos, bem como sua heterogeneidade. Considera necessário e extremamente importante que se realize uma avaliação em Educação Física, apesar de não contar com nenhum modelo estruturado, muito menos com embasamento teórico para realizá-la. A princípio, faz um levantamento com os alunos, verificando o que eles mais gostam de fazer e quais os esportes que conhecem, observando as dificuldades quanto à coordenação motora, equilíbrio e orientação espacial. A partir daí, elabora atividades que venham atender às necessidades específicas deles. O período de observações demanda normalmente um bimestre. No caso dos adultos, consegue realizar mais rapidamente essa avaliação pois, além do tempo de duração da aula ser maior, é mais fácil agrupá-los corretamente.

Quanto à avaliação na área da Educação Física Adaptada, esse profissional encontra dificuldade na sua execução, em virtude do seu limitado conhecimento teórico sobre o assunto. Neste caso, recorre aos conhecimentos do fisioterapeuta, do fonoaudiólogo e do orientador pedagógico. Ficou claro nesta APAE que existe um auxílio mútuo entre os profissionais de diferentes áreas, com ganhos de conhecimento para todos, principalmente para o profissional de Educação Física.

Este profissional não procede à reavaliação em seus alunos.

Como existe um entrosamento entre os profissionais nesta instituição, a Educação Física colabora com as outras áreas de ensino, fornecendo informações importantes sobre os alunos, detectadas em aulas, como por exemplo: informa ao psicólogo como o aluno se comporta em aula, se é uma pessoa inibida, extrovertida, que coopera.

Vale ressaltar que o profissional de Educação Física demonstrou interesse em obter acesso a cursos específicos na área de Educação Física Adaptada, bem como a material relativo ao tema.

Na sua concepção, a essência da Educação Física Adaptada e da Educação Física seria a mesma, haveria apenas a necessidade de se adaptar o meio físico, o material

e as regras dos jogos. Enfim, adequar uma maneira de ensinar práticas desportivas e atividades físicas generalizadas para a pessoa deficiente.

Ele não vê muita diferença entre os programas de Educação Física do ensino especial para os do ensino regular. A sua experiência é a de trabalhar nos dois ensinos da mesma forma; apenas explica o que vai ser ensinado de maneira mais detalhada e mais clara, para o aluno deficiente mental.

Ficou constatado nesta APAE, pelas entrevistas realizadas com o fisioterapeuta, com o pedagogo e o assistente social, que a Educação Física não colabora com essas áreas nas avaliações iniciais, mas encontra-se presente em outros momentos importantes, principalmente no que toca ao fornecimento de elementos para a elaboração dos seus programas, como também aponta aspectos deficitários dos alunos que, muitas vezes, precisam ser trabalhados. A Educação Física, portanto, colabora com os profissionais de outras áreas da referida instituição, transmitindo-lhes dados relevantes e ajudando-os em suas intervenções, não ocorrendo a mesma reciprocidade com as outras áreas.

2.1.3 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 3

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Eu acho que a avaliação precisa ser feita para que a gente conheça o aluno com quem está lidando. Sem a gente saber como o aluno funciona, não tem como fazer sua aula, no caso uma atividade para eles. É um instrumento muito importante. Eu avalio para que eu conheça meu aluno, adapte ou programe atividades para que ele tenha mais sucesso do que fracasso."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"A avaliação, se eu for pegar uma turma que eu não conheço, essa avaliação vai ser uma aula, uma atividade que eu vou montar, mas não em forma de teste. É uma aula comum, dependendo da idade, própria para a idade deles. A partir dessa aula, é que eu vou perceber o que eles estão precisando e a partir daí monto as aulas de acordo com as necessidades deles. *O que você avalia?* O carro chefe aqui nas avaliações é em termo de socialização. A partir disso daí, vêm todos aqueles outros elementos como lateralidade, esquema corporal..."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Bom, eu realizo essa avaliação nas aulas, nas próprias aulas se é com uma turma que eu já tenho contato, com pessoal que eu já acompanho há muitos anos; as próprias aulas que eles vão fazendo é que a gente vai fazendo a avaliação, vai vendo o que pode ser melhorado num ponto de vista, no outro, e a gente vai modificando essas aulas para que eles possam alcançar sucesso. As fontes, os instrumentos que eu utilizo para avaliação, são: observações de aula, as coisas que os outros professores deles vêm me trazer para a minha própria aula, e eu estou sempre procurando ler, procurando livros, procurando coisas para avaliar."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"Bom, a avaliação é o tempo da aula, que pros pequenos é de uma hora cada aula e pros maiores é de uma hora e meia. Então toda aula eles estão sendo avaliados. Isso daí durante o ano todo. Bimestralmente, a gente tem que entregar uma avaliação para a Instituição, mas isso é parte burocrática."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Numa aula comum, eu penso até que eu não tenho muita dificuldade. O que pode me barrar mais é que às vezes os alunos não vêm com muita vontade de fazer aula. Não é sempre que eles estão a fim de fazer todas as coisas, né?! A menos que seja pelo espírito de participação deles, de cada um."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Não. Para a primeira avaliação não tem. No decorrer tenho um auxiliar e também um projeto que foi montado junto com a Pedagoga."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Olha, eu acho que eles estão sendo sempre reavaliados. Vai rolando o que foi conseguido na aula passada, a gente tenta melhorar na próxima. E isso já é uma reavaliação. Uma reavaliação específica, não tem."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Olha, com respeito à Fisio, Fono, T.O., eu não sei dizer. Eu até acho que deve melhorar porque o exercício tá trabalhando com o corpo deles e ajudando nas outras terapias. O

que eu tenho retorno é das Pedagogas que vêm me falar que os alunos estão melhorando, que estão conseguindo fazer um movimento específico, de forma mais coordenada, nisso eu tenho retorno delas."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Bom, aqui na instituição se a gente pudesse ter mais livros, mais cursos que a gente pudesse fazer, um mestradinho na Unicamp, se eu conseguisse entrar; não dá para ficar parada, tenho que continuar estudando."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada? Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Vou responder juntas. O programa de Educação Física aqui da APAE é o mesmíssimo que eu faço para a rede estadual. O que muda é a intensidade com que é feito, a resposta dos nossos alunos, porque o conteúdo acho que tem que ser o mesmo. Não tem como diferenciar. Às vezes os alunos daqui fazem até melhor que os de fora. É bom que dá para acompanhar com o da escola. A Educação Física Adaptada, esse termo não sei se é correto. Os alunos daqui também participam de olimpíadas. Tiveram ótimo desempenho."

Informações adicionais

"O meu planejamento aqui é geral. Com o máximo de atividades físicas que eu tento passar para eles, como: atletismo, basquetebol, recreação. Não direciono só ao esporte, mas tudo que se pode trabalhar no físico. Tem a parte esportiva que quando tem as Olimpíadas a gente participa. Mas não é só isso não, tem o projeto "Praia", etc.."

"Eu não tive uma disciplina específica de Educação Física Adaptada na minha graduação. O que tive foi uma disciplina de Psicologia com o professor S. que pediu um trabalho relacionado com o deficiente mental e um estágio de 80 horas a pedido do próprio professor na APAE."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Psicólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"A Educação Física está muito vinculada à criança, adolescente e adulto. O próprio trabalho com o corpo já é uma consciência do "eu". O trabalho com o corpo*

propicia uma autoconscientização, um trabalho com o meio, com as outras pessoas, com os órgãos dos sentidos. Principalmente com o deficiente, a Educação Física cria oportunidades grandes, muito benéficas do ponto de vista psicológico. Diretamente no meu trabalho essa contribuição da Educação Física não entra. Até por uma questão habitual. Embora no meu atendimento com a criança deficiente, estou atenta ao dinamismo físico, se tem criatividade e qual é a participação do corpo. Mas isso é uma observação minha. A Psicologia pode auxiliar o professor de Educação Física em alguns recursos, como por exemplo, segurança. Não tenho programa de ensino. Não a princípio. No processo, no decorrer, sim. Via a Educação Física como adestrativa, não como individual, o que realmente o indivíduo precisa."

- Fisioterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Na verdade, sou eu que passo informação para a Educação Física. A Educação Física não colabora com a minha avaliação. Não uso a Educação Física para montar meu programa de atuação. Acredito que seria interessante, mas não faço. Para intervir não recorro da Educação Física."*

- Assistente Social: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Trabalho mais com a família. Há uma contribuição recíproca entre o professor de Educação Física e eu. Eu passo alguns dados que ele não tem e ele traz dados específicos da área dele e eu passo tudo para a família. Há uma interação."*

- Pedagogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"No meu caso a Educação Física colabora muito. Faço uma avaliação inicial geral. A Educação Física contribui bastante nessa avaliação. Começamos a fazer um trabalho de conscientização corporal nos deficientes. Minha programação foi montada por essa avaliação inicial. Busco elementos na Educação Física com resultados fantásticos. O que programei para seis meses, consegui em dois com a ajuda da Educação Física. Esse ano estou trabalhando a expressão corporal com música, sempre com a ajuda da Educação Física. Sim, sempre recorro à Educação Física para ter subsídios para minhas intervenções."*

Análise da entrevista

Fundada há mais de 15 anos e atendendo em média 140 alunos deficientes mentais moderados e/ou com múltiplas deficiências, esta APAE contempla em seu programa de ensino, desde o trabalho com crianças de estimulação essencial até os alunos adultos na "Oficina".

A Educação Física existe nesta instituição há aproximadamente 10 anos, com o mesmo profissional atuando em Educação Física, desde o seu início. O referido profissional é formado há 11 anos e sua formação acadêmica, na disciplina de Psicologia, abordou o tema da pessoa portadora de deficiência que exigiu-lhe, entre outros requisitos, um trabalho direcionado à pessoa deficiente mental, com obrigatoriedade de estágio numa instituição especializada e duração mínima de 80 horas.

Apesar de transmitir muita segurança quando relata seu trabalho na área da Educação Física Adaptada, ressente-se da falta de informações e de conhecimento relativo à avaliação em Educação Física. Acredita ser a avaliação um instrumento importante, necessário para conhecer a clientela com quem trabalha.

Este profissional não segue um modelo próprio de avaliação, nem protocolo de avaliação ou qualquer outro modelo já existente. Estabeleceu que, não possuindo informações sobre os alunos com os quais irá trabalhar, deve elaborar uma aula prática, com atividades físicas adequadas à faixa etária do grupo. A partir daí visualiza quais as necessidades dos alunos no aspecto motor, dando ênfase ao fator socialização. Se já os conhece, utiliza a observação como instrumento da avaliação, alterando sua programação de acordo com as necessidades apresentadas. Considera importante as informações oriundas dos outros profissionais da instituição sobre os alunos.

Durante todo o ano esses alunos estão sendo observados e avaliados. Administrativamente, esta instituição requisita do profissional de Educação Física uma avaliação bimestral dos alunos. O profissional de Educação Física não encontra dificuldades em realizá-la, pois conta com a colaboração efetiva dos alunos.

Não realiza uma reavaliação específica. Considera que eles estão sendo sempre avaliados no decorrer das aulas.

Esse profissional não vislumbrou ainda com clareza se a avaliação realizada por ele auxilia outras áreas da instituição, mas tem certeza que a Educação Física colabora com a área pedagógica, pelas informações que lhe são transmitidas a respeito do progresso dos alunos.

Durante a entrevista, demonstrou grande interesse em continuar seus estudos nessa área, inclusive em ingressar num mestrado. Acredita ser difícil o acesso a publicações científicas foi uma de suas reivindicações.

Não tem convicção sobre o termo Educação Física Adaptada ser o mais correto. Como trabalha também em escola de ensino regular, não vê diferenças entre esses programas e os da APAE. Basicamente, o conteúdo é o mesmo. Talvez a diferença, se houver, esteja na forma e na intensidade com que as atividades físicas são executadas.

Percebemos haver coerência na avaliação realizada por esse profissional de Educação Física em relação ao seu planejamento de aulas. Procura trabalhar com atividades motoras generalizadas, proporcionando o máximo de vivência motora para seus alunos, inclusive em atividades esportivas.

Constatamos nessa instituição que, em sua maioria, os profissionais de outras áreas utilizam muito pouco a Educação Física para realizar suas avaliações, programas e intervenções, mas acreditam que a Educação Física proporciona um benefício muito grande ao trabalho corporal, propiciando a autoconsciência, a socialização e a criatividade dos alunos. É importante ressalvar as considerações do profissional de Pedagogia, que considera excepcional a contribuição da Educação Física em seu trabalho, tanto na avaliação pedagógica inicial, quanto na programação e intervenção.

2.1.4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 4

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Bom, acho importante em primeiro lugar ter uma avaliação prá gente conhecer o aluno, e também para se ter um parâmetro de desenvolvimento que eles podem obter através da nossa disciplina. Também é importante nós termos um início pra começarmos a fazer um planejamento, ter um programa. A gente procura através da avaliação encontrar o maior número de dados e a partir desses dados vamos procurar desenvolver alguma coisa que possa ser feita com essa criança. Eu avalio para elaborar o planejamento e para conhecer o indivíduo na parte motora. Por exemplo, ver alguma deficiência de marcha, de resistência. Vou procurar também os outros profissionais e ver no que a gente pode estar melhorando."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Realizo uma avaliação para todos. Todos vão participar das minhas aulas. Faço uma avaliação inicial não com o caráter de excluir o aluno, apenas com o caráter de colher dados. Eu avalio de maneira geral a coordenação, o esquema corporal, o reconhecimento do corpo para os menores e até para os maiores. Para os da oficina, fazíamos até aquela coisa da propriocepção, para eles se conhecerem melhor, principalmente para o deficente mental adulto, que tem a mente bem rebaixada. É uma criança com corpão de adulto, não sabe nem o que acontece. Então a gente tenta esse trabalho com eles. Também vemos as capacidades perceptivas, toda parte de discriminação tátil, auditiva, visual, lateralidade e as capacidades físicas também. A gente vai avaliar um pouco de agilidade, de velocidade, resistência e força. Depois tem as habilidades com bola, domínio, controle, quicar, receber, arremessar, se o aluno tem algum contato com bola. O principal elemento da Educação Física nosso, é a bola. Precisa trabalhar muito com bola, pois aí é o primeiro passo para os esportes. Depois de uma maneira geral, eu vejo o afetivo social, o comportamento, o nível de participação, se respeita regras, até constatamos se é muito agressivo, se briga ou não, se compreende, se coopera, enfim tentamos abordar o indivíduo como um todo."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"A primeira parte é toda essa parte de habilidades, capacidades, a parte social, onde anotamos em uma folha os dados que estão sendo avaliados. Quanto a avaliação de conscientização corporal, partes do corpo, nós fazemos uma tabela, um esquema. Também passam pelo médico; fazemos um exame antropométrico com peso, altura, batimentos cardíacos em repouso e após movimento, e também vemos a pressão arterial. A gente passa todos os dados para o médico. Quando é detectado algum problema, a gente já faz o encaminhamento e aí trabalhamos com a consciência mais tranqüila. Quanto à fonte de informação para organizar essa folha, esse protocolo, eu tirei de alguns autores que escrevem sobre avaliação em Educação Física e Educação Física Adaptada."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"A nossa avaliação é de um mês. Toda semana a gente faz avaliação dividindo por classe. Cada classe tem aula duas vezes por semana. Então levamos um mês para juntarmos todos os dados."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Não encontro dificuldade nenhuma para realizar a avaliação. Tudo que pedimos, conseguimos."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Faço eu e o outro professor de Educação Física."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Não reavalio. Os alunos são reavaliados só no ano seguinte se continuarem na escola."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Acho que eles nunca vieram procurar os dados da nossa avaliação. Não têm esse interesse. Comentamos com esses profissionais no caso de algum aluno em particular apresentar problemas. Mas é só "conversa de corredor". Não tem nada formal."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Gostaria de ver um modelo de avaliação que pudesse viabilizar melhor a minha avaliação, ver se estou no caminho certo; algo que viesse acrescentar, somar com o nosso trabalho."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Eu gosto do termo adaptada, mas não vejo diferença nenhuma da Educação Física tradicional. O que percebo é uma atenção maior em alguns detalhes, por exemplo, com relação à postura, algum exercício que possa ser recomendado para o indivíduo fazer que tenha que ter alguma adaptação. Procuro fazer aqui na APAE um trabalho até superior ao do ensino regular. Coisas que às vezes o ensino regular não oferece, como por exemplo, a natação."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Não vejo diferença na programação do ensino especial e regular."

Informações adicionais

"O esporte para competição é uma conseqüência. Aqui nós fazemos um planejamento onde se trabalha tudo, não especificamente o esporte. Por exemplo, se tiver um torneio de futebol, nós vamos participar, vamos formar uma equipe e treiná-la. Nossa filosofia é participar, ganhar é uma conseqüência. Nós saímos, passeamos, o que vale é isso. A festa é a mesma. O que vale é estar lá, participando."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Eu realizo uma avaliação inicial, mas não há um contribuição da Educação Física. Também não busco elementos da Educação Física no meu programa de ensino. Para intervir até que há uma troca com o professor de Educação Física, mas nada sistemático, direto, mas a nível de corredor."*

- Psicoterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Especificamente não me utilizo da Educação Física, mas acho interessante o trabalho... a expressão emocional pelo corpo."*

- Pedagogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Eu acho que há uma contribuição sim. Em relação à lateralidade, orientação temporal e até em alguns jogos que incluo em minha avaliação. Para montar o meu programa de ensino não recorro à Educação Física. Agora para intervir, recorro à Educação Física sim. Sempre estou em contato com esse profissional."*

- Fonoaudiólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Por problema de organização, não acontece o entrosamento entre os profissionais. Trocamos informações quando sentimos necessidade. Vai muito do profissional se interessar ou não. Para minha intervenção peço auxílio do profissional de Educação Física para complementar o meu trabalho."*

- Psicomotricista: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Trabalho com terapia psicomotora. Sempre peço ao profissional de*

Educação Física para complementar algo na minha avaliação. Trabalhamos áreas comuns de necessidades dos alunos e há grande contribuição.Também utilizo a Educação Física na minha intervenção."

Análise da entrevista

Esta APAE foi fundada há mais de dez anos, atendendo em média 100 alunos deficientes mentais moderados e/ou com múltiplas deficiências e inserindo em seus programas de ensino desde a estimulação essencial até a "Oficina".

Desde sua implantação, a referida APAE contou com o profissional de Educação Física em sua equipe de trabalho. O profissional vem atuando nesta instituição há nove anos, ou seja, logo após a conclusão do curso de graduação em Educação Física onde, na disciplina de Psicologia, escreveu um trabalho sobre a pessoa deficiente. Posteriormente, concluiu curso de especialização em Educação Física Adaptada com duração de um ano.

Acredita ser muito importante a avaliação em Educação Física. Na prática, avalia inicialmente com intuito de conhecer a parte motora do indivíduo, a fim de estabelecer um programa que lhe possibilite montar o planejamento para aulas. Sua avaliação é complementada com informações adicionais provenientes de outras áreas. Afirma que essa avaliação nunca foi realizada para excluir alunos menos capazes, mas sim para colher subsídios relativos aos aspectos motor e afetivo-social da citada clientela. Ele avalia, portanto, a coordenação motora, o esquema corporal e a consciência corporal, principalmente com os alunos menores, bem como as capacidades perceptiva, tátil, auditiva, visual, a lateralidade, agilidade, força, velocidade e resistência. Considera a bola um material importantíssimo para seu trabalho, pois a habilidade no seu uso é o primeiro passo para a prática de alguns esportes.

Observa os alunos no aspecto afetivo-social, inclusive seu comportamento em aula. Verifica se o aluno é agressivo, briguento, se coopera com seu grupo, qual o nível de participação dele na equipe, enfim, procura avaliar o aluno como um todo.

Elaborou um protocolo de avaliação, pesquisando modelos de avaliação existentes na sua área de formação e agregou itens aos modelos pesquisados, obtendo como resultado final um protocolo de avaliação próprio que utiliza na instituição. Dispende pelo menos um mês na realização dessa avaliação inicial em todas as turmas, mesmo não encontrando dificuldades para fazê-la e de contar com o auxílio de outro profissional de Educação Física. Salientou não notar interesse, por parte dos outros profissionais da equipe, pelos dados colhidos nessa sua avaliação inicial, a não ser de maneira informal.

Ele não reavalia seus alunos durante o ano.

Apesar de este profissional de Educação Física demonstrar habilidade e conhecimento em seu trabalho com os alunos na área de Educação Física Adaptada, inclusive nas questões de avaliação, mantém-se sempre na busca por conhecimento científico sobre o referido assunto, o que lhe permita perceber se está "no caminho certo".

Na sua concepção, a Educação Física Adaptada é baseada na Educação Física, não havendo muita diferença entre as duas. Considera adequado o termo "Adaptada".

Devido à experiência acumulada como professor de Educação Física, não estabelece diferença entre a programação das atividades do ensino regular para com as do ensino especial. Realiza nesta APAE até atividades não comuns ao ensino regular, como por exemplo, a natação.

Em seu planejamento, o esporte para competição é uma conseqüência do trabalho desenvolvido na APAE. Acredita mais na maneira prazerosa com que o aluno sente as atividades, participando com entusiasmo delas, enfim, feliz em realizá-las.

Ficou claro nas entrevistas que alguns profissionais das outras áreas da instituição já perceberam a importância da Educação Física Adaptada dentro do contexto geral, haja vista, mesmo informalmente, a busca de elementos da Educação Física que complementem seus programas de ensino e intervenções.

2.1.5 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 5

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Acho que é importante, porque através dela vou descobrindo o que trabalhar com os alunos, as habilidades e deficiências, isto é, o que você vai trabalhar."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Sim, realizo uma avaliação. Não é bem uma avaliação inicial. No começo do ano dou algumas aulas com determinados objetivos, e a partir daí recolho dados para ver o que vou desenvolver com eles. Avalio se o aluno tem iniciativa, compreensão do que foi pedido e tento fazer alguma coisa. As habilidades são conseqüência disso."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Realizo a avaliação com a prática, com os problemas que vou tendo no dia a dia. Trabalho com a sala, em média quinze alunos. Não utilizo instrumento específico para avaliação."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"Em média gasto um mês."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Não tenho dificuldades para avaliar. Os alunos participam bem."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Há um estagiário da área da Educação Física que me ajuda a elaborar o relatório. O Pedagogo também participa."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Não há uma reavaliação específica. Sempre trabalho coordenação, atividades com bola, isto está no dia a dia da criança. São coisas que estão sendo trabalhadas desde o começo e são sempre revistas."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Sinto que a minha avaliação colabora. Os professores perguntam como o aluno está. Tem que haver integração de todos. Às vezes ajudamos a mudar alguma atitude do aluno."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Tenho fácil acesso a bibliotecas, quando há cursos eu participo. Sempre aproveito alguma coisa."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"A Educação Física é a mesma, apenas tem que ter situações adaptadas. Trabalho nessa Educação Física com mais atenção. Temos que ter um trabalho especial. Acho que é por isso que tem esse nome."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"No ensino regular se for ver é igual. Acabamos adaptando para ensino especial."

Informação adicional

"Eu faço um planejamento geral e através disso vou descobrindo as habilidades dos melhores, partindo para um esporte mais definido."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Fisioterapeuta : Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Na minha avaliação nenhum profissional participa. Apesar de não buscar elementos para meu programa na Educação Física, acho que a colaboração maior que a Educação Física pode dar é por ser uma atividade gostosa, prazerosa. Tem que estar incluída em todas as atividades da instituição. É uma troca de informações. Estamos sempre em contato, mas nada formal. Como disse, para minha intervenção, não recorro à Educação Física apesar de saber da importância do corpo no desenvolvimento da criança."*

- Psicólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Eu pesquiso no sentido cognitivo. Procuro de maneira geral saber o cognitivo da criança para encaixá-la na melhor classe possível. Onde as crianças tenham o mesmo nível cognitivo. Não há em momento algum a participação da Educação Física."*

- Pedagogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Para a minha avaliação não recorro à Educação Física, são mais itens da parte pedagógica. Mas procuro ter um entrosamento com a Educação Física. No*

momento tenho mais com o Fisioterapeuta. Na minha intervenção busco recursos na Educação Física, por exemplo, a orientação espacial: com a escrita, onde a criança aprende a escrever da esquerda para a direita, há um trabalho da Educação Física. Essa criança tem que ter noções de equilíbrio, tem que conhecer seu corpo, o espaço que êle ocupa. Enfim, a Educação Física me ajuda nos pré-requisitos da leitura e escrita."

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Na avaliação inicial não. Mas há momentos que a Educação Física entra, por exemplo, na escolaridade, com adaptações em relação a postura, adequação às atividades de vida diária. No contexto geral, discute-se a possibilidade de um trabalho conjunto. Há um entrosamento entre nós, uma troca de experiências, de idéias."*

Análise da entrevista

A referida APAE existe há 30 anos, atendendo em média 460 alunos, desde a estimulação essencial até a "Oficina". Sua clientela é composta por alunos deficientes mentais moderados e/ou com múltiplas deficiências. A área da Educação Física foi criada há mais de 20 anos.

O profissional de Educação Física faz parte da equipe multidisciplinar desta instituição há dois anos, além de exercer suas atividades profissionais no ensino regular. Consta em seu curso de graduação em Educação Física, por um período letivo de seis meses, a disciplina Educação Física Adaptada.

Acredita ser importante a realização da avaliação em Educação Física, pois ela auxilia o profissional a perceber as habilidades e inabilidades dos alunos, "descobrindo" as suas reais necessidades.

Mesmo não realizando uma avaliação inicial, elabora algumas aulas com objetivos específicos e, a partir dos dados obtidos, pode verificar o grau de compreensão e desenvolvimento em que os alunos se encontram. Essas aulas são baseadas somente em suas experiências práticas, não seguindo nenhum modelo de avaliação específico. Normalmente necessita de um mês para a coleta dos dados, não encontrando dificuldade alguma para tal empreitada.

Por exigência da instituição, entrega bimestralmente à coordenação um relatório contendo as informações sobre o desenvolvimento dos alunos. Para montar esse relatório, o profissional de Educação Física conta com o auxílio de um estagiário e do pedagogo.

Para ele, a observação diária é suficiente em termos de reavaliação, por isso não a realiza.

Este profissional participa sempre de cursos, buscando na literatura específica maior conhecimento sobre Educação Física Adaptada, hábito adquirido durante seu curso de graduação, onde os trabalhos de pesquisa eram sempre exigidos.

Nesta instituição a Educação Física tem procurado colaborar com as outras áreas do ensino. Nesse sentido, mesmo não utilizando elementos da Educação Física para elaborar suas avaliações e intervenções, os profissionais, principalmente o pedagogo e o terapeuta ocupacional, mantêm uma constante troca de informações com o profissional de Educação Física.

2.1.6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 6

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Eu acredito que seja importante no aspecto de avaliar o progresso da criança. Como eu sempre trabalhei com a Educação Física Adaptada, a minha experiência maior foi em relação à Adaptada, onde visa, o princípio da APAE é a sociabilização da criança e ela só vai poder ser encaminhada para esse projeto através da evolução da criança, do progresso. Através da avaliação é que eu vou perceber esse progresso ou não. Eu acredito que seja importante a avaliação e aqui na APAE eu avalio por esse motivo."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Não. A única avaliação que é feita é feita pelo médico. Se é apto para a Educação Física, ele faz aula, senão, se ele tiver algum problema cardíaco, de joelho, algum problema assim, ele não participa da aula. A única avaliação que é feita, é feita pelo médico."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"A minha avaliação é feita bimestralmente e como sou o único na escola, eu trabalho com todos os alunos e com as crianças menores eu faço individualmente, né. Eu pego uma de cada vez, eu tenho um circuito básico e alguns itens da minha avaliação eu avalio pelo circuito e outros itens, pela observação da aula. Já as crianças maiores, que já têm um

nível de compreensão melhor, eu faço duas a três cada vez na minha avaliação nesse mesmo circuito e algumas alterações nesse circuito. Já é mais fácil a voz de comando. Eu peço e eles executam. Esse circuito é elaborado por mim. Como a avaliação já estava pré-determinada quando eu entrei aqui, então eu tentei montar o circuito de forma a preencher essa avaliação."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*
"São duas semanas para realizar a avaliação. Tem a parte burocrática e a parte prática."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*
"Não encontro dificuldades para realizar a avaliação, mais é o tempo que eu perco. São duas semanas que eu páro de dar aulas. Mas com relação à avaliação não tenho nenhuma dificuldade."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*
"Não. Há o médico só. Na avaliação o único é o médico. É feita a avaliação dele e se a criança for apta ela participa das aulas, senão não. Outro profissional não participa."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*
"Ela é feita bimestralmente. Ela segue o cronograma da escola. As professoras fazem uma avaliação bimestral e eu também faço minha avaliação bimestral. É o mesmo circuito."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*
"Normalmente o que eu faço na minha aula é reforçar o conceito de sala de aula. Então eu tenho um controle do que a professora está dando em aula, então eu faço um reforço, mas na minha avaliação eu não cobro isso. Na minha avaliação não tem. Eu não influencio em nada em nenhuma outra área.Os professores não pedem nada para avaliação, mas em aula sim."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*
"Não. Eu acho que precisaria mais. Principalmente uma avaliação a nível de Educação Física Adaptada."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Na minha concepção não é a questão de ser adaptada. Eu tenho crianças aqui que fazem... se eu pegar uma classe de Educação Física na escola de ensino normal do Estado, não difere em nada. É adaptada, pode até ser chamada de Adaptada, mas a nível motor. Ela tem outros objetivos."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Pouca coisa. O que eu acho, o que eu faço aqui, é dar mais ênfase às habilidades físicas básicas para as crianças. O que eles não tem, a maioria das classes. Só isso, mas não difere muito. Como na escola do estado eu posso iniciar o jogo mais cedo com as crianças a nível cronológico. Agora aqui, já não."

Informações adicionais

"O meu planejamento de aulas contempla tudo. O esporte competição aqui é aos poucos, não deixado de lado, mas não tem uma ênfase muito grande. Eu tenho minhas horas, meu tempinho para treino. Especificamente treino, né?! Aquela coisa do esporte. As crianças que treinam elas fazem Educação Física. Elas tem aula normal. O que vai acontecer é que ela vai fazer a sua aula normal, além do treino. O meu planejamento é global, o esporte é de lado, não é meu objetivo específico. O meu objetivo é geral. O esporte é uma conseqüência."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Fisioterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Trabalho separado ainda, mas há um projeto de expressão corporal para trabalharmos juntos, mas ainda não foi implantado. Em nenhum momento tenho contato com a Educação Física."*

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Ainda não tenho entrosamento com a Educação Física por falta de tempo. É importante o T.O. e o professor de Educação Física trabalharem juntos,*

com noção de espaço-tempo, orientação espacial. Há conversa pelos corredores, mas nada efetivo."

Análise da entrevista

Fundada há 35 anos, esta APAE atende em média 600 alunos com deficiência mental moderada e/ou com múltiplas deficiências. Seus programas de ensino abordam desde a estimulação precoce até a "Oficina". Desde sua inauguração, a Educação Física faz parte dos programas de ensino da instituição.

O atual profissional de Educação Física é formado há dois anos e seu curso de graduação contemplou disciplina voltada para a Educação Física Adaptada, que lhe permitiu obter uma visão global das deficiências; participou recentemente de um curso mais específico sobre o tema.

Basicamente, este profissional trabalhou até o presente momento com Educação Física Adaptada, acreditando ser muito importante uma avaliação em Educação Física, principalmente nessa área. A avaliação inicial do aluno nessa APAE é feita pelo médico. Detectado algum problema clínico, o aluno não poderá participar das aulas de Educação Física.

Quando iniciou suas atividades profissionais na instituição, já havia um protocolo de avaliação na área de Educação Física. A partir desse protocolo, elaborou um circuito básico para avaliar os alunos, na qual dispende em média duas semanas. Acha que precisaria de mais embasamento teórico para poder montar uma avaliação em Educação Física Adaptada.

A instituição solicita ao profissional de Educação Física que seja feita uma reavaliação dos alunos bimestralmente, e ele a realiza seguindo sempre o circuito básico.

Por solicitação dos profissionais de outras áreas, procura reforçar com a Educação Física a matéria ministrada nas salas de aula aos alunos.

No seu entendimento, não vê diferença entre a Educação Física Adaptada e a tradicional; considera apenas que na primeira são necessárias maiores adaptações no aspecto motor; também não observa grandes diferenças entre os programas do ensino regular e do especial; a diferença é que, no ensino regular, a prática de atividades esportivas inicia-se mais cedo; na adaptada, a ênfase reside na estimulação das habilidades motoras básicas.

De acordo com os resultados obtidos na avaliação, este profissional de Educação Física elabora suas aulas, enfocando o indivíduo como um todo, priorizando as suas

necessidades motoras. O esporte, quando acontece, é conseqüência do trabalho global realizado com o aluno, o que demonstra uma coerência no trabalho desenvolvido por este profissional com os alunos na APAE.

Constatou-se que nessa instituição não existe um contato freqüente entre as diferentes áreas de ensino com o profissional de Educação Física. O principal motivo alegado foi a escassez de tempo, devido ao grande número de alunos para as respectivas terapias e aulas.

Um fato digno de registro relaciona-se ao interesse e ao incentivo demonstrado pela coordenação da APAE, que não mede esforços no sentido de permitir que seus profissionais se atualizem, participem de cursos, obtenham títulos, enfim, busquem sempre aprimorar seus conhecimentos.

2.1.7 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 7

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"É muito importante a avaliação. Acho que uma avaliação deve ser feita por um médico. Eu avalio na parte física, inclusive pressão arterial, pergunto se toma remédio, etc."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Eu conheço os alunos primeiro e, no decorrer das aulas, vou avaliando, observando. Vendo quais as necessidades deles. Eu avalio a parte motora. Começo com atividades moderadas, em seguida vou aumentando a potência."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Uso a observação para avaliar. Quanto às fontes de informação, faço algumas leituras a respeito."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"Fazendo uma boa observação, uma aula apenas."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Existem alunos que não querem fazer a aula. Tenho que ter jogo de cintura para conseguir. À vezes o espaço também não é adequado."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Não há a participação de outros profissionais nessa avaliação."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Sim, acho necessário os alunos serem reavaliados, pois vai haver mudança do próprio aluno. Essa reavaliação é feita como a primeira, por observação. Faço de três em três meses."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Quando acho necessário, percebo algum aspecto específico, passo a informação para o Pedagogo e para o Fisioterapeuta."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Eu tenho fácil acesso à biblioteca da minha faculdade. Gostaria de participar de cursos, estar sempre me atualizando."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Acho a Educação Física Adaptada um pouco diferente porque existe uma limitação dos alunos. Tem que ser adaptada para os alunos."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Vejo diferença no programa. Faço programa específico aqui para a APAE por causa das diferenças. No Estado, consigo passar tudo que quero com mais facilidade. Aqui tem que ser diferente."

Informação adicional

"Aqui na APAE faço as aulas para atingir o todo. O esporte fica mais afastado, acontece naturalmente. Percebo os que têm mais condições, que se destacam, daí encaminho para o esporte".

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Até agora não houve uma troca com a Educação Física, apesar de eu achar importante."*

- Pedagogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Há um trabalho integrado, que interfere para o bem. Isso com relação aos conteúdos. Acho importante a colaboração da Educação Física, principalmente com relação ao equilíbrio. Também peço orientação para o Fisioterapeuta, quanto à postura, o sentar direito, etc."*

- Fonoaudiólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Faço uma avaliação inicial, porém não há a colaboração da Educação Física, mas a nível de intervenção a Educação Física tem participado bastante, pois estimula a parte global dos alunos, melhorando na comunicação, no gestual. Noto também uma melhora no contato aluno/professor. A Educação Física abre caminho para o social".*

- Psicólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"A Educação Física colabora na minha avaliação com dados motores. Fico sabendo como a criança se porta a nível motor, quanto ao comportamento, atenção, interesse na atividade. Sempre busco isso na Educação Física. Também utilizo as informações da Educação Física na minha programação. Também o professor de Educação Física me procura para orientá-lo mais nas questões de comportamento dos alunos. Portanto, há uma troca."*

Análise da entrevista

Esta APAE, fundada há 16 anos, atende a uma média de 90 alunos com deficiência mental moderada e/ou com múltipla deficiência. Sua programação de ensino engloba crianças, adolescentes e adultos, a quem são oferecidos serviços que abrangem desde a estimulação essencial até a "Oficina". A Educação Física paticipa desse contexto educacional há aproximadamente dez anos.

O profissional de Educação Física faz parte integrante de uma equipe multidisciplinar. A função está sendo exercida atualmente por um estagiário do terceiro ano de graduação em Educação Física, em substituição ao professor efetivo, que atua há cinco anos nessa instituição e no momento encontra-se em licença.

A entrevista foi realizada, portanto, com o referido estagiário que possui no seu curso de graduação a disciplina Educação Física Adaptada e uma experiência de três anos na área de Educação Física em escolas estaduais e municipais.

Acha muito importante a avaliação em Educação Física. Nesta APAE, recebe do médico a avaliação clínica dos alunos e, a partir daí, vai avaliando as condições reais dos alunos no decorrer das aulas. O enfoque atual de suas aulas está no "andar corretamente" dos alunos. Observa se estão evoluindo em suas marchas. Quando a avaliação por meio da observação é feita de "maneira intensa", utiliza apenas uma aula de 45 minutos para colher os dados a respeito dos alunos, se houver colaboração por parte deles. Realiza essa "avaliação" sem a colaboração de outro profissional da instituição.

Por estar cursando graduação em Educação Física, este estagiário sempre procura esclarecer as dúvidas com seus professores do curso ou em consultas à biblioteca da faculdade.

Acha importante reavaliar os alunos e o faz trimestralmente, da mesma maneira que na primeira avaliação, ou seja, em uma aula, por observação. Colhe os dados que servirão de parâmetros para perceber se está ocorrendo uma evolução no aspecto motor.

Para o referido estagiário, a Educação Física Adaptada é um pouco diferente da Educação Física tradicional, pois ela trabalha com a limitação dos alunos e necessita ser adaptada a eles.

Vê diferença nos programas elaborados para o ensino regular e para o ensino adaptado. Cita como exemplo o trabalho em atletismo, particularmente salto em distância. Na escola de ensino regular, consegue transmitir facilmente as instruções aos alunos, mas o mesmo não ocorre na APAE.

Mediante sua avaliação, portanto, planeja atividades físicas que atendam às necessidades motoras gerais dos alunos. Para ele, o esporte está mais longe de suas

pretenções, pois os deficientes teriam que trabalhar com regras que, segundo sua opinião, são de difícil entendimento para pessoas deficientes mentais.

Os profissionais entrevistados, tais como psicólogo, padagogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional, acham importante o trabalho desenvolvido pela Educação Física na instituição; com exceção do terapeuta ocupacional, os demais profissionais da instituição buscam na Educação Física elementos que os auxiliem na elaboração dos seus programas e intervenções.

De maneira geral, os profissionais desta APAE apresentam certo entrosamento. Procuram auxílio mútuo no campo profissional, tendo como objetivo básico a melhora no atendimento aos alunos.

2.1.8 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 8

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"É importante a avaliação porque se avalia a forma de trabalho de cada grupo, de repente há até a oportunidade de se formar novos grupos, porque sempre chega um grupo. Por exemplo, no caso da APAE, esse grupo vai ficar mais tempo porque eles não vão sair amanhã daqui, vai demorar um, dois anos. Então aí a gente vai ter condição até de ficar junto, sei lá, vamos dizer dentro da alfabetização, dentro do pedagógico e dentro disso fazer um grupo mais ou menos homogêneo. Eu avalio para dividir os grupos...até o que o grupo gosta. Porque de repente, um gosta de futebol e outro não gosta, então o que vai acontecer é que eu não posso deixar ninguém de fora. Tenho que pensar também em atividades para os que não gostam de esporte. A Educação Física é para todos. Eu gosto sempre de trabalhar com treinamento, então das avaliações eu tiro os melhores para treinar; vão ser até mais exigidos em termos de atividade. Mas aqui é complicado, pois chega uma certa idade que estes alunos estão indo trabalhar, então eu estou perdendo muitos deles que poderiam seguir todos os esportes. Formo a equipe e quando tem competição não posso levá-los, pois estão trabalhando. Avalio também quando estão sedentários. Quando já têm por volta de 35 anos. Estes querem caminhar, então vão caminhar."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Para ele entrar na Educação Física não realizo uma avaliação. Como falei, eles já vêm divididos em grupos. De todo jeito, todos vão participar das aulas. Nesse tempo que eu vou ficar com eles, um ou dois anos, a gente vai conhecendo... então os mais velhos, aqueles mais sedentários vão caminhar, os da "Oficina". Essa avaliação é feita no olho, porque a maioria eu já conheço. Para avaliar eu monto uma atividade, uma aula, depois eu vou observando se esse vai ter condição disso. Eu tenho uma ficha de avaliação motora, mas não uso com os maiores. Essa ficha eu peguei de um livro, que não me lembro qual é. Não utilizo sempre essa ficha. Não vou usar isso direto. Não é sistemático. Chamo de avaliação motora."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Realizo a avaliação em aula e separo os alunos. Uso essa ficha que chamo de avaliação motora só para os menores, como já falei. Daí marco os resultados."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"Utilizo três ou quatro aulas para realizar essa avaliação no decorrer do ano. Vou avaliando também as minhas aulas, se estão sendo adequadas."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Tenho dificuldades que começam desde a faculdade. É complicado isso de avaliação. Até para você explicar o que é certo. Tenho dificuldades por não ter o suporte mesmo. Não ter o caminho. Por exemplo: não ter uma ficha pré-estabelecida, saber o quê avaliar. Eu tenho até umas fichas comigo, mas não sei não...eu vou usar aquelas fichas, vou perder um tempo muito grande e, pra quê ? Não tenho que entregar mesmo... Às vezes, tenho dificuldades com a disciplina dos alunos. São muito bagunceiros, principalmente os que estavam na escola comum e vêm para cá."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Sempre estou sozinho na minha avaliação. Tem antes a avaliação clínica, mas na minha eu estou sozinho. Depois até sento com o fisioterapeuta e pergunto o que posso ou não fazer com alguns alunos. Mas é complicado. Aqui, se um dia eu sair, o professor terá que descobrir sozinho tudo de novo, de cada aluno. Na estimulação a equipe já é mais unida."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Os alunos não são reavaliados."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Acho que colabora. Tipo na higiene...reforço a higiene. Algum conteúdo da parte cognitiva. Questões da lateralidade. Conhecimento de regras, por exemplo: primeiro eu, depois você. Também no tempo/espaço. Trabalho com o que eles necessitam e com isso ajudo os outros profissionais."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Gostaria de ter acesso a material teórico, para ver o que existe e aplicar aqui."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"Acho a Educação Física Adaptada normal. Às vezes, na outra Educação Física a gente consegue as coisas mais facilmente. Na Educação Física Adaptada demoro mais para passar as informações das atividades da aula aos alunos. Essa Educação Física Adaptada tem que ser mais cuidada, tem que estar enfatizando mais as necessidades. Por exemplo: o que a gente faz hoje, amanhã eles já esqueceram; é claro que isso não acontece com todos os alunos. Na Educação Física Adaptada temos que ter uma expectativa menor em conseguir as coisas. O professor tem que ser menos ansioso porque senão "morre" antes do tempo. Eu sou muito ansioso."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Não sei te falar. Se eu estou com uma turma boa aqui na APAE, o programa é o mesmo. Só que eles executam as atividades num tempo mais demorado. Com um grupo mais comprometido, por exemplo, talvez o programa dos deficientes mentais dê para ser utilizado numa pré-escola. O resultado às vezes pode ser diferente. Tem algumas adaptações que às vezes se tem que fazer."

Informações adicionais

1. "em minhas aulas, contemplo o indivíduo globalmente";

2. "avalio os alunos durante as atividades físicas normais e daí seleciono os que têm possibilidades para o esporte."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Psicólogo:Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção?" *Eu dou atendimento externo, por isso o contato com a Educação Física é precário, mas acho importante o momento da Educação Física para o lazer, para a integração dos grupos. O esporte favorece muitíssimo, viabiliza regras, relacionamento. Favorece a auto-imagem, puxa pelo desempenho. Quando se trabalha com adolescentes é um facilitador, reforça os trabalhos da área emocional. Sinto um bom efeito nos alunos com a Educação Física. Ajuda muito na interação dos alunos com os monitores. É indispensável, faz falta."*

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Realizo avaliação inicial, anamnese com a família, depois com a criança. Trabalho com o desenvolvimento infantil. O trabalho básico é orientação familiar. Oriento como brincar, qual o estímulo que a mãe deve oferecer para essa criança. Com a família bem orientada, o retorno é bom. No primeiro momento, nesse momento, não há a contribuição da Educação Física. Enquanto são bebês, de zero a três anos, o fisioterapeuta abrange, não a Educação Física. É atendimento clínico. Na outra faixa etária, de três a seis anos, o fisioterapeuta não tem mais significado e aí entra a Educação Física, trabalhando num contexto grupal, ter o seu corpo no tempo, no espaço. Aí a Educação Física colabora muito com o Terapia Ocupacional. Ela quer o indivíduo independente na higiene, locomoção, etc. Tem que sentir o seu corpo no espaço. Poderia montar a programação sem a Educação Física, mas seria muito importante montar essa programação com a equipe multidisciplinar. Acho importante a Educação Física nas minhas intervenções. O que me atrai na instituição é ter uma equipe multidisciplinar. Aprende-se muito no dia-a-dia com todos os profissionais. Aí consegue-se ver o indivíduo como um todo. Cresço muito profissionalmente com a troca entre profissionais. Aprendi muito com a Educação Física porque tenho contato com o profissional. Discuto muito com o profissional. Há uma boa integração da equipe."*

- Fonoaudiólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Com as crianças maiores, de três a seis anos, atendia junto com a Educação Física. Trabalhava com recreação na Educação Física e as crianças falam muito e isso é ótimo. Simbolizar um jogo, isso é bom para surgir a fala, regras, conceitos, por exemplo, jogar para frente, etc. Observo os movimentos associados ao de pegar um objeto. Eles abrem a boca, se esforçam para pegar uma bola. Peço ao professor de Educação Física para reforçar o trabalho para ajudar-me. Não tenho contribuição da Educação Física tanto na minha avaliação inicial quanto nas minhas intervenções."*

- Fisioterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Faço a avaliação inicial e tento passar o trabalho para a Educação Física. Não tenho reuniões constantes que o professor participe. O meu trabalho é mais com a oficina. Com a escola, não dá tempo de ver o trabalho. A Educação Física não me dá subsídios para minha avaliação, programação ou intervenção."*

Análise da entrevista

Esta APAE nasceu há 32 anos, atendendo em média 340 alunos com deficiência mental e/ou com múltipla deficiência e conta com um trabalho desenvolvido na área da Educação Física há aproximadamente dez anos. Essa clientela é atendida por uma equipe multidisciplinar, em programas de ensino que vão desde a estimulação essencial até a "Oficina".

O profissional de Educação Física atua há três anos nessa instituição, acumulando experiência de seis anos na área da Educação Física Adaptada, além da experiência adquirida no ensino regular em escolas estaduais e municipais. Em seu curso de graduação não freqüentou disciplinas voltadas à área de Educação Física Adaptada, nem que abordassem avaliação, que ele considera importante em sua área de atuação.

Na referida APAE, os alunos são encaminhados para a Educação Física divididos em grupos pré-estabelecidos, de acordo com as avaliações feitas por outros profissionais da instituição. Muitas vezes, para que possa desenvolver seu trabalho em Educação Física, este profissional precisa redividi-los em grupos mais homogêneos. Procura perceber nos grupos o que os alunos mais apreciam em termos de atividades físicas, de acordo com as respectivas faixas etárias. Todos devem participar das aulas, sem exceções.

A avaliação em Educação Física é feita por meio da observação dos alunos pelo profissional de Educação Física em uma aula planejada, onde são analisadas quais as dificuldades encontradas. Algumas vezes, esse profissional se baseia num modelo de

avaliação motora existente na APAE, mas o procedimento não é usual, por ser esse modelo destinado à avaliação de crianças.

As dificuldades encontradas por este profissional de Educação Física para realizar a avaliação vêm desde sua formação acadêmica. Alega ter-lhe faltado suporte teórico para o assunto em questão. Costuma consultar o fisioterapeuta sobre a validade das atividades propostas, pois não haverá possibilidade de uma reavaliação durante o ano. Outro fator que dificulta a realização da avaliação é conseguir manter a disciplina de alguns alunos. Mencionou que gostaria de ter acesso a materiais didáticos atualizados sobre avaliação em Educação Física, para utilizá-los como suporte profissional.

Acredita que a Educação Física colabora com as outras áreas de ensino da instituição. Procura reforçar nos alunos aspectos relacionados à higiene, ao desenvolvimento motor, conhecimento de regras, enfim, conceitos que certamente lhes trarão benefícios nas áreas cognitiva e social.

Para ele, a diferença entre a Educação Física tradicional e a Educação Física Adaptada concentra-se no nível das expectativas. Como na Educação Física Adaptada os conceitos, as regras e as atividades devem ser transmitidas com critério, de forma mais pausada, os resultados almejados costumam ser mais lentos e o profissional de Educação Física precisa estar preparado para este fato.

Em seu entendimento, o programa elaborado para o ensino regular e para o ensino especial só deve ser diferente se os alunos da instituição especial forem muito limitados; neste caso, serão necessárias algumas adaptações.

De maneira geral, a Educação Física deveria relacionar-se mais freqüentemente com outras áreas da instituição, pois a troca de informações, de conhecimento e apoio da equipe sempre contribuem para beneficiar os alunos.

2.1.9 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA INSTITUIÇÃO Nº 9

Profissional de Educação Física:

1) *O que você acha da avaliação em Educação Física?*

"Eu acho muito importante a avaliação em Educação Física. Acho no sentido de saber o que vai poder dar para a pessoa. Por isso eu converso com os profissionais da APAE para saber se o aluno tem convulsão. Acho a avaliação, de início, a parte mais próxima do aluno, de contatos mesmo, é o retorno que você tem dos alunos. Vai saber realmente o que fazer com ele. É importante fazer, mas não é fácil fazer a avaliação. Avalio para

conhecer meus alunos; os limites, as dificuldades, o que têm mais facilidade para fazer, o que é mais prazeroso para eles."

2) *Você realiza uma avaliação para que o aluno possa participar das aulas de Educação Física? O que você avalia?*

"Sim, avalio do meu modo. Dou uma atividade prática e observo, por exemplo, o emocional. Observo o social."

3) *Como você realiza essa avaliação? Qual(is) a(s) fonte(s) de informação e o(s) instrumento(s) que se utiliza para a avaliação?*

"Às vezes programo uma aula para avaliar, mas vou ser sincera, às vezes não programo e pergunto aos alunos: o que vocês querem fazer hoje? Consigo fazer bem isso com os alunos da "Oficina" e daí eu avalio nessa atividade que eu dou. Não uso nenhum instrumento específico, teste para avaliar, não consulto nenhuma fonte de informação."

4) *Quanto tempo normalmente você gasta nessa avaliação?*

"A aula de avaliação dura 45 minutos até engrenarem com o que programei. Se a coisa flui, por exemplo, venho aqui de segunda e sexta, tenho o retorno em mais ou menos um mês."

5) *Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você encontra para essa avaliação?*

"Na minha avaliação não encontro dificuldades para realizá-la."

6) *Há participação de outro(s) profissional(is)/colega(s) da instituição nessa avaliação para ingresso na prática da Educação Física?*

"Faço sempre sozinho a avaliação."

7) *Os alunos são reavaliados? Da mesma maneira que na primeira avaliação?*

"Sempre reavalio os alunos trimestralmente e da mesma maneira que no início."

8) *No que a avaliação em Educação Física colabora com os profissionais de outras áreas da instituição?*

"Queria perceber se o que estou fazendo está melhorando as outras áreas. Nunca os profissionais vêm me falar, eu é que pergunto para eles, eu é que sugo mais coisas deles, pergunto para todos mais coisas para minha área."

9) *A que meio(s) gostaria de ter acesso para melhorar sua avaliação?*

"Tenho sim. Faço curso, pego livros na biblioteca."

10)*Qual a sua concepção sobre Educação Física Adaptada?*

"No caso ela é adaptada porque no meu ponto de vista ela não é igual. Você tem que conhecer a fundo muita coisa. Não é como você vê na escola, que você joga a bola e tudo bem. Eu fico muito preocupado, principalmente com os mais velhos. Se vai machucar, se não vai; se a atividade está muito rápida; se o sol está forte, tem que ir para sombra. Não é igual. É uma área que propicia beneficiar o aluno e pra isso, tem que conhecer muita coisa. Mais do que você precisaria para uma aula de Educação Física normal. Tenho que saber até coisas da família."

11)*Você vê diferença no programa de Educação Física no ensino especial e no ensino regular?*

"Vejo muita diferença nos programas de ensino regular e especial. Pelos mesmos motivos já citados."

Informações adicionais

"Trabalho com atividades motoras gerais. Com alguns alunos, trabalho com jogos, levo para a praça de esporte. Os meninos jogam futebol. Alguns alunos participam de competições de atletismo. Exemplo: o salto em distância. No meu planejamento das aulas viso o global. O esporte acontece naturalmente com os que têm condições. Acho importante eles trabalharem um pouco com regras do basquetebol, do voleibol..."

Entrevista com outros profissionais da instituição

- Psicólogo:Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Não busco elementos na Educação Física para realizar minha avaliação, mas fazemos reuniões mensais com a equipe e nessas reuniões são discutidos pontos relevantes. Desde a forma que este profissional está trabalhando com os alunos, bem como o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos alunos. Nesse momento, o profissional de Educação Física também aponta e fornece elementos que julga serem necessários aos profissionais da equipe."*

- Fisioterapeuta: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Trabalho sempre que possível com o professor de Educação Física. Na minha avaliação inicial não conto com os elementos fornecidos pela Educação Física, mas para montar meu programa e em minhas terapias, estou sempre recorrendo à Educação Física. Existe um bom relacionamento entre nós."*

- Fonoaudiólogo: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Em nenhum momento eu tenho contato ou me utilizo da Educação Física."*

- Terapeuta Ocupacional: Qual a contribuição da Educação Física na sua avaliação, programação e intervenção? *"Não me utilizo da Educação Física para minha avaliação, mas sempre troco idéias com o professor de Educação Física com a finalidade de melhorar minha atuação com os alunos"*

Análise da entrevista

Esta APAE foi fundada há 14 anos, atendendo em média 100 alunos deficientes mentais e/ou com múltipla deficiência em seus programas de ensino, que vão desde a estimulação essencial até a "Oficina". Para atender à sua programação, inclusive na área de Educação Física, implantada há cinco anos, a instituição conta com uma equipe multidisciplinar, fazendo parte integrante dessa equipe o mesmo profissional de Educação Física há dois anos.

O referido profissional concluiu seu curso de graduação há dois anos e cursou disciplinas voltadas para a Educação Física Adaptada. Desde então, trabalha nessa área, bem como com alunos da pré-escola do ensino regular.

Não cursou disciplinas que enfocassem a avaliação, apesar de achar o assunto extremamente importante, principalmente em Educação Física. Desde seu ingresso na APAE, procurou conversar com todos os profissionais da equipe e verificou nos prontuários dos alunos a melhor forma de atendê-los.

Considera a avaliação inicial muito importante por ser o primeiro momento de contato efetivo com os alunos e de onde são obtidas as primeiras informações, os primeiros registros dos limites e possibilidades deles. Por não seguir um modelo para realizar essa primeira avaliação, acha sua aplicação complicada, apesar de colher dados significativos referentes aos aspectos social e emocional. Para realizá-la, às vezes elabora uma atividade física para os alunos praticarem, observando dados relevantes. Outro meio que utiliza é perguntando aos alunos o que gostariam de fazer e, a partir das sugestões, observa-os da

mesma maneira. Não utiliza instrumentos específicos para sua avaliação, nem consulta qualquer material referente ao assunto. As aulas destinadas a essas avaliações têm a duração de 45 minutos e são realizadas durante um mês, duas vezes por semana, tempo que considera suficiente para observar seus alunos e coletar dados sobre eles. A reavaliação é feita trimestralmente, sem dificuldades ou ajuda de outros profissionais, seguindo igual padrão.

Apesar de todo o trabalho, sente falta de um retorno, por parte dos profissionais, a respeito da colaboração da Educação Física para com as outras áreas da instituição.

Esse profissional de Educação Física tem fácil acesso a bibliotecas, faz cursos quando tem opotunidade, enfim, está sempre buscando novos conhecimentos em termos de Educação Física.

Acha a Educação Física Adaptada diferente da tradicional, que ainda vê de maneira descompromissada. Em sua concepção, na Educação Física Adaptada precisa estar mais bem preparado para atuar com a clientela que necessita de acompanhamento específico. Acredita que os programas da APAE e do ensino regular devam ser diferentes, pelos mesmos motivos já citados.

Ficou claro pela entrevista, que esse profissional de Educação Física preocupa-se muito com o aluno de forma global e as atividades planejadas para eles têm a finalidade de beneficiá-los, principalmente nos aspectos motor e social.

2.2 - RESULTADOS

Após coletar e analisar os dados obtidos nas entrevistas realizadas nas APAEs da região de Campinas, num universo de nove instituições, no período de março a maio de 1997, constatamos que:

- cinco profissionais de Educação Física das referidas APAEs nunca freqüentaram em seus cursos de graduação disciplinas na área de Educação Física Adaptada, ou seja, mais da metade dos profissionais entrevistados;

- quatro profissionais de Educação Física tiveram acesso, em algum momento de seus cursos de graduação, a assuntos relativos ao tema;

- a maioria encontra dificuldade para elaborar uma avaliação adequada que não se restrinja à simples coleta de informações a respeito dos alunos, quando o objetivo principal deveria ser a coleta de dados que possibilitasse especificar e perceber as dificuldades e os problemas dos alunos e, conseqüentemente, tomar decisões quanto ao seu desenvolvimento;

- apenas um profissional de Educação Física realiza a avaliação dos alunos baseando-se em um modelo de avaliação padronizado;

- os outros profissionais de Educação Física utilizam a observação como critério de avaliação para que os alunos possam ser alocados em grupos e participar das atividades motoras. Não foi constatado um modelo de avaliação estruturado, que permitisse uma observação criteriosa e fornecesse subsídios para a elaboração de um planejamento específico das aulas;

- de maneira geral, o processo de observação é praticado informalmente, durante algumas aulas práticas, onde se verifica de que forma os alunos respondem a determinadas situações, ou seja, quais são as preferências, dificuldades, habilidades e competências; nada, porém, fica registrado sistematicamente;

- poucas são as instituições com programas em Educação Física Adaptada que apresentam objetivos e prazos definidos;

- foi constatado, com algumas exceções, que, devido ao pouco embasamento teórico específico na área de Adaptada, os profissionais de Educação Física contribuem de forma pouco significativa com as outras áreas de conhecimento das instituições;

- com ressalva feita aos pedagogos (sete), dos cinco terapeutas ocupacionais entrevistados, quatro deles não utilizam, em momento algum, a Educação Física para seu trabalho. Apenas trocam, informalmente, idéias a respeito dos alunos. Um desses profissionais relatou que a contribuição da Educação Física é feita num contexto grupal. Em relação aos fisioterapeutas, em número de seis, somente dois deles elaboram seus programas juntamente com os profissionais de Educação Física. Os demais (quatro) não utilizam em momento algum a Educação Física na elaboração de suas avaliações e programas, pelo contrário, são eles que orientam e fornecem informações aos professores de Educação Física sobre os alunos. Os psicólogos entrevistados (sete) entendem ser a Educação Física muito importante no trabalho corporal dos deficientes, porém, em apenas dois casos, existe essa troca de informações com a Educação Física. No trabalho dos assistentes sociais entrevistados (dois), essa troca de informações sobre os alunos acontece durante as reuniões das equipes multidisciplinares. Constatamos que a Educação Física não fornece dados para as avaliações dos alunos no caso dos fonoaudiólogos (três) destas instituições, mas são unânimes ao afirmar que a Educação Física passa por um momento importante no contexto geral da formação dos alunos, pois proporciona estímulos na comunicação, no gestual, e abre caminhos para a interação deles na sociedade;

- percebemos nessas entrevistas, que a Educação Física vem conquistando seu espaço nas equipes multidisciplinares dessas instituições. Esse fato se deve ao número de profissionais da área de Educação Física Adaptada interessados em demonstrar os benefícios que a atividade motora proporciona aos indivíduos, principalmente aos deficientes;

- constatamos também que os profissionais de Educação Física estão conscientes da necessidade de se preparar adequadamente para exercer suas atividades profissionais, especificamente os que atuam na área de Adaptada, onde os alunos, muitas vezes, não podem expressar de maneira clara seus desejos e necessidades.

De maneira geral, observamos que os profissionais de Educação Física consideram importante a avaliação. Apontam para a necessidade de realizá-la para obter melhor conhecimento e acompanhamento da clientela nos aspectos social, motor e cognitivo.

Segundo os profissionais entrevistados, o conhecimento do perfil dos alunos permite elaborar adequadamente as aulas, facilitando a composição de grupos mais ou menos homogêneos.

As avaliações para que os alunos possam participar das atividades físicas nas instituições, após avaliações clínicas e pedagógicas, salvo exceção, são realizadas por meio de observações e metodologias próprias, onde se verificam as habilidades, dificuldades e preferências dos alunos. Observam-se a iniciativa, cooperação, participação, compreensão do que foi pedido, habilidades motoras básicas, esquema corporal e questões de espaço-tempo.

A maioria desses profissionais não utiliza instrumentos ou modelos específicos de avaliação em Educação Física já testados e comprovados cientificamente, como testes, por exemplo. Normalmente, seguem modelos por eles elaborados ou já existentes nas instituições, com ressalva para um profissional de Educação Física que elaborou sua avaliação baseando-se em modelo pesquisado na literatura, adaptando-o à realidade da instituição.

A observação, embora realizada de maneira informal e não sistemática, é o método mais utilizado para avaliação dos alunos e o tempo destinado ao processo não ultrapassa, em média, 30 dias, em aulas práticas de 40 a 45 minutos de duração.

A falta de informações a respeito do tema **avaliação** em Educação Física foi a principal dificuldade alegada pelos profissionais da área para estruturar suas avaliações. Essa dificuldade tem origem na formação acadêmica deles. Depois de formados, poucos procuram materiais didáticos específicos; ficam muito envolvidos com o trabalho realizado no dia-a-dia, não parando para efetuar reflexões e reciclagem profissional e distanciando-se do que está sendo pesquisado cientificamente sobre o referido tema, na Educação Física Adaptada.

A reavaliação dos alunos não faz parte dos programas de ensino de alguns professores de Educação Física, pois entendem que a metodologia empregada, ou seja, observação diária, permite acompanhar os alunos no decorrer do ano letivo. Outros profissionais da área elaboram a reavaliação seguindo os mesmos procedimentos da primeira avaliação e os resultados alcançados permeiam a possibilidade de alterações nas programações pré-estabelecidas, quando estas existem.

Ficou claro, nas entrevistas realizadas com as equipes multidisciplinares dessas instituições, que as avaliações feitas na área da Educação Física colaboram de forma pouco significativa com outras áreas de conhecimento e, raramente, os dados coletados são utilizados no planejamento de seus programas educacionais. Na maioria das vezes, porém, os profissionais de Educação Física são solicitados pelos pedagogos, para reforçar os

conceitos aplicados em salas de aulas ou para trabalhar algum aspecto deficitário dos alunos, principalmente no âmbito social e motor. Todos os profissionais das equipes foram unânimes quanto à importância da troca de informações entre as áreas, mas alegaram haver falta de tempo para tal prática. No entanto, em muitas APAEs, são realizadas reuniões periódicas com toda a equipe, para discutir assuntos diversos.

Os professores de Educação Física não vêem muita diferença entre a Educação Física tradicional e a Educação Física Adaptada, mas entendem que o professor que trabalha com a pessoa portadora de deficiência precisa estar muito bem preparado profissionalmente, pois as adaptações são necessárias em diferentes situações, principalmente quanto ao local onde as atividades são desenvolvidas, os materiais a serem utilizados e os tipos de atividades propostas. Consideram que o profissional que trabalha com essa clientela não deveria criar expectativas quanto a resultados esperados em prazos determinados, mas, sim, que a prática de atividades motoras contemplasse as reais necessidades dos alunos. Nessse contexto, a Educação Física Adaptada não difere totalmente da tradicional, apenas são necessárias adaptações na metodologia de ensino, que favoreçam os alunos.

Dos nove professores entrevistados, somente dois acreditam existir diferença entre os programas de Educação Física do ensino especial e do regular. Para esses dois profissionais, as diferenças estão na limitação dos alunos, no tempo que demoram para assimilar certas atividades e no entendimento das regras. Para os demais, os programas são praticamente iguais. Acrescentam que, nos programas de Educação Física do ensino especial, algumas atividades motoras planejadas não podem ter a mesma intensidade daquelas aplicadas no ensino regular; também o conteúdo deve ser transmitido de forma a garantir o seu entendimento.

Os programas de ensino em Educação Física das escolas regular e especial, portanto, são elaborados quase da mesma maneira; quando há diferença, esta se apresenta na metodologia de trabalho utilizada.

CAPÍTULO 3

3.1 - DISCUSSÃO

Para ocupar um lugar na sociedade, o indivíduo passa por uma série de condições de avaliação impostas por seus semelhantes, desde seu nascimento e durante as diversas fases da vida. São essas avaliações, registradas e catalogadas, que apontam as suas condições de saúde, familiares, culturais, profissionais e financeiras, entre outras. A condição de troca de informações entre avaliados e avaliadores vai formando um perfil do indivíduo, com suas inúmeras possibilidades. Esse rastreamento aponta as diferenças individuais e, quanto mais limitações as pessoas apresentarem em diferentes aspectos, menores serão as oportunidades para alcançar suas conquistas.

Preocupados com as "diferenças" individuais e a qualidade de vida da pessoa deficiente, tentamos verificar de que forma está sendo considerada a pessoa deficiente mental e o que tem sido feito no campo educacional, especificamente na área de Educação Física Adaptada, em relação à avaliação e, conseqüentemente, se estes itens estão atendendo às necessidades desses indivíduos.

As concepções sobre saúde/doença, predominantes por longo tempo, cederam lugar à liberdade de investigação e experimentação científica, permitindo que estudiosos do assunto pudessem apresentar referenciais teóricos que possibilitaram classificar e caracterizar as doenças e deficiências. Esse fato marcou um importante avanço para a humanidade, que pôde perceber os equívocos cometidos contra as pessoas deficientes, depois que as terminologias e conceitos inadequados a respeito delas foram sendo modificados por estudos, cujo papel foi bastante significativo e elucidativo.

As definições de deficiência mental seguiam um modelo clínico, onde o médico era o profissional capacitado e habilitado a diagnosticar o problema. O uso das escalas de inteligência introduziram o conceito de idade mental, possibilitando a educabilidade dos deficientes mentais. Com a evolução dos conceitos, novos horizontes se abriram na década de 50 com o lançamento do quinto manual da A.A.M.R. que incluía uma classificação do comportamento adaptativo do deficiente mental. Entretanto, essa classificação comportamental, talvez por tradição ou desconhecimento, não tem sido satisfatoriamente utilizada pelos profissionais de Educação Física Adaptada.

As definições mais recentes sobre a deficiência mental são fundamentais no sentido de influenciar as atitudes das pessoas que convivem no âmbito familiar, educacional,

profissional e social com essa clientela. De acordo com Fonseca (1987) , *"no futuro, o desafio está em garantir a todos esses indivíduos, igualdade de oportunidades educacionais e sociais".* Os alunos, segundo Salvia e Ysseldyke (1991), têm direito a uma educação apropriada em ambiente educacional o menos restritivo possível. Nesse aspecto, é importante ressaltar que a pessoa deficiente mental muitas vezes não aprende porque as atividades se desenvolvem num ambiente hostil.

Concordamos com Souza (1989), quando afirma que, normalmente, a escola tende a avaliar a capacidade intelectual da criança basicamente através de sua produção escrita, não considerando outros indicadores do desenvolvimento cognitivo muito significativos, tais como a linguagem verbal, a expressão plástica e a utilização do corpo.

Acreditamos na importância da avaliação, mas uma avaliação que possa demonstrar o correto perfil dessa clientela. A partir daí, poderão ser elaborados programas que venham a colaborar para seu crescimento, enquanto pessoa, nos aspectos cognitivo, afetivo-social e motor. Não deveremos nos basear numa avaliação que tente excluí-los, ou apenas apontar as diferenças e as limitações, mas sim, uma avaliação que adicione e acrescente dados importantes a ser utilizados em programas educacionais e que beneficiem o desenvolvimento desse indivíduo.

Torna-se relevante enfatizar que a avaliação é um processo complexo, como entendem também Salvia e Ysseldyke (1991), porém necessário, pois os dados obtidos são utilizados na tomada de decisões importantes para os alunos. Certos cuidados são fundamentais, pois podem ocorrer problemas no processo avaliativo dos alunos, quer por inexperiência dos avaliadores, quer pela escolha inadequada de um instrumento de avaliação. Quando eles ocorrem, os alunos e suas oportunidades de vida podem ser afetados de maneira adversa.

Nesse contexto, as APAEs estabelecem, como norma de ingresso na instituição, que seus alunos passem por uma avaliação clínica, pedagógica e psicológica, que norteará o encaminhamento deles a programas específicos. Na opinião de alguns profissionais entrevistados, seria mais adequado que participassem desse processo de seleção outros profissionais da equipe técnica como, por exemplo, o professor de Educação Física. Concordando com esta proposta, encontramos confirmação em Luckesi (1984), de que a avalição da aprendizagem *"adquire seu sentido na medida que se articula com um projeto pedagógico".*

Nesta pesquisa, portanto, ficou explícito nas entrevistas realizadas com os profissionais de Educação Física das APAEs da região de Campinas que, além dos dados fornecidos nessa avaliação de ingresso dos alunos na APAE, deveriam ser utilizados instrumentos de avaliação que dessem credibilidade ao trabalho a ser desenvolvido na área

motora, e que a avaliação fosse aplicada de forma prática, não dificultando o trabalho do professor.

Pelos relatos desses profissionais, percebemos que a maioria deles realiza a avaliação de maneira simplista e utiliza a observação como técnica de avaliação. De acordo com Boehm & Weinberg (1977), confirmado por Salvia e Ysseldyke (1991), a observação é um elemento importante entre as práticas avaliativas, mas vem sendo executada de maneira informal, não se baseando em protocolos ou registros sistemáticos das informações coletadas o que caracterizaria uma avaliação formal. Percebeu-se também que alguns profissionais não seguem objetivos formalmente estabelecidos, nem elaboram seus programas de ensino com base nos resultados dessas observações, perdendo a oportunidade de utilizar dados confiáveis, obtidos pelo processo de avaliação, para elaborar ou alterar sua programação. Freitas (1995) entende por avaliação formal *"aquelas práticas que envolvem o uso de instrumentos explícitos de avaliação, cujos resultados podem ser examinados objetivamente pelo aluno, à luz de um procedimento claro"*. O mesmo autor descreve a avaliação informal como *"a construção, por parte do professor, de juízos gerais sobre o aluno, cujo processo de constituição está encoberto e é aparentemente assistemático"*. Popham (1983) alerta para o fato de que observadores descuidados produzem dados sem valor, enquanto que observadores conscenciosos podem obter excelente material para a avaliação. A avaliação informal é parte integrante e um complemento da avaliação formal.

Apesar de atribuir extrema importância à avaliação no processo educacional, esses profissionais de Educação Física carecem de maior embasamento teórico relativo ao tema, devido a lacunas na formação acadêmica, já discutidas por Silva (1993) e confirmadas por Freitas (1995) que aconselha: *"subsidiar o profissional de conhecimento científico, para que não fique no domínio do senso comum"*. O problema é mais abrangente, não representando uma característica isolada dos cursos de Educação Física, pois o mesmo ocorre, segundo Ghanem Jr. e Mendonça (1989), nos cursos de Pedagogia, onde deveria haver um momento dedicado à reflexão sobre a formação do educador. Disciplinas optativas, que ampliassem as possibilidades de atendimento e interesses específicos dos alunos, encontram-se entre as omissões apontadas quanto à formação acadêmica.

Outro dado importante constatado neste estudo é o da Educação Física Adaptada estar sendo encarada pela maioria dos profissionais da área, apesar das carências detectadas em sua formação profissional, como uma Educação Física muito próxima daquela praticada tradicionalmente. Os profissionais possuem uma percepção clara de que o ideal seria introduzir algumas adaptações nos locais, materiais e atividades, que pudessem suprir as necessidades dos alunos na prática da Educação Física comum. Mazzotta (1982) enfatiza

que *"a Educação Física Adaptada proporciona igualdade de oportunidades, diversificando e adaptando suas metodologias de ensino, de modo a atender as diferenças individuais por mais acentuadas que sejam"*. Essa visão dos profissionais de Educação Física das APAEs pesquisadas é focada por Rodrigues (1991), ao esperar que, num futuro próximo, a Educação Física possa ser desenvolvida como um todo, não necessitando ser classificada como especial ou adaptada mas, simplesmente, Educação Física. Apenas dois desses profissionais entrevistados vêem diferença significativa entre a Educação Física tradicional e a Educação Física Adaptada.

Um aspecto que deve ser enfatizado nesta pesquisa, é que entre os profissionais entrevistados das equipes multidisciplinares dessas APAEs, tais como: terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicólogo, fisioterapeuta, entre outros, aquele que possui uma relação mais direta e formal com o profissional de Educação Física é o pedagogo. Ele participa da formação e desenvolvimento do aluno desde sua avaliação de entrada na instituição. Por conhecer as necessidades específicas desse aluno, consegue perceber que a Educação Física pode contribuir, de maneira eficaz, com um trabalho motor que beneficie os aspectos cognitivo e social dele, posição defendida por Broadhead (1989) que ressalta a importância da Educação Física Adaptada para estudantes deficientes em idade escolar, propiciando trabalhar num ambiente agradável e favorecendo o aprendizado.

No nosso ponto de vista, esse distanciamento, entre o profissional de Educação Física e os demais das outras áreas que compõem as equipes multidisciplinares, é decorrente da falta de conhecimento teórico necessário para uma discussão técnica sobre assuntos pertinentes à deficiência mental e múltipla deficiência. Justificam-se, portanto, as sugestões de Adams (1985), Rosadas (1989), Salvia e Ysseldyke (1991), Freitas (1995) e Omote (1996), sobre a necessidade de que o profissional realize uma auto-avaliação, refletindo sobre sua atuação, o que permitirá resgatar os aspectos deficitários, mudando a imagem de "descompromisso" e "desinteresse" para a da "competência", da "atuação significativa", cumprindo, na escola, o verdadeiro papel de educador.

Devemos considerar também a questão institucional nas carências e lacunas apontadas na avaliação. As instituições pesquisadas nesse trabalho não apresentam propostas integradas de avaliação, o que de certa forma deve dificultar um acompanhamento global do deficiente mental. Nesse contexto o professor de Educação Física encontra-se "desarticulado" com as várias propostas de atendimento. Esse fator deve ser agregado aos aspectos deficitários detectados em sua formação profissional.

Na tarefa de avaliar, concordamos com Hoffmann (1993) quando diz *"considerar ser premissa básica e fundamental a postura de questionamento do educador. A avaliação é a reflexão transformada em ação. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e*

acompanhamento passo a passo, do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação."

Martins (1984) sintetizava essas idéias dizendo que *"o que deveria estar presente no paradigma de avaliação do aluno e do professor, como indivíduos humanos, é que a essência do relacionamento fosse sempre um encontro em que ambos os participantes se modificassem".* Todavia, a avaliação, compreendida como julgamento, considera apenas as modificações que se "produzem" de um lado — o do aluno.

3.2 - AVALIAR O COMPORTAMENTO ADAPTATIVO: UM CAMINHO PARA O TRABALHO MOTOR COM O DEFICIENTE MENTAL

> O comportamento adaptativo é, segundo Salvia e Ysseldyke (1991), *"o grau de adaptação dos indivíduos às expectativas da natureza e da sociedade".*

Como a clientela enfocada nesta pesquisa é a pessoa deficiente mental, percebe-se que as limitações das habilidades adaptativas estão mais relacionadas com a limitação intelectual. Teoricamente, para se classificar um aluno como deficiente mental, é necessário avaliar o comportamento adaptativo dele, pois o importante é perceber aquilo que o indivíduo faz regularmente e não o quê deveria ser capaz de fazer.

Nas definições de alguns autores citados neste estudo, para que a pessoa seja considerada deficiente mental, teria de estar defasada em, pelo menos, duas ou mais áreas do comportamento adaptativo consideradas pela A.A.M.R.(1992): comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, aptidões sociais, participação comunitária, autodireção, saúde e segurança, funções acadêmicas, lazer e trabalho.

Tradicionalmente, utilizam-se como instrumento para realizar a avaliação do comportamento adaptativo, escalas como: Escala de Maturidade Social de Vineland; Escala do Comportamento Adaptativo de Vineland; Escala do Comportamento Adaptativo da Associação Americana de Deficiência Mental para Crianças e Adultos; Inventário de Comportamento Adaptativo e Escalas de Comportamento Independente.

Nessas escalas existe uma ampla gama de comportamentos amostrados e de orientações com relação à medida. Contudo, como nos alerta Salvia e Ysseldyke (1991), *"deve-se tomar um grande cuidado ao se fazer declarações definitivas sobre o comportamento adaptativo de uma pessoa embasando-nos em apenas uma escala. Os especialistas em diagnósticos deveriam especificar claramente os aspectos do comportamento adaptativo que desejam avaliar, com mais uma ou duas escalas. Na ausência de escalas apropriadas, a única opção pode ser o desenvolvimento de uma escala própria."* É difícil, portanto, avaliar o comportamento adaptativo utilizando instrumentos inadequados. As escalas devem ser cuidadosamente selecionadas, verificando-se suas normas, confiabilidade, validade, aplicação e atribuição de escores e usos.

Pelo trabalho desenvolvido e pela experiência obtida com esta pesquisa, seria aconselhável que os profissionais de Educação Física refletissem sobre a necessidade de avaliar o comportameto adaptativo dos deficientes mentais antes do início do trabalho motor. Recomendamos observar as escalas citadas, para obter uma avaliação do comportamento adaptativo dos deficientes mentais, que forneçam parâmetros objetivos e possam ser adaptadas para a avaliação em Educação Física. Após a avaliação, sugere-se elaborar uma programação com objetivos estabelecidos que considerem os aspectos cognitivos, afetivos e sociais dessas pessoas e que serão conquistados com o trabalho motor. Essas escalas avaliam o comportamento adaptativo nas áreas da comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, saúde e segurança, participação comunitária, aptidão social, autodireção, desempenho acadêmico funcional, lazer e trabalho.

Avaliados esses itens e com base nos dados fornecidos pelas pessoas responsáveis pelos deficientes mentais e por eles próprios, os profissionais de Educação Física poderiam estruturar atividades físicas que fornecessem dados para sua intervenção no aspecto mais defasado do aluno.

Neste contexto, a Educação Física pode colaborar, direcionando a avaliação para os aspectos motores. Pela nossa vivência e atuação junto ao deficiente mental, sugerimos avaliar os dez itens do comportamento adaptativo, utilizando a prática de atividades motoras (exemplo: jogos de basquetebol, voleibol, futebol, corridas, atividades que envolvam o meio líquido, entre outras), e tomando por base os itens do comportamento adaptativo descritos pela A.A.M.R. (1992) e por Rodrigues (1995).

Os itens a seguir ressaltam o conceito, a estragégia de avaliação e algumas sugestões de atividades motoras que poderão ser utilizadas pelo profissional de Educação Física:

- ***COMUNICAÇÃO*** - habilidades que incluem a possibilidade de compreender e expressar informações através de comportamentos simbólicos, tais como: dizer a palavra (falar), escrever, reconhecer símbolos gráficos ou comportamentos não simbólicos como expressões faciais, movimento do corpo, toque e gestos. A estratégia sugerida para avaliação dos alunos está em propor atividades que permitam perceber o entendimento deles com referência às regras do jogo ou da brincadeira proposta, observando a maneira como eles reagem, gestual ou verbalmente, durante essas atividades. Exemplos: a brincadeira do "telefone sem fio". Outra brincadeira conhecida e divertida, que pode ser perfeitamente utilizada para essa finalidade, é a do "passa-anel". A idéia é que os participantes descubram com quem está a posse do objeto. Pode-se perceber muitas vezes, pelas expressões faciais dos que recebem e passam o objeto, com quem ele está A mímica é uma atividade que permite observar a comunicação gestual e o repertório de gestos do aluno.

- ***CUIDADO PESSOAL*** - habilidades envolvendo o ato de comer, de vestir e de praticar a higiene pessoal. Exemplos: vestir-se corretamente, arrumar o cabelo e roupa, lavar-se. Podemos avaliar propondo atividades físicas generalizadas, onde necessariamente os alunos terão de mudar suas vestimentas, cuidar do asseio pessoal após a prática das atividades e utilizar os sanitários. O professor poderá verificar se os alunos conseguem tomar banho ou lavar-se sozinhos e pentear os cabelos adequadamente; se conseguem utilizar os sanitários, dando descarga, limpando-se corretamente; se colocam suas roupas de forma adequada, abotoando-as, quando necessário, conseguindo colocar meias, sapatos ou tênis, amarrando-os, enfim, avaliando a auto-suficiência dos alunos nesses procedimentos pessoais nas aulas de Educação Física, além das informações fornecidas por pessoas lhe são próximas.

- ***VIDA DOMÉSTICA*** - habilidades relacionadas com as funções desenvolvidas dentro de casa, incluindo cuidados com o vestuário e com a casa, preparação dos alimentos, enfim, comunicação das preferências e necessidades, interação social e aplicação das funções acadêmicas no lar. Neste caso, as informações provenientes dos relatos dos pais ou responsáveis pelos alunos são fundamentais para a avaliação do professor. Ele pode sugerir atividades que propiciem ao aluno desenvolver responsabilidade e organização, tais como: cuidar do material esportivo utilizado, guardar as roupas no vestiário, resgatando-as após as aulas. Numa atividade motora, por exemplo, serão utilizados materiais como bolas, arcos e bastões, ficando sob responsabilidade dos alunos selecioná-los, conferi-los e guardá-los. O professor deverá perguntar-lhes, ao final da

aula, do que mais gostaram e os motivos de suas preferências, verificando, dessa maneira, se eles entenderam os objetivos propostos e a forma como conseguem expressar-se. O intuito desse trabalho é fazer com que o aluno adquira certos hábitos, como, por exemplo, organizar-se e expressar suas necessidades, beneficiando-o em sua vida doméstica. Neste caso, o aluno estará habilitado a organizar situações, como as sugeridas, que envolvam parentes e amigos. Esse item poderá ser trabalhado também junto à família.

- ***APTIDÕES SOCIAIS*** - habilidades relacionadas à troca, à convivência com outros indivíduos, incluindo iniciativa, elaborando os fatos cotidianos, percebendo sentimentos, regulando seu próprio comportamento, ficando alerta, sendo solidário, formando e mantendo amizade, enfim, possuindo um apropriado comportamento social. Exemplos: cumprimentar os adversários, comportar-se em público, realizar jogos cooperativos. O aluno é avaliado na prática de esportes coletivos, como, por exemplo, basquetebol, voleibol, futebol e corridas, que envolvem aspectos de companherismo e cooperação. Essas situações motoras são favoráveis para demonstrar o desempenho social dos deficientes. Sugerem grau de solidariedade para com os companheiros, respeito para com os adversários, apoio enquanto torcida, enfim, relações e atitudes em situações que poderão ser previamente estabelecidas ou determinadas pelo professor.

- ***PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA*** - habilidades relacionadas com o uso apropriado dos recursos comunitários. Exemplos: pertencer a um clube, freqüentar centros esportivos comunitários, assistir a jogos, torcer por um time. A participação do deficiente mental em ambientes diferentes do cotidiano, como clubes, quadras poliesportivas municipais, parques e sociedades de bairro sugerem mudanças de comportamento nos indivíduos. Participar de atividades motoras como macroginástica, jogos de futebol, basquetebol, entre outros, com pessoas que não fazem parte do seu dia-a-dia, são experiências ricas de relacionamento pessoal e, certamente, esse trabalho motor vai propiciar ao deficiente mental um acréscimo em suas habilidades motoras e sociais. A avaliação inicial e a reavaliação dos alunos basear-se-ão principalmente nos dados obtidos em conversas com o deficiente mental e com as pessoas que lhe são próximas; as atividades desenvolvidas pelo professor no decorrer do programa, como: jogos de futebol, basquetebol, voleibol, handebol, queimada, entre outras atividades, ajudarão o indivíduo em seu desenvolvimento pessoal, facilitando sua integração na comunidade.

- ***SAÚDE E SEGURANÇA*** - habilidades relacionadas à manutenção da saúde pessoal em termos de alimentação, atividade física e noções básicas de segurança. Exemplos: diferenciar os alimentos bons para o consumo, controlar o peso, seguir uma dieta e observar cuidados ao atravessar a rua. O profissional de Educação Física poderá iniciar a avaliação perguntando ao aluno, ou responsáveis, como ele faz para chegar até o local onde as atividades motoras são desenvolvidas, como também contemplar em seu programa atividades e exercícios que envolvam caminhadas em locais externos, que permitam observar se o aluno possui habilidades para locomover-se independentemente, como tomar um ônibus sozinho, atravessar a rua, ter senso de direção e iniciativa de pedir ajuda, quando necessário.

- ***FUNÇÕES ACADÊMICAS*** - habilidades relacionadas com o aprendizado na escola que também têm uma aplicação direta na vida pessoal. Exemplos: ler, escrever, ter noções básicas de matemática, identificar figuras geométricas simples, entre outros. Dessa maneira, avaliamos os alunos entre as várias atividades motoras existentes, por meio de jogos de estafeta e jogos realizados no meio líquido, utilizando neste último estratégias, tais como: trabalho individual, em duplas, trios ou grupos, com materiais como bóias e bolas coloridas. Exemplos: jogar duas vezes a bola vermelha na água; passar para um companheiro três bolas azuis; utilizar cantigas de roda identificando os materiais utilizados (bóia, balde, peneira, recipientes de plástico). Poderemos avaliar, dessa forma, as habilidades em expressão verbal, uso correto das palavras, conhecimento dos números e das cores. De acordo com o nível, essa atividade poderá ser menos ou mais complexa.

- ***AUTODIREÇÃO*** - habilidades relacionadas à possibilidade de fazer escolhas, realizando atividades de interesse pessoal, buscando assistência quando necessário, resolvendo problemas cotidianos e demonstrando habilidades em se defender, através da argumentação. O professor avalia o aluno propondo várias atividades esportivas, tais como: futebol, handebol, voleibol, basquetebol, natação e algumas modalidades de atletismo, permitindo que o aluno faça sua escolha por ordem de preferência. A partir daí, elabora-se um cronograma juntamente com o aluno e colocam-se nos dias e horários definidos as atividades escolhidas. O aluno ficará de posse do cronograma e tentará cumprir adequadamente o estabelecido. Se, por algum motivo, algo previsto não acontecer, o aluno demonstrará ou não habilidades em se defender, através da argumentação, reestruturando o que não foi cumprido e tentando resolver adequadamente o problema criado.

- ***LAZER*** - habilidades relacionadas ao desenvolvimento de uma variedade de lazer, de entretenimento e interesses recreacionais, que incluem iniciativa própria, usando e usufruindo o lazer doméstico e comunitário, aumentando o repertório de interesse pessoal e habilidades. Exemplo: usar ativamente o tempo livre. A Educação Física colabora com uma gama de opções. Pode-se verificar, com o auxílio de pessoas ligadas ao seu convívio familiar, se o aluno realiza atividades motoras por livre iniciativa ou se pratica espontaneamente algum esporte pelo qual tenha preferência. Esses aspectos devem ser trabalhados pelo professor de Educação Física durante o desenvolvimento do programa de atividades motoras em aulas de natação, jogos de voleibol, basquetebol e macroginástica, entre outros. Ressaltamos a importância de se enfocar os aspectos sociais dessas atividades, que estimulam o aluno a ocupar seu tempo livre com atividades prazerosas.

- ***TRABALHO*** - habilidades relacionadas à manutenção, em parte ou tempo integral, de um trabalho. Exemplo: utilizar, no trabalho, as posturas mais adequadas. Com relação à Educação Física, pode-se marcar um jogo de futebol e, nesse caso, avaliar a pontualidade do aluno para o início dessa atividade, verificando o empenho em realizar as tarefas determinadas, o interesse pelo desempenho dos colegas, a solidariedade, a compreensão das regras e o respeito, entre outros aspectos que serão analisados e posteriormente trabalhados pela Educação Física, auxiliando os alunos a adotar atitudes e habilidades coerentes e adequadas ao ambiente de trabalho.

Após essa abordagem, propomos efetuar a avaliação do comportamento adaptativo, cujos modelos poderão ser adequados à clientela específica, bem como à realidade vivida pelos alunos e pelo professor.

É importante ressaltar que a avaliação, embora não "padronizada" deve obedecer a certas regras em sua aplicação, como: condutas semelhantes quanto ao grupo de alunos, aculturação, local, avaliador e atividades.

3.2.1 - SUGESTÃO DE ESTRUTURA DE TRABALHO MOTOR PARA A PESSOA DEFICIENTE MENTAL

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO

ADAPTATIVO DO ALUNO

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS

DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA

3.2.2 - SUGESTÃO DE FICHA DE AVALIAÇÃO EM ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, BASEADA NO COMPORTAMENTO ADAPTATIVO, SEGUNDO CONCEITO DA A.A.M.R. (1992)

Área do Comportamento Adaptativo	Sem Dificuldades	Com Dificuldades	Não Realiza	Não Observado
Comunicação				
Cuidado Pessoal				
Vida Doméstica				
Aptidões Sociais				
Participação Comunitária				
Autodireção				
Saúde e Segurança				
Funções Acadêmicas				
Lazer				
Trabalho				

3.2.3 - SUGESTÃO DE FICHA PARA ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR

Área do Comportamento Adaptativo	Dificuldades a serem trabalhadas
Comunicação	A - B - C -
Cuidado Pessoal	A - B - C -
Vida Doméstica	A - B - C -
Aptidões Sociais	A - B - C -
Participação Comunitária	A - B - C -
Autodireção	A - B - C -
Saúde e Segurança	A - B - C -
Funções Acadêmicas	A - B - C -
Lazer	A - B - C -
Trabalho	A - B - C -

CONCLUSÃO

Mediante o que foi investigado, percebemos como primeira necessidade que os profissionais de Educação Física das APAEs da região de Campinas, em geral, participem de um curso de aprimoramento ou reciclagem que lhes proporcione solidez teórica e prática, base para uma atuação segura e um posicionamento adequado na instituição, perante os outros profissionais da equipe, mostrando-lhes suas diretrizes de ensino em Educação Física Adaptada. É significativo registrar que esses profissionais já demonstram grande interesse na procura por informações sobre cursos e bibliografias científicas existentes na área da Educação Física Adaptada.

Constatamos que a maioria dos profissionais de Educação Física entrevistados utilizam o termo **avaliar** de maneira aleatória, parecendo não compreender o real significado dele. Sugerimos que realizassem avaliações adequadas para a Educação Física, baseando-se em observações criteriosas ou em modelos padronizados, acrescentando ou removendo aquilo que julgassem necessário ou, mesmo, criando um modelo, um instrumento de avaliação que contemplasse a realidade dos alunos e da instituição, e que considerassem os dados obtidos nas avaliações clínicas e pedagógicas. O instrumento de avaliação deve ser prático, proporcionando credibilidade ao que será feito.

Nesse sentido, pelo trabalho desenvolvido na Universidade e pela experiência obtida com esta pesquisa, sugerimos que esses profissionais de Educação Física realizassem uma avaliação do comportamento adaptativo da clientela, a fim de possibilitar a elaboração de programas adequados à pessoa deficiente mental, conforme proposta apresentada no Capítulo 3.

A avaliação do comportamento adaptativo difere da avaliação de outros domínios onde, na maioria das vezes, só a pessoa é testada. Neste caso, as informações sobre o indivíduo podem e devem ser fornecidas também por terceiros que lhes são próximos.

No momento da contratação de profissionais de Educação Física pela instituição, seria conveniente que, entre os critérios adotados, fosse verificado o interesse desses profissionais pelo trabalho com a pessoa deficiente, bem como sua formação acadêmica. Acreditamos que, dessa maneira, a Educação Física possa atingir seus objetivos, contando com a colaboração de professores bem formados e que sejam realmente educadores, desmistificando a visão de descompromisso que a Educação Física apresenta em sua história.

Finalmente, pudemos concluir, durante esta pesquisa realizada com os profissionais de Educação Física Adaptada nas APAEs da região de Campinas, que os referidos profissionais, com exceção de um professor, utilizam a observação informal, não criteriosa e não sistemática, como técnica de avaliação no trabalho motor com a pessoa deficiente mental, não possuindo protocolos ou registros dos dados obtidos.

Esses profissionais de Educação Física não utilizam efetivamente um instrumento de avaliação, mas preocupam-se com a elaboração de atividades motoras que beneficiem o indivíduo como um todo. Além disso, o tema avaliação despertou-lhes grande interesse, quando da realização deste trabalho.

Ao sugerir uma proposta de avaliação baseada no comportamento adaptativo, com estrutura simples e passível de ser aplicada em qualquer instituição de atenção à pessoa deficiente, acreditamos que os programas poderão ser elaborados de acordo com as necessidades avaliadas.

A proposta de avaliação não requer procedimentos e/ou instrumentais sofisticados, sendo factível sua viabilização. Ela também abre possibilidades para adaptações necessárias a cada realidade.

Dessa forma, este trabalho inicia, no âmbito da atividade motora adaptada, a discussão relativa ao binômio avaliação/comportamento adaptativo.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, R. C. et allii. *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico.* São Paulo, Manole, 1985.

ALMEIDA, M. A. Uma análise da nova definição e classificação do retardo mental. In: ENCONTRO LONDRINENSE DE ODONTOLOGIA PARA O PACIENTE ESPECIAL, 4, 1994, Londrina. *Anais...* Londrina, 1994.

AMARAL, L. A. *Pensar a diferença: deficiência.* Brasília : CORDE, 1994.

ARAÚJO, P. F. de. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade.* Campinas, 1996. 142p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1996.

ASSIS, S. M. B. *Avaliação do esquema corporal em crianças portadoras da Síndrome de Down.* Campinas, 1991. 89p. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, 1991.

BAGATINI, V. F. *Educação Física para o excepcional.* 5. ed. São Paulo : Sagra, 1984.

BOEHM, A. E., WEINBERG, R. A. *The classroom observer: a guide for developing observation skills.* New York : Teachers College, 1977.

BRASIL. Federação Nacional das APAEs. *Estatuto da Federação Nacional das APAEs.* Brasília, 1994.

_____ . Ministério da Educação e Cultura. Centro Nacional de Educação Especial. *Educação especial: dados estatísticos.* Brasília : MEC, 1974. v.1.

BROADHEAD, G. D. Adapted physical activity: terminology and concepts. In : DOLL-TEPPER, G. , DAHMS, C. , DOLL, B. et allii. (Eds.). *Adapted physical activity: an interdisciplinary approach.* Berlin : Springer Verlag, 1989. p. 3-9.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física.* São Paulo : Cortez, 1992.

DEPRESBITERIS, L. *O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma prática inovadora.* São Paulo : EPU, 1989.

DI DIO, R. T. Avaliação. In: PENTEADO, W. M. A. (Org.). *Psicologia e ensino.* São Paulo: Papelivros, 1980. p. 325-345.

DOMINGUES, J. R. *Interesses humanos e paradigmas curriculares.* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 67, n.156, p. 351- 66, maio/ago. 1986.

FERREIRA, A. I. F. *Modificações posturais: avaliação postural computadorizada em crianças portadoras de Síndrome de Down, antes e após a prática de atividades físicas no meio líquido.* Piracicaba, 1990. 70p. Dissertação (Mestrado) - Unimep, 1990.

FERREIRA, J. R. *A exclusão da diferença.* Piracicaba : Ed.da Unimep, 1994.

_____. *(Por) uma nova visão sobre a deficiência mental.* Revista Brasileira de Deficiência Mental - Edição Extra - 1995. p.13-16.

FONSECA, V. da. *Educação especial.* Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.

FREITAS, L. C. de. Avaliação: um problema para todos. *Sala de Aula*, p. 34, nov. 1990.

_____. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.* Campinas : Papirus, 1995.

GHANEM, JR., MENDONÇA, M. *Estudo exploratório sobre o destino ocupacional dos graduandos em pedagogia.* Revista da Faculdade de Educação, v. 15, n. 2, p. 245-252, jul./dez. 1989.

GIANNICHI, R. S. *Medidas e avaliação em Educação Física.* Viçosa : Ed. da Universidade Federal de Viçosa, 1984.

GIFFONI, L. *Campinas: a vizinha rica da maior cidade do Brasil.* Revista Bramex, São Paulo: v. 4, n. 12, p. 25-8, 1995.

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem.* São Paulo : Martins Fontes, 1991.

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação: mito & desafio. Uma perspectiva construtivista.* Porto Alegre: Educação & Realidade Revistas e Livros. UFRS, 1993.

JACQUARD, A. *Elogio da diferença.* São Paulo : Martins Fontes, 1988.

KIPHARD, E. J. Comments on adapted physical activity - terminology and concepts. In: DOLL-TEPPER, G., DAHMS,C., DOLL, B. et allii. (Eds.). *Adapted physical activity: an interdisciplinary approach.* Berlin : Springer Verlag, 1989. p. 11-13.

KIRK, S. A., GALLAGHER, J. J. *Educação da criança excepcional.* São Paulo : Martins Fontes, 1991.

KISS, M. A. P. D. *Avaliação em Educação Física.* São Paulo : Manole, 1987.

KREBS, R. J. *A Educação Física que eles merecem.* Brasília : MEC/FAE, 1983.

LUCKASSON, R. et allii. *Mental retardation: definition, classification, and systems of supports.* 9. ed. Washington : American Association on Mental Retardation, 1992.

LUCKESI, C. C. *Verificação ou avaliação: o que pratica a escola.* In: BORGES, ABEL et allii. *A autonomia e a qualidade do ensino na escola pública.* São Paulo : FDE, p. 71-80, 1984.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo : E P U, 1986.

MAESTRELLO, H. H. F. R. *O conceito de deficiência mental em uma revista especializada: um procedimento para análise.* São Carlos, 1983. 119p. Dissertação (Mestrado) UFSCAR, 1983.

MANTOAN, M. T. E. *Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais.* São Paulo : Scipione , 1989.

_____ . (Org.). *A integração de pessoas com deficiência. Contribuições para uma reflexão sobre o tema.* São Paulo : Memnon, 1997.

MARTINS, J. *Avaliação: seus meios e fins. Educação e Avaliação*, São Paulo : v. 1, p. 84-95, 1984.

MATHEWS, D. K. *Medida e avaliação em Educação Física.* 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.

MAZZOTTA, M. J. S. *Fundamentos de Educação Especial.* São Paulo : Pioneira, 1982.

MENDES, E. G. *Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional.* São Paulo, 1995. 387p. Tese (Doutorado) - USP, 1995.

NABEIRO, M. *Estudo sobre Educação Física Adaptada: primeiros textos publicados no Brasil.* Revista Integração, v. 2, n. 6, p. 45-7, set. 1989.

_____ *Análise do movimento de arremessar em diferentes tarefas realizadas por crianças portadoras de Síndrome de Down.* Campinas, 1993. 72p. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, 1993.

NUNES, L. R. O. P., FERREIRA, J. R. Deficiência mental: o que as pesquisas brasileiras têm revelado. In: ALENCAR, E. M. L. S. de. *Tendências e desafios da educação especial.* Brasília : MEC/SEESP, 1994. p. 50-81.

OLIVEIRA, G. C. de. *Psicomotricidade: um estudo em escolares com dificuldades em leitura escrita.* Campinas, 1992. 265p. Tese (Doutorado) - Unicamp, 1992.

OMOTE, S. A importância da concepção de deficiência na formação do professor de educação especial. In: BICUDO, M. A. V., SILVA JUNIOR, C. A. da. (Orgs.). *Formação do educador.* São Paulo, Ed. da UNESP, 1996. p. 13-25. v.3.

ONU. *Declaração dos Direitos do Deficiente.* O Correio da Unesco, RJ, v.9 , n.3, p.7, mar. 1981.

PEDRINELLI, V. J. (Org.). *Educação física adaptada: a criança portadora de DM, DA, DV, DF e a prática de atividade física.* São Paulo: EEFUSP/DG, 1991.

PELLEGRINI, A. M., JUNGHANEL, V. *A Educação Física no ensino de primeiro grau e a pessoa portadora de deficiência.* (no prelo).

PESSOTTI, I. *Deficiência mental: da superstição à ciência.* São Paulo : EDUSP, 1984.

POPHAM, W. J. *Avaliação educacional.* Porto Alegre : Globo, 1983.

REGEN, M., ARDORE, M., HOFFMANN, V. M. B. *Mães e filhos especiais: relato de experiência com grupos de mães de crianças com deficiência.* Brasília : CORDE, 1993.

RODRIGUES, D. A. Atividade motora como recurso educacional para o portador de deficiência mental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 1., 1995, Campinas. *Anais.* Campinas : FEF/Unicamp,1995.

_____ *Organização curricular do Departamento de Estudos de Atividade Motora Adaptada: documento de trabalho.* Campinas : Faculdade de Educação Física/Unicamp, 1996.

RODRIGUES, J. L. *A Educação Física no contexto interdisciplinar e a pessoa portadora de deficiência.* Piracicaba, 1991. 109p. Dissertação (Mestrado) - UNIMEP, 1991.

ROSADAS, S. C. *Educação Física especial para deficientes.* Rio de Janeiro : Atheneu,1986.

_____ .*Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: eu posso vocês duvidam.* Rio de Janeiro : Atheneu, 1989.

SALVIA, J. , YSSELDYKE, J. E. *Avaliação em educação especial e corretiva.* 4. ed. São Paulo: Manole, 1991.

SEAMAN, J. A., DE PAUW, K. *The new adapted physical education: a developmental approach.* Palo Alto : Mayfield, 1982.

SHERRILL, C. Interdisciplinary perspectives in adapted physical activity. In: DOLL-TEPPER, G., DAHMS,C., DOLL, B., et allii (Eds.). *Adapted physical activity: an interdisciplinary approach.* Berlin : Springer Verlag, 1989. p. 23-8.

SILVA, A. G. da. *O movimento apaeano no Brasil: um estudo documental (1954-1994).* São Paulo, 1995. 188p. Dissertação (Mestrado) - PUC/SP, 1995.

SILVA, P. T. N. *Avaliação da aprendizagem em Educação Física na escola de 1° grau - Campinas - SP.* Campinas, 1993. 252p. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, 1993.

SOUSA, C. P. de (Org.). *Avaliação do rendimento escolar.* 4.ed. Campinas : Papirus, 1995.

SOUSA, S. Z. L. A prática avaliativa na escola de 1° grau. In: SOUSA, C. P. de (Org.). *Avaliação do rendimento escolar.* 4. ed. Campinas : Papirus,1995.

SOUZA, M. P. R. de et allii. *A questão do rendimento escolar: subsídios para uma nova reflexão.* Revista da Faculdade de Educação, v.15, n.2, p. 188-201, jul./dez. 1989.

TYLER, R. W. *Princípios básicos de currículo e ensino.* Porto Alegre : Globo, 1974.

VALLETUTTI, P. Avaliação pedagógica: dar o papel principal aos professores. *Educação Especial e Reabilitação,* v.1, n.3, jun. 1990.

VIANNA, H. M. *Testes em educação.* 3ª. ed. São Paulo : Ibrasa, 1978.

VILLAS BOAS, B. M. F. *As práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico.* Campinas, 1993. 471p. Tese (Doutorado) - Unicamp, 1993.

WINNICK, P. J. *Adapted physical education and sport.* Champaign : Human Kinetics, 1990.

YSSELDYKE, J. E. , SINN, M. R. Avaliação psicoeducacional: métodos e estratégias em educação especial. In: RODRIGUES, D. A. (Org.). *Antologia de textos.* Lisboa : Universidade Técnica, 1991. p.11- 40.

ANEXO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Prezado(a) Senhor(a)

Este questionário se destina à realização de um trabalho acadêmico na Faculdade de Educação Física da Unicamp, com o objetivo de caracterizar os modelos de avaliação e planejamento em Educação Física Adaptada nas APAEs do Estado de São Paulo. Para tanto, solicito, por gentileza, preencherem e enviarem, posteriormente, para esta Faculdade, no envelope anexo.

Esclarecemos que a(s) identidade(s) do(s) respondente(s) e da Instituição são absolutamente confidenciais, devendo ser o referido questionário utilizado apenas para fins estritamente acadêmicos.

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada a este questionário, certos de que sua resposta sincera poderá contribuir para uma melhoria da formação e intervenção na área de Educação Física Adaptada.

Atenciosamente

Ana Isabel de Figueiredo Ferreira
Professora

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

NOME DA INSTITUIÇÃO:

ENDEREÇO:

CIDADE: **CEP:**

TELEFONE: **FAX:**

Questão I) Quais os profissionais que atuam na instituição?

fonoaudiólogo ( ) pedagogo ( ) psicólogo ( )

terapeuta ocupacional ( ) médico ( ) assistente social ( )

professor de educação física ( ) dentista ( ) outros ( )

Questão II) Quais os critérios utilizados para a admissão do aluno nessa instituição?

_____

_____

_____

_____

Questão III) A avaliação nessa instituição é feita por áreas?

sim ( ) não ( )

Em caso de resposta afirmativa, quais?
( ) área clínica
( ) área pedagógica
( ) outras - especificar

Questão IV) Caso exista professor de Educação Física nessa instituição, solicite que ele responda as questões abaixo:

a. Há programas de avaliação em Educação Física?

sim ( ) não ( )

b. Em caso positivo, em que momento esta avaliação é aplicada?

c. Em caso negativo, por quê?

d. O que é feito em termos de avaliação na Educação Física?

e. Quais itens são importantes neste tipo de avaliação?

Questão V) Quem aplica esta avaliação?

Questão VI) Esta avaliação é feita igualmente para todas as crianças portadoras de deficiência? (Em todos os níveis de deficiência e faixa etária?)

( ) sim ( ) não ( ) por quê?

Questão VII) A Educação Física interage com outras áreas profissionais dentro da instituição?

( ) sim ( ) não

a. De que forma?

b. Em que momento?

Questão VIII) Quais são os objetivos da Educação Física nessa instituição?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
Faculdade de Educação Física - Departamento de Atividade Física Adaptada
Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo
Campinas - SP
CEP 13081-970
A/C. Prof ª. Ana Isabel de Figueiredo Ferreira